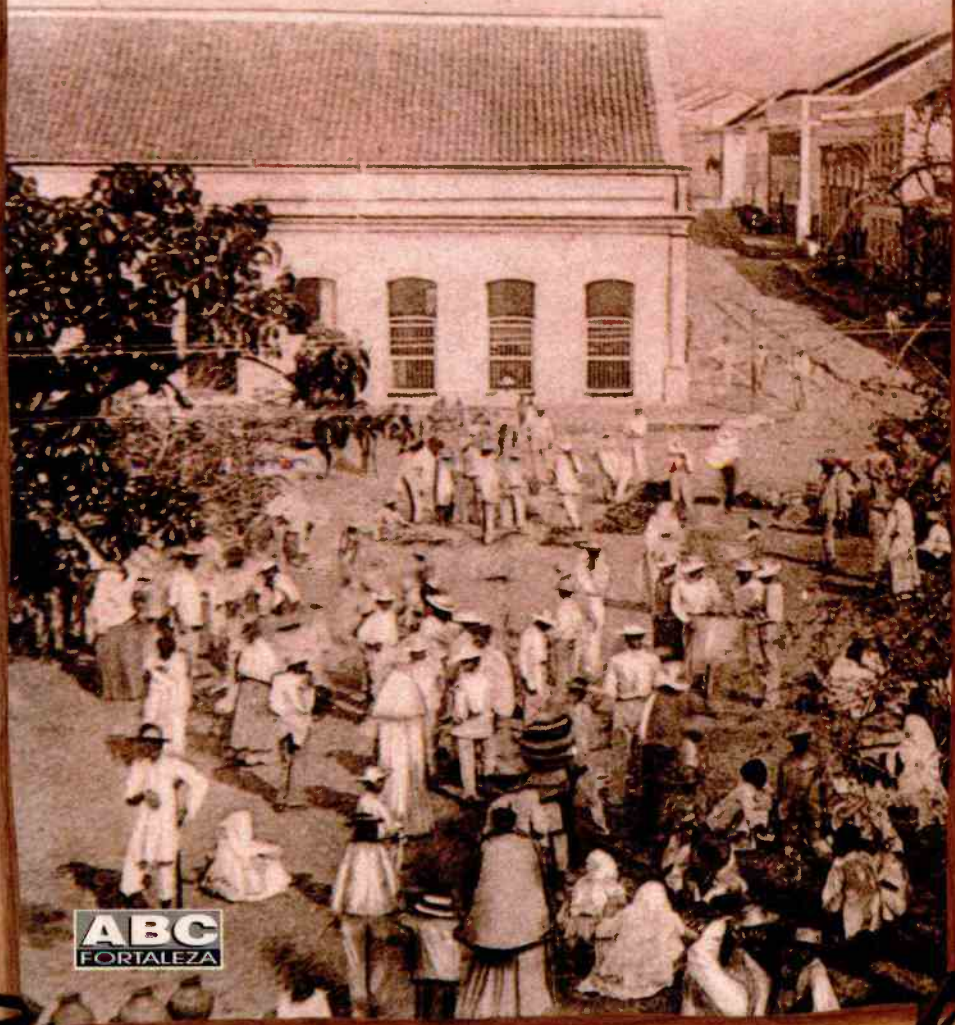
LUSTOSA DA COSTA

FOI NA SECA DO 19



ABC
FORTALEZA

Acabo de ler seu romance *Vida, Paixão e Morte de Etelvino Soares* e chego à conclusão de que você foi, realmente, picado pela mosca azul da ficção. Tem razão Abdias Silva quando observa que você "construiu uma história com grande variedade de tipos, numa narração linear e apaixonante". Essa "narração linear", sem cortes abruptos no fluxo da narrativa, talvez seja um dos aspectos mais positivos do seu romance de estréia, na medida em que não exige grande esforço do leigo para compreender o que se passa à volta do turbulento universo do protagonista, o patético Etelvino Soares.

É sabido que os críticos do tempo de Eça costumavam criticar o autor de *Os Maias* pelo rigor do traço com que ele desenhava a estatura física e moral de seus personagens. Acusavam-no de abusar de pinceladas caricatas, compreendendo desse modo a humanidade dos numerosos figurantes que transitam nas páginas de seus romances. Leitor compulsivo de Eça, parece que você aprendeu com ele essa espantosa habilidade de "marcar" os seus personagens mediante o registro, a nanquim, de suas deformações físicas ou morais.

Logo no começo do romance, você coloca em destaque a figura patética e quixotesca de Etelvino Soares, que "marcha ao encontro da morte pelas ruas lamacentas, as abas do fraque abertas ao vento como velas enfunadas". Essa metáfora das "velas enfunadas" acompanha o leitor ao longo de todo o livro e reforça, ao mesmo tempo, o clima de turbulência que vai pelo corpo e pela alma de Etelvino Soares, inapelavelmente marcado para morrer. Essa morte anunciada de Etelvino Soares, executada por um grupo de inimigos políticos, nos comove não apenas pela brutalidade de que se revestiu, como também pela fragilidade do indefeso e romântico tipógrafo.

Mas não é só a triste figura de Etelvino Soares que nos causa impressão forte e duradoura. Os numerosos personagens que circulam no universo do romance, figurões que se agasalham à sombra do poder ou pequenos cafajestes mutilados pela mesmice da rotina e

do cotidiano, todas essas criaturas, pertençam ou não à hierarquia política da época, passam a "viver" com absoluta autonomia, independentemente dos caprichos do narrador. Não se comportam como simples espantalhos.

Destaque-se, ainda, a sua inarredável vocação para a abordagem picaresca dos fatos. Você não é menos engenhoso, nesse tocante, do que os celebrados autores de *O Malhadinhas* e de *O Coronel e o Lobisomem,* livro a que o Braga Montenegro costumava referir-se com os maiores elogios e por ele considerado uma das obras-primas da literatura brasileira. É lamentável que os editores não se interessem pela reedição de obras desse porte. Hoje prevalece, acima de tudo, o fator mercadológico. Que o digam os Paulo Coelho da vida.

Queria apenas dizer-lhe, mestre Lustosa, que o seu livro me agradou plenamente. É gostoso de se ler, pela forma e pelo conteúdo, pela competência e pela irreverência que o permeiam, pelos encantos e dinâmica da linguagem. Sobretudo pela maneira descontraída com que você conduz a narrativa até o seu desfecho final. A linearidade da narrativa nos poupa de complicações estilísticas e de arroubos metafísicos, coisas que não costumam figurar no cardápio do leitor mediano e geralmente só agradam ao paladar de um reduzido grupo de eleitos. Você conta a história de Etelvino Soares com absoluta descontração, com a fria objetividade de um escrivão juramentado, que não arreda os olhos das provas documentais.

Você entra, com a maior dignidade, na vasta galeria dos melhores contadores de histórias do país. Chego à última página do livro e não consigo afastar de minhas retinas fatigadas (acho que isso é do poeta Drummond) a imagem patética do protagonista Etelvino Sores, pobre de carnes e rico de idéias mirabolantes, marchando "ao encontro da morte pelas ruas lamacentas, as abas do fraque abertas ao vento como velas enfunadas". E isso me deixa comovido como o diabo (ainda o poeta Drummond).

Francisco Carvalho

FORTUNA CRÍTICA DO AUTOR

De França:

"J'ai lu avec un considérable interêt le beau et émouvent récit que vous avez bien voulu envoyer". (Claude Lévi-Strauss).

"Oui, j'ai lu avec délectation, effroi et admiration, selon ses moments, votre étonnannt Vida, Paixão e Morte de Etelvino Soares. Quel personnagem et quel roman! Je vous en remercie très sincèrement. Cette "saga de la liberté de la presse à Sobral" est magnifique et passionnante. C'est un vrai "livre de combat" (sans jeu de mot), mené a un rythme trépidant". (Alice Raillard, da Gallimard).

Dos Estados Unidos:

"Li e gostei imensamente.

Os elementos irônicos, cômicos e trágicos misturam-se num mélange tocante e simpático. É de um fatalismo desses que a gente (leia: o leitor) tem vontade de quebrar, de reescrever, tanto o envolvimento com o que está se passando 'na tela'.

Tem toda razão: merece ser (e seria) uma telenovela como poucas!" (Malcolm Silverman, da Universidade do Estado da Califórnia).

De Portugal:

"Muito grato pela gentil oferta de seus livros (o romance de Etelvino Soares e as crônicas de todos nós), cuja leitura iniciei de imediato. Estou encantado. Trata-se de duas obras excelentes, cujo fino recorte estilístico envolve de prazer e encanto o leitor temporal deste Brasil a um tempo histórico e quotidiano. Aprecio a energia e a simplicidade da sua prosa. Envolvem-me os sentimentos fortes do humor, do riso e das tragédias que povoam os seus mundos narrados. E julgo reconhecer nestes retratos a corpo inteiro de um Brasil em duplo (o reacionário e o combativo da mudança) não apenas os tipos sociais que caracterizam, como também a memória de quase toda a nossa literatura. Desejo vivamente felicitá-lo". (João de Melo).

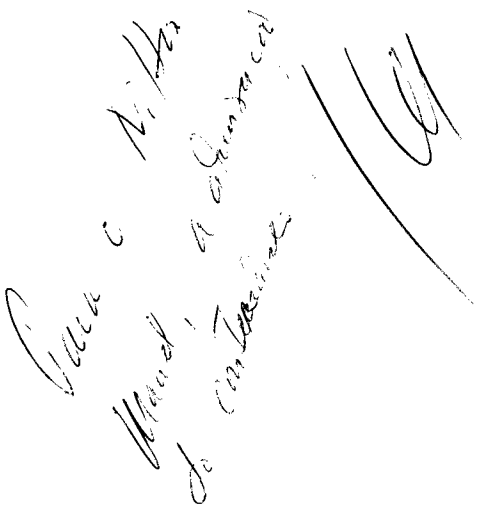
De Cabo Verde:

"Recebi hoje o seu livro *Vida, Paixão e Morte de Etelvino Soares* que quero agradecer com amizade. Já antes tinha recebido *Clero, Nobreza e Povo de Sobral* que adorei pela forma ironicamente maravilhosa como você fez crescer os personagens quase que perante os olhos do leitor". (Germano Almeida).

De Moçambique:

"Fui aos correios há uma hora e meia atrás e, assim, não fui ainda longe. Mas agradou-me muito o estilo na fronteira entre jornalismo e ficção, a forma solta e enxuta do texto. Estou gostando muito, o texto agarra bem, tem tudo de bom que o jornalismo pode ensinar a um prosador. A história contada em flashs é muito visual e atraente". (Mia Couto).

ISBN 85-87653-04-0



Foi na Seca do 19

Ficha Técnica

Projeto Gráfico e Editoração
SANDRO VASCONCELOS

Revisão de Originais
LEONORA VALE

Capa
HERON CRUZ

Impressão e Acabamento
GRÁFICA ABC

Catalogação na Fonte
RITA DE CÁSSIA BARROSO ALVES
BIBLIOTECÁRIA CRB-3 755

C837 Costa, Lustosa da

Foi na seca do 19 / Lustosa da Costa.- Fortaleza: ABC, 1999.

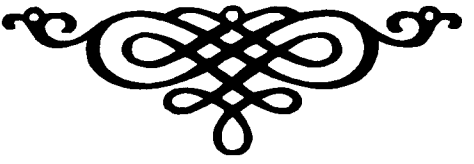
224p.

1.Literatura cearense - Romance.
I. Título

CDD B869.313

Lustosa da Costa

Foi na Seca do 19



ABC FORTALEZA

Fortaleza
1999

LIVROS PUBLICADOS

- *A descapitalização do Nordeste no setor privado* (bancos) Fortaleza, 1961
- *Anuário do estado do Ceará*, co-autoria com Dorian Sampaio, Fortaleza, 1971-1972
- *Anuário do estado do Ceará*, co-autoria com Dorian Sampaio, Fortaleza, 1971-1974
- *Ideologia do favor* - Curral e Cabresto, Fortaleza, Stylus Comunicações Ltda, 1977
- *Por eu sou candidato*, Fortaleza, 1978 (Edição do Autor)
- *Sobral do meu tempo*, Brasília, 1982 (Coleção Lima Barreto - Senado Federal)
- *Cartas do beco*, Fortaleza, Stylus Comunicações, 1983 e A travessia, Brasília, Coleção Hipólito José Costa (Senado Federal), 1984
- *Fortaleza, meu amor*, Stylus Comunicações, 1987
- *Clero*, nobreza e povo de Sobral, Centro Gráfico do Senado, 1987
- *Louvação de Fortaleza*, Edições Casa de José de Alencar, Programa Editorial. Imprensa Universitáriada Universidade Federal do Ceará, 1995.
- Vida •paixão e morte de Etelvino Soares, 5. Paulo, Editora Maltese, 1996.
- *No Aprês-Midi de Nossas Vidas*, Edições Casa de José de Alencar, Programa Editorial. Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1997.
- *Rache o Procópio*, Edições Casa de José de Alencar, Programa Editorial. Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1998.

A PUBLICAR

- *Como me tornei sexagenário.*

Apresentação

As histórias curtas do escritor, e também jornalista (para inverter um pouco o que já foi dito a seu respeito), Lustosa da Costa contidas neste, *Foi na Seca do 19*, podem (ou devem) ser tomadas como independentes e autônomas entre si, mesmo sentindo – e qualquer leitor que conheça seu romance e crônicas irá sentir – que são retalhos de um tecido maior que se propõe a contar a vida miúda da provinciana Sobral da primeira metade do nosso século.

São retalhos independentes, apesar da unidade estilística, temporal e geográfica, cada um com sua trama singular: engraçada às vezes, trágica noutras, ou – o que é mais comum – trágicas e cômicas ao mesmo tempo. Muitas vezes sentimos o gosto azedo da tristeza em meio a uma gargalhada; em meio a banalidade coletiva desenrolam-se tragédias pessoais.

Dentre as muitas leituras possíveis uma se mostra plausível: a história sócio-política de nossa província, tão pouco focalizada pela história oficial (ou oficiosa) a luta dos correligionários de vários partidos, seus heroísmos, hipocrisias, tão bem representados por personagens como o *"Etelvino Soares"*, *"Olímpia Catingueira"* e *"Geminiano Pena"*.

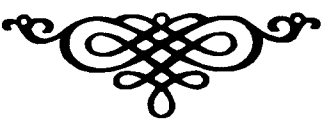
Ao lermos estes contos nos transportamos para as conversas de calçadas, as fofocas de botequins e esquinas, tão em moda no período anterior ao surgimento da televisão. Sentimos o gosto das novidades contadas quando se voltava de viagem após longa ausência: as histórias sempre contadas com uma pitada de malícia e em tom de lorota.

Pedro Rodrigues Salgueiro

Sumário

Foi na Seca do 19 9
As Noites de Amor de Dona Efigênia 81
A Máquina de Costura 107
A Peixada 113
A Beata 129
O Dr. Leite e a Costureira 139
A Volta ao Poder 153
O Dia Seguinte 163
Reverendo Suely 169
A Cadeia e o Cemitério 179
As Noites de Amor do Doutor Célio 185
O Passador de Dinheiro Falso 195
A Botija 203
Os Ciúmes do Padre Carneiro 211

Foi na Seca do 19



É uma abafada e quente tarde de domingo. Geminiano Pena e Belinha conversam na sala de visitas. A dona da casa, ao piano, toca uma valsa com tanto sentimento que Geminiano se diz enciumado do compositor. Do que ela está sentindo. Em quem está pensando. Ela pára de tocar, levanta-se e vai até a cadeira de balanço em que ele está sentado, fumando e o beija:

"Seu bobo, só posso estar pensando em você. Por que ia perder tempo com outra coisa, se você é a melhor do mundo?"

Ele a abraça e a beija. Belinha se desvencilha sem pressa e avisa:

"Vou lá dentro por um minuto".

"Fazer o quê?"

Ele murmura algo entre os dentes, em voz baixa.

Ele insiste:

"O que foi mesmo?"

Belinha cria coragem e responde:

"Dar de mamar ao Raimundinho."

"Tem de ser lá no quarto? Afinal, o Coelho viajou, dispensamos as empregadas para ficarmos sempre juntos. Por que tem de ser no quarto?"

Belinha, de cabeça baixa, responde:

"É o jeito."

"Só pode ser lá?"

"É claro, só pode ser lá."

"Por quê?"

"Porque, na sua frente, ia morrer de vergonha. Não ia ficar com o seio descoberto."

"Não, senhora. Vim passar o dia em sua companhia. Não vou deixar você só nem um minuto. Afinal, o neném quem fez fui eu."

"Deixe dessas conversas. Alguém pode ouvir. Tenho medo de castigo de Deus. Afinal, tudo está dando tão certo."

"Pois é, te dei um filho e o prazer de fazê-lo. Eu quero ele pra nos aproximar. Vá buscá-lo."

"Fico encabulada".

"Vamos buscar nosso filho lá."

"Meu amor", hesita Belinha.

Belinha se levanta, indecisa. Ele se ergue e a abraça, acariciando-lhe os seios.

"Cuidado."

"Você acha que vou lhe machucar?"

"É que tem muito leite, suja o vestido."

Ele descobre-lhe os seios e os beija:

"Gosto é assim. Venha logo pra cá que agora, estou querendo ver este guloso mamando no que é meu."

Belinha traz o filho e senta-se noutra cadeira de balanço. Geminiano aproxima-se. Quer ficar pertinho dela. Belinha não se movimenta. É ele quem lhe tira o seio moreno do corpete, cheio de leite, pingando do bico moreno, azeitonado e o aproxima da boca da criança. Belinha fica ruborizada, cheia de pudores. Raimundinho começa a mamar. Ela pressiona os seios entre os dedos para que o leite saia com fartura.

Pena se excita, vendo a criança sugando o peito, o leite escorrendo-lhe pelo canto da boca.

"Meu amor, depois você me dá?"

"Dá o quê, menino?"

"Você sabe ..."

Ela não entende ou finge não entender o que ele pede.

"Não podemos, não. Pode fazer mal. Afinal, ele não tem nem dois meses. Pode doer."

"Não, não é isso, não, meu amor."

"O que é então?", pergunta Belinha, curiosa.

Ele não responde. Prefere agir. E vai tirando o outro seio do corpete.

"Ai, cuidado, me magoa. O que você está querendo?", pergunta ela sorrindo.

"Mamar, também. Também quero."

"Não, não, é feio, pecado. É só pro neném."

"Que feio, que pecado, que nada. É gostoso como tudo que tenho feito com você."

"Deixa lavar."

"Não, não, lava depois que eu mamar."

Ele sente o seio moreno de Belinha no côncavo da mão. Beija-lhe o bico molhado e começa a mamar. Ela resiste um pouco. Muito pouco. Depois, sem que mesmo saiba o porquê, desabotoa a touca do neném e coloca sobre a cabeça de Pena. Ele se excita ainda mais e pede:

"Vamos pra cama. Assim está muito incômodo pra nós."

Ela brinca:

"Vou, faço tudo o que você quiser, com uma condição. Só se você amarrar a touca no queixo."

Geminiano Pena, o engenheiro do DNOCS, com mais de três mil homens, a seu serviço, um dos homens mais importantes do Nordeste, ajeita a touca da criança na cabeça e se levanta da cadeira. Os dois vão pro quarto. Lá, ele a abraça por trás, segurando-lhe os seios expostos. Há um rumor de roupas rasgadas e botões soltos caindo no chão. Ele pede:

"Deixa o neném no berço que, agora, eu te quero."

"Mamar?"

"Não só mamar. Quero você toda."

"Pode doer."

"Pode, mas é só no começo. Depois você vai ver como é bom. Não lhe tenho ensinado só coisas gostosas?"

"Mas, às vezes, tenho nojo. Muita coisa é feia, é pecado."

Belinha coloca o filho no berço e vem pra cama, vestida. Pena lhe levanta a roupa, com força e pressa. Eles se abraçam. Quando gozam, a criança chora, com desespero.

* * *

Não pensem os leitores que Geminiano Pena chegou de repente, assim sem mais nem menos, aos peitos morenos de dona Isabel Liberato Coelho Pereira, senhora das mais respeitáveis de nossa sociedade. É comprida a história, iniciada no ano da seca de 1919 na tórrida cidade de Sobral, capital do noroeste do Ceará.

* * *

Raimundo Coelho Pereira, dono da próspera "A Ferragista" ia passando, apressado, como sempre, em frente à redação de *O Equilíbrio* e residência de seu diretor, Josenildo Rodrigues, de trás do Mercado Público onde, no fim das manhãs e antes dos crepúsculos, se forma animada roda de conversa, constituída geralmente de líderes conservadores.

"Serão centenas de contos de réis" diz, em tom exaltado, como se estivesse brigando, o juiz municipal Aristeu Honório Parente, sungando as calças sempre frouxas, sempre caindo e puxando o grande lenço, sujo de tabaco para assoar o nariz.

"Ele é nortista, paraibano. Não nos vai deixar à míngua como os paulistas e os mineiros", concorda com voz fanhosa o padre Epaminondas Silvestre, mulato, entroncado, de pescoço torto pro lado direito, a caminho do ombro.

"Du-vi-do. Quero, primeiro, ver", diverge, as mãos para trás, o cético padre Ignácio Montanha, diretor de *O Lábaro* que encontra mais um motivo para discordar do colega.

Era a "barraca", isto é a roda de conversa dos marretas da cidade que se reúne de manhã antes do almoço, rapidamente, e, à tardinha, mais demoradamente, debaixo de um ficus de benjamim, na calçada em frente ao jornal de Josenildo Rodrigues. Estão ali, ainda, Júlio Aragão que voltou do Amazonas com algum capital para roer e histórias fantásticas para contar, um primo de Belinha, o velho médico João Evangelista de Souza, homem de muitas leituras e pouco amor à profissão, famoso por sua preguiça, de quem o Dr. Emerenciano Jordão diz que quando dá um recado passa três dias de res-

saca, e um rapaz, magro, pálido que ele não conhece, que ouve a conversa, escorado sobre o guidom da bicicleta.

Aquelas previsões são um choque para o Coelhinho. Excitam-no e levam-no a andar ainda mais apressado no rumo da catedral da Sé, a barriguinha proeminente à frente abrindo caminho, o paletó ao vento, segurando o chapéu que parece querer fugir. O sangue lhe ferve e ele começa a sonhar alto. Já nem mais tem na cabeça o que ia fazer na Praça da Sé. Entra em transe. A construção de açudes e estradas, na região, seria a oportunidade para vender centenas, milhares de pás, picaretas, enxadas, facões, carrinhos de mão. Talvez até para montar fornecimento para vender comida aos operários alistados pelo DNOCS nas obras públicas. Ele se pergunta e se responde:

"E o dinheiro?"

"A Ferragista" é casa importante na cidade e desfruta de excelente crédito em Belém do Pará, São Luiz e Recife. Além do mais, pode vender as 350 cabeças de gado da herança de Belinha lá no Jaibara e transformar tudo em estoque. O resto compra a prazo. E pensa consigo mesmo: "se chego à frente dos outros, levo uma vantagem danada".

O resto do dia, no armazém, passa-o falando sozinho, simulando contas, imaginando os bons negócios que pode fazer. Sente, diante de si, a vertigem, a oportunidade que sempre esperou de ficar rico. Tem de arriscar. É pegar ou largar. E ele vai agarrá-la pela cabeça, pelos cabelos, pelas orelhas, para se transformar num dos homens mais ricos da cidade. Para poder sentar, de igual para igual, nas mesas do Grêmio, nas festas, com os Jordão. Na dos Democratas, com os Vasconcelos, os Mendes, os Motas, ricos das bandas da Santana. Para dar a Belinha casa tão rica, quanto a que estava construindo o Raimundo Soares que chegara da minúscula Ipu para se estabelecer na praça. Presentearia a mulher com jóias, casa na Serra de Meruoca e, talvez, automóvel, já que não lhe pode dar o que tanto queria: um filho. Ele mesmo, à noite, já no quarto de dormir, tange, pra longe, aquela lembrança inoportuna que tanto o mortifica.

Pensa estar falando com Belinha. De fato, conversa consigo mesmo, balançando-se na rede branca, muito branca, as pernas pequeninas sem alcançar o chão. Vestido em seu camisolão, ele projeta, na parede do quarto de dormir, uma sombra grotesca que leva a mulher ao riso.

* * *

Coelhinho é comerciante de quase quarenta anos, moreno claro, baixinho, de nariz e ventre pontudos, nervoso, meio gago, sempre apressado. Na rua, em casa, está sempre pensando em negócios. Nunca está indolente. Sempre tem ou inventa o que fazer. Sua cabeça é uma máquina de calcular. Fora isso, trata de agradar todo o mundo, o bispo, Dom Manuel, o chefe marreta, o todo poderoso Juiz, herdeiro do dono da fábrica de tecidos e de vinte e tantas fazendas, doutor Emerenciano Jordão, seu lugar tenente, o juiz municipal Aristeu Gomes Parente, o diretor de *O Equilíbrio*, Josenildo Rodrigues, o diretor de *O Combate*, o temível Etelvino Soares, Olímpia Catingueira, chefe virtual dos democratas e dona da pensão "Rendez vous des Amis".

Quando chegam os três engenheiros do DNOCS para comandar obras públicas na região, tanto faz que consegue cair nas graças do engenheiro Geminiano Pena, fluminense, vagamente aparentado do ex-presidente da República Afonso Pena, casado, muito mal casado com a sobrinha do Inspetor Geral que vai construir o enorme reservatório d'água do Forquilha e trazê-lo para almoçar, todo o dia, em sua casa, para desgosto de dona Belinha que se queixa de ter de passar a viver "pronta", elegantemente vestida por conta da visita importante.

Coelhinho é casado com dona Belinha. Isabel Liberato Coelho Pereira é morena, bonita, um pouco descuidada no vestir, talvez por sair tão pouco; dona, porém, de lindo palmo de rosto onde se alojam duas covinhas faceiras. Ela nasceu abastada porque neta do padre Manuel Liberato dos Santos, embora quem apareça no batistério seja o nome do irmão do

sacerdote, José, que morreu enfrentando onças e sezões, embrenhado num seringal do Acre. Desencantada de ter filhos, Belinha passa o tempo lendo livros emprestados pela prima, quase tia, Creusa Evangelista de Souza, olhando o piano que lhe deu o avô, sem coragem de tocar, ou então, deitada, de olhos pregados no telhado do amplo quarto de dormir, vendo a vida passar.

* * *

A cidade tem dois clubes, duas orquestras, dois jornais, pertencentes aos dois principais grupos políticos da terra, afora *O Lábaro*, da Diocese, dirigido pelo exaltado padre Ignácio Montanha. *O Combate*, de Etelvino Soares, é ligado aos democratas. Hostiliza, no plano local, a família Jordão, no estadual, os Accioly, do comendador Nogueira Accioly e a influência da família Jordão nas obras contra as secas. *O Equilíbrio*, dirigido por Josenildo Rodrigues, é financiado pela família Jordão, defende as oligarquias local e estadual, os engenheiros do DNOCS e procura intrigar, ainda mais, Etelvino Soares com o clero.

Ao contrário dos seus dois colegas, empenhados em agradar ao deputado Jordão, Geminiano procura atender, eqüitativamente, às duas facções em choque na cidade, fugindo à influência dos Jordão e dos democratas. *O Combate* o poupa de seus ataques. Com o tempo, Etelvino Soares chega a se fazer amigo de Geminiano quando hóspede do "Rendez vous des Amis", graças a encontro, arranjado pelo dono de "A Ferragista", Raimundo Coelho Pereira.

* * *

É maio de 1919. Centenas de famílias de sertanejos, flageladas pela longa estiagem, se aglomeram em torno do Mercado Municipal, trazendo inquietação, quase pânico. Os comerciantes fecham as portas de suas lojas, escorando-as com mesas, latas, balanças, pilões, e apelam para o juiz e para o delegado

de polícia, temerosos de arrombamentos e saques. Querem que os famintos sejam confinados do outro lado do rio Acaraú.

Dentro em pouco, surge na praça o delegado Antônio Reis Cavalcante, mal se sustentando na sela de tanta cachaça "Sacode" já consumida, para espantar sezão contraída na Amazônia, à frente de 12 praças. Relho na mão, que vibra no ar, para amedrontar os famintos, ele tange os flagelados:

"Já disse que não quero vocês na cidade. Só vão fazer confusão. Voltem todos pro outro lado do rio. Aqui, não quero ver mais nenhum de vocês. Doutra vez será no cacete."

Com brutalidade, os soldados empurram chorosas famílias de sertanejos para longe do centro da cidade.

* * *

A seca é braba. Talvez pior que a de quatro anos antes, pelo menos para o gado, porque toda pastagem se perdeu. Do outro lado do rio, quase inteiramente seco, multidões de retirantes esperam a morte, por inanição, debaixo das árvores queimadas pelo sol, discretamente vigiados pela Polícia para que não invadam a cidade. A ajuda, que o Governo estadual mandou, as esmolas recolhidas pelo bispo, os recursos arrecadados pela Liga de Proteção aos Flagelados, acabaram. Agora se esperam obras do DNOCS que poderão alistar muitos sertanejos. Enquanto isto, eles são vigiados para que não perturbem o sossego dos doutores e aristocratas que curtem, geralmente no ócio, as rendas de suas fazendas de gado, suas plantações de algodão e carnaúba, os alugueis de seus prédios, em suas casas apalacetadas e em velhos sobradões.

Não se pode, porém, dizer que a elite se mostra insensível ao sofrimento dos flagelados. Jamais se deram tantas festas de caridade em Sobral. É quase todo dia em que se promovem café da manhã, almoço, piquenique, quermesses, bailes onde o *champã* francês rola como as águas do rio Acaraú em tempo de boa chuva, tudo feito no desesperado esforço de minorar o sofrimento dos pobres.

* * *

Tem o rosto bonito, emoldurado por cabelos louros, Margarida Honório Parente. Os olhos são azuis, o nariz bem feito, a dentadura bem cuidada. É porém, uma derrotada na batalha contra o peso. Uma gorda risonha e conformada. É uma das herdeiras do comerciante Floripes Pereira Ramos, velhote elegante que todos os anos passa, sozinho, pelo menos dois meses, no Rio de Janeiro, na farra, segundo se diz e ele não faz questão de desmentir. São sete filhas que gastam o tempo todo em conversas na calçada, conversas de intensas preocupações sexuais, balançando-se na rede e comendo, o que leva o barbeiro e traumatologista Antônio Raimundo Alves a dizer:

"As filhas do Floripes adoram quatro erres: roda, rua, rede e rola ... "

* * *

Os democratas são chefiados pelo sempre ausente, senador João Felipe Maia, pelos principais comerciantes da cidade e por uma mulher brava, a hoteleira Olímpia Catingueira, inimiga do Bispo e do Juiz. Eles ajudam o jornal de Etelvino Soares, de *O Combate*, que é rapaz atrevido, modesto de origem, irmão do ex-tecelão da fábrica do Jordão, Quincas, hoje carroceiro que tem, na fábrica, seu maior cliente.

Sobral, espremida entre os rios Acaraú e Coreaú e a Serra da Meruoca, é famosa pelo clima tórrido, somente suavizado no final da tarde quando sopra a brisa do Aracati. É nela que se trava briga de foice pela apropriação dos colossais recursos das obras públicas que o governo Epitácio Pessoa vai construir na região, a partir da seca de 1919.

* * *

Asmática, a máquina do trem se arrasta no caminho do Sobral. No carro especial, vão os três engenheiros do DNOCS que comandarão importantes construções na área. Nas estações onde param, defrontam-se com o espetáculo de famílias miseráveis e aflitas que disputam passagem gratuita no trem ou aparecem à janela dos carros, pedindo esmolas.

Geminiano Pena, moreno, alto, de bigodes bem cuidados, protegido pelo guarda-pó que quase o sufoca de calor, fuma e lê, sem parar, *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz.

Seu colega, Patterson Campos, claro, escassos cabelos louros, inquieto e inseguro, a cada instante o interrompe, para lhe perguntar sobre o pensamento do Inspetor Geral, com cuja sobrinha Pena é casado. Ele se impacienta:

"Patterson, não sou chefe de ninguém. No momento, sou igual a você".

"Não propriamente", diz o outro.

"Sou. Quando o Inspetor Geral deixar o cargo, continuo engenheiro do Ministério".

"Mas, no momento..."

"Não tem no momento, não".

"É sempre bom saber o que vai na cabeça de S.Exª. o Inspetor Geral".

Pena faz, com a mão, gesto de pouco caso.

Patterson insiste:

"É que você é rico, não tem que se preocupar com o leite das crianças."

"Alto, lá, não é isto, não. É que não posso ficar como você arrancando os últimos cabelos da cabeça para agradar Sicrano ou Beltrano".

"É porque você nunca teve problemas com o pão nosso de cada dia. Nasceu feito."

Pena dá de ombros e continua a ler.

O outro engenheiro, Serafim Neves, a tudo presta atenção, doido para saber de que lado lhe convém situar-se, a quem deve imitar para ficar bem de vida. Quando Patterson lhe oferece um pedaço de galinha com farofa, que retira de uma lata de biscoitos, hesita:

"Não é bem isso. Será que não tem almoço para gente? Não fica feio, não parece desconsideração comer pouco?"

"Que deve ter, deve, garanto. O deputado Atanagildo Jordão está nos esperando com o que tiver de melhor. A que horas, porém, será, é que não sabemos". Ele procura entregar

a coxa de galinha a Serafim. Como este hesita, passa-a a Pena que a come com prazer. Depois pergunta:

"Está gostosa?"

"Está. Ou é de fome? Ou das duas coisas? Mas que está boa, está mesmo".

Inquieto, torcendo as mãos, Serafim pergunta:

"Pena, no carro de quem, você vai pro hotel?"

"No da Inspetoria, é claro".

"E se o deputado Jordão estiver esperando a gente?"

"Não acertei nada com ele. Vou no carro do DNOCS, se houver. E você?"

"Não sei. O Patterson diz que nem hesita. Vai com o deputado com quem fez amizade na seca de 15, quando construiu o açude dos Patos. Não é?"

O outro confirma com a cabeça.

"E você?", cobra Pena.

"Aí é que são elas. Realmente, não vou negar, fico em dúvida. Será que o Inspetor Geral não vai se chatear, se eu não for no automóvel do DNOCS?"

"Você acha que ele vai perder seu precioso tempo, indagando se seus engenheiros deixaram a estação da Estrada de Ferro de Sobral, a pé, de jumento, bonde ou de automóvel? Ora, ora, ele e todos nós temos coisa mais importante com que nos preocupar".

* * *

Na estação de Sobral, encontrava-se quase uma centena de flagelados a que se juntam os que descem do trem. Estão presentes pessoas importantes da cidade para a recepção aos engenheiros!

O prefeito Belarmino Pereira Ramos, da família mais forte da facção liderada pelos Jordão, Hermano Ramos Vasconcelos, presidente da Associação Comercial, representante comercial e dono da fábrica de mosaicos, Jerônimo Afonso de Albuquerque, gerente de "As Paulistas", Josenildo Rodrigues,

de *O Equilíbrio*, padre Ignácio Montanha, colérico diretor de *O Lábaro*, o representante do Bispo e o secretário geral da Cúria, padre Abílio Marrocos aglomeram-se para saudar os recém-chegados. Soltando baforadas de seu charuto, o hálito carregado de muito conhaque Macieira, distribuindo moedas entre os pobres, o deputado Atanagildo Jordão anda inquieto, dum lado para o outro . Ele recebe Patterson Campos com quem sai abraçado, cada um timbrando em mostrar mais intimidade com o outro. Vêem-se, ainda, o dono da farmácia Nossa Senhora da Conceição, Júlio de Almeida Borges, Raimundo Coelho Pereira, de "A Ferragista", Romualdo Lopes, da "Tem de Tudo", os médicos João Evangelista de Souza e Luiz Mazzola, o juiz Aristeu Honório Parente, o delegado de polícia, Antônio Reis Cavalcante, o atacadista de tecidos, Floripes Pereira Ramos, sempre bem-humorado e sorridente, Clidenor Carvalho, considerado o homem mais falso da cidade, Ataliba Teixeira, o fuxiqueiro de Sobral, e Marciano Veríssimo, cronista social de *O Combate*, costureiro e decorador.

* * *

Trava-se briga de foice no escuro pelo controle de recursos, obras e empregos do DNOCS entre a família Jordão que tem como seu membro influente, o empreiteiro e deputado Atanagildo Jordão, amigo crônico do Ministro da Viação e os democratas da cidade, apoiados pelo presidente do Estado, Eduardo Jordão e pelo sempre ausente, senador João Felipe Maia.

Talvez isto explique a nomeação de Geminiano Pena para a mais importante obra pública da região, a construção do açude do Forquilha. Elegante até a afetação, mas hábil político, ele parece destinado a contrabalançar a figura de Patterson Campos que já chefiou obras públicas na área durante a seca de 1915 e que ficou famoso pela subserviência aos irmãos Jordão.

Eles se hospedam inicialmente no "Rendez vous des Amis", de Olímpia Catingueira, a virtual chefe dos democra-

tas, inimiga mortal dos irmãos Jordão e do bispo, mulher desbocada que fuma charuto, usa sapatos de homem e traz, sempre que vai à rua, navalha na liga e revólver na bolsa. Até que mandem buscar as mulheres, alugam vasta casa de amplos alpendres no bairro do Junco e fazem refeições no hotel.

O juiz Emerenciano Jordão, mestre em botar apelidos nos outros, os batiza, ninguém sabe exatamente porquê de "Os Três Reis Magos".

* * *

Etelvino Soares chega, alvoroçado e barulhento, ao "Rendez vous des amis". Pede, logo, um café donzelo a Olímpia, ou então, um Macieira, ou os dois, falando alto, o chapéu na cabeça, o paletó desabotoado. É a própria imagem do tumulto em contraste com a pachorra gulosa do doutor Gastão Maldonado e a elegância afetada do engenheiro Geminiano Pena. Quando o jornalista o cumprimenta, ruidosamente, Pena lhe diz:

"Jornalista, li, com muita atenção, o que o senhor escreveu sobre as obras contra as secas..."

"O quê? Aquilo que eu disse que os açudes do DNOCS somente servem para lavar os cavalos dos proprietários de terra? É pura verdade."

"Não, não foi isso, não. Mas, este problema de reforma agrária não posso resolver. Seria preciso desapropriar terras."

"Pois é mesmo o que eu quero. O Governo não pode gastar mil contos de réis ou mais num açude para que ele sirva apenas a alguns fazendeiros. O pobre continua sem ter onde plantar, sem poder nem sequer tirar a água para beber."

Geminiano fica parado, esperando que o jornalista termine seu discurso apressado. Quando ele cala, toma a palavra.

"Não é, porém, sobre isso que quero lhe falar." E Geminiano procura na carteira o recorte de *O Combate*.

"Então o que foi?"

"Foi sobre a diária dos flagelados."

Etelvino atalha sua procura com a mão.

"Não é preciso ler, não. Sei de cor e salteado. Em 1915, o trabalhador do DNOCS ganhava 1$200 réis por dia e, com esta diária, podia comprar 1 litro de feijão a 150 réis, 2 litros de farinha a 300 réis, 1 quilo de carne a 500 réis, 200 gramas de açúcar por 150 réis, 100 gramas de café por 150 réis. E lhe digo por quê, hoje, para manter aquele padrão, sabe quanto o flagelado precisaria ganhar? Dois e seiscentos réis. Meio litro de feijão sai por 300 mil, dois litros de farinha, por seiscentos, um quilo de carne, por mil e duzentos réis, 200 gramas de açúcar, por 250 réis, cem gramas de café por 250 réis. Taí, na ponta do lápis."

"Se eu tiver dinheiro, pago com muito prazer", disse Geminiano Pena.

Geminiano o observa, atento. Etelvino conclui:

"Só para o governo, não há carestia. Não tem alta do custo de vida."

"Mas ..." tenta apartear Geminiano.

"Tá certo, doutor, que não é culpa sua. Mas o flagelado precisa de, no mínimo, 2$600 réis por dia. Senão, morre de fome."

"Seu Etelvino, lamento, mas minha verba é limitada. Se aumentar a diária para 2$600, vou ter de dispensar a metade dos flagelados. Não tenho coragem de fazer isto. Se você visse o que vejo quando vou ao Forquilha, é de cortar coração. Prefiro que falem mal das diárias, que falem mal de mim."

"Não, de você não. Não posso dizer que você seja bajulador como o safado do Patterson, cujas maroteiras conheço desde 1915 na construção dos Patos. Já naquela época, os Jordão faziam dele gato e sapato. Ou, então, o indeciso do Serafim, maria-vai-com-as-outras. Pelo menos, a sua frente de serviços é séria."

"Obrigado, ouvir isto dum jornalista exigente como o senhor, é estimulante, confortador. Bom mesmo era que o senhor o dissesse no seu jornal."

"Às vezes, até tenho vontade, juro. Mas, aí fico pensando. O Josenildo vai dizer que estou na sua folha como ele está na do Patterson".

* * *

Margarida Honório Parente era uma das sete irmãs, filhas de Floripes Pereira Ramos, todas casadas, todas morando na rua Senador Paula, todas reunidas na calçada da primeira, ao final da tarde, para trocar as novidades do dia. Margarida era bonita, muito bonita de rosto. De corpo, um desastre. Engordava, a cada dia, por causa de apetite voraz e, segundo o doutor Mazola, por conta do aumento da prole do marido, Aristeu Honório Parente, com as filhas dos moradores da fazenda. Era linda e inteligente, tocava piano. Adotava, porém, a postura de burra. Talvez pra melhor passar. É que, de quando em quando, o juiz Aristeu Honório Parente, hipocondríaco profissional, inventava de morrer. Queixava-se de falta de ar e de dores no peito e era persuasivo no papel de moribundo iminente, a ponto de comover a mulher de sua pena do desamparo em que ficarão os meninos da fazenda por cujo futuro, como bom patrão, tanto se interessa. Ficava noites e noites sem fôlego, preocupado com as crianças de fazenda. Era a senha para pedir a dona Margarida autorização para a vinda de mais um filho de morador. Quando a criança chegava, ela fingindo-se de inocente, comentava com o marido:

"Não sei por quê estes meninos da fazenda se parecem tanto com os nossos ..."

Aristeu reagia aos palavrões, o que a fazia calar ... Não, sem a observação ingênua:

"Não sei por que o Aristeu fica tão enfezado. Não disse por mal. É que realmente há uma coincidência muito grande nestes meninos que ele traz pra criar ..."

* * *

"Nunca se fez tanto pelos flagelados quanto nesta seca", garante Margarida Honório Parente à sua amiga Carmindinha Lopes, Maria do Carmo Oliveira Lopes, mulher de Romualdo Lopes, proprietário do rico e tradicional armazém "Tem de Tudo".

Carmindinha tem sempre uma má notícia para transmitir. Nunca, porém, consegue fazê-lo em casa de Margarida.

Como de hábito, ela se balança na rede armada na ampla sala de jantar e só pára, a fim de alcançar a bandeja onde estão pedaços de rapadura, batida e alfenim que lhe mandaram de presente da Serra da Ibiapaba.

"E não se fez tudo" replica Carmindinha, doida para assumir seu papel de desmancha-prazeres.

"?" Margarida não entende. Também não diz nada, mastigando, com prazer, um pedaço de alfenim e pedindo, com os olhos, que a outra explique o que é que está fazendo falta.

"Sabe o que a Natércia, do seu Eustáquio, me contou?"

Preguiçosamente, sem muito interesse, Margarida se sente na obrigação de perguntar:

"O que foi?"

"Em Santa Quitéria, um fazendeiro, que nunca se recuperou da seca do quinze, depois de comer galinhas, bezerras, vacas e as últimas sacas de feijão de sua reserva, enlouqueceu. Foi pegado pelo vigário quando se dispunha a assar o cadáver do filho pra comer".

Margarida consegue fingir-se de tola quando quer e de surda, quando lhe convém. Assim não ouve porque não quer nada que a amiga lhe está dizendo. Prefere pegar o cardápio do jantar beneficente, promovido pela presidente da Liga Feminina Pró Flagelados da Seca, Filomena Jordão, mulher do juiz e dizer:

"Carmindinha, não sei o que faço. É café de manhã, é almoço, é jantar beneficente que não acaba mais. O que tenho engordado é uma loucura. O que não posso é faltar a nenhuma festa de caridade. É meu dever de cristã".

Carmindinha ainda tenta voltar ao tétrico assunto. A dona da casa, porém, está determinada a lhe contar a festa a que ela esteve ausente. E prossegue:

"Nem lhe conto. Foi ótimo. Tudo do bom e do melhor com o capricho que a Filomena bota em tudo que faz. Nem sei se vai ter algum apurado. É que você não viu o quanto aquele viajante de Augusto Carvalho & Cia., da Bahia, comeu? Tirou a barriga da miséria. É verdade que, em compensação, aquele

tal Espiridião Queiroz de Alves de Brito, lá do Recife, só deu lucro, ruim de boca com ele só, é fastiento que nem o doutor Moura que só pensa em doença".

* * *

Carmindinha baixa a cabeça, desolada, por perceber que não vai ter como contar sua história. Termina pegando um pedaço de rapadura que põe na boca para ouvir o resto da narrativa da dona da casa.

"E aquelas filhas de Sinhá Aguiar, lá de Viçosa, sobrinhas do vigário, monsenhor Máximo Aguiar, enchendo a bolsa de doces? Que coisa feia". Ela mesma reflete um pouco e faz sua autocrítica:

"Aliás, você sabe, nem posso falar porque, às vezes, gosto muito, não resisto, tenho também este mau hábito. O Aristeu fica danado da vida. Mas olhe aqui o cardápio que guardei para lhe mostrar".

Carmindinha toma o cardápio nas mãos, sem muito interesse. Implacável, Margarida o recupera e lê:

"Olhe aí. *Entrée*: sopa de macarrão. Não estava lá essas coisas. Afinal, servir sopa quente para aquela multidão é difícil. E não sou muito de sopa. Agora não escolhi nada".

Ante o olhar espantado da outra, explica:

"Não escolhi porque fui de tudo um pouquinho. Não me escapou nada. Desde lombo assado, leitão de forno, galinha ao molho pardo e justiça se faça à Filomena, estava tudo daqui. Fui, depois à galinha assada, ao peru assado, à fritada de batata. E até ao macarrão à italiana. O macarrão estava meio frio, é natural. O resto era delicioso. Eu dava uma beliscada aqui, outra acolá. Provei de tudo".

E continua implacável:

"Carmindinha, queria que você visse as sobremesas, tudo produto da terra, feitos pela Semiramis. Antes, queijos fresquinhos, vindos do Coreaú, daqueles que, a princípio, parecem de borracha nos dentes da gente. Os cajus cristalizados, a

manga e o abacaxi em calda, estava tudo uma tentação. Eu quase não me agüentava. Acho que vai dar, pelo menos, uma boa renda para amenizar a fome dos flagelados". Terminava ela, como se desculpando de sua gulodice.

"É claro, Guida. Não há nada que a sociedade de Sobral não venha fazendo para amenizar o sofrimento dessa gente. Eu, mesma, só não fui ao jantar por causa de uma das minhas malditas enxaquecas. Tive uma daquelas que parecem que a cabeça da gente vai estourar. Tomei chá, escalda-pé, cafiaspirina, enrolei um lenço molhado com álcool na cabeça e nada".

"Não quero nem pensar", observa, desolada, Margarida.

"O problema é que há muitos pobres. Não sei donde saíram. Nunca supus que houvesse tanta gente necessitada. Há mais gente pedindo esmolas que na seca do quinze".

"Sob certos aspectos, o Aristeu acha esta seca muito mais cruel. E começou mais cedo. Sem falar que a população aumentou. Eles vêm das fazendas para a cidade. O Aristeu, para evitar isso, está gastando muito, mandando farinha e feijão pra Caraúba, para a maioria dos moradores da fazenda. É claro que não pode atender a todos, é pena. Pelo menos mata a fome dos principais, dos homens, dos adultos. O que ele não quer é perder os vaqueiros. Inclusive precisa que eles estejam fortes para levar o gado para Serra da Ibiapaba, depois para a fazenda em Pedro II, no Piauí".

"É o que o Romualdo, lá em casa, vai fazer também. Pra ver se salva pelo menos, vacas, garrotas e bezerras, as fêmeas. Não está fácil".

* * *

Numa festa do Grêmio, Margarida Honório Parente anuncia às irmãs e às amigas:

"Segunda-feira começo meu regime. Vou emagrecer. Vocês vão ver."

Ante a descrença geral, ela reafirma seus propósitos e não esconde as duas armas que usaria: regime severo e pro-

messa de dar todas as suas jóias para a Igreja de São Francisco, se conseguisse perder peso, emagrecer mesmo. Nunca mais iria fazer a temporada de doces caseiros, com as variadas frutas que vinham do seu sítio na Serra da Meruoca. Jurava que, desta vez, era pra valer.

Semanas depois, sua amiga, Carmindinha Lopes, num final de tarde, vai visitá-la. Encontra-a exatamente quando comandava a feitura de doces de leite e de frutas da terra, tendo ao lado uma mesinha com rapaduras, batidas e alfenins, vindos da Serra da Ibiapaba e uma jarra de vidro com suco de maracujá.

"Mulher, cadê o teu regime? E a promessa a São Francisco?"

"Ora, Carmindinha, não prometi dar todas as minhas jóias a São Francisco, se emagrecesse? Pois bem, você acha que ele vai ganhar na garapa? Tem de me emagrecer, eu comendo do bom e do melhor. Tem de ser no milagre."

Carmindinha riu muito e não quis aceitar os doces.

"Não posso facilitar. O Romualdo me mata."

"Que nada. Você tem o calibre bom. Não tem tendência pra engordar. Eu, não. Mas o Aristeu já está acostumado com minhas banhas. Acho que iria era sentir falta delas, se eu ficasse magra feito um palito, como a Odaléia do promotor."

"Ela é feia porque é branca como uma barata descascada e não porque é magra. É mal vestida que faz pena. Quem é a costureira dela? Deve ser uma inimiga."

"Mas tem dinheiro sobrando lá daqueles cafezais de Guaramiranga."

"Daí o entusiasmo que despertou no promotor, no doutor Mário Pontes. Não era pra menos."

* * *

O paulista Gastão Maldonado chega a Sobral, depois da seca de 1915, com enorme mala de metal, bolsa de médico, capa bege, a barba e os bigodes escuros no amplo rosto quadrado e apetite que jamais se saciava. Vem trabalhar no Ser-

viço Contra a Lepra. Termina tomando de conta do Posto de Saúde da prefeitura e fazendo clínica leve, em consultório dividido com o sempre ausente, João Evangelista, o que lhe permite viver confortavelmente no *Rendez vous des Amis*, comer e beber, com generosidade e ir, toda Sexta-feira, à vizinha cidade de Massapê onde a viúva de fazendeiro rico satisfaz às urgências de seu coração.

O que o prende, porém, a Sobral, é a barriga. Mais precisamente, as comidas de Chagas, a quase anã e zarolha e cozinheira do hotel, "feia que nem a alma da patroa Olímpia Catingueira", segundo a maledicência de seu desafeto, o juiz municipal Aristeu Honório Parente.

Quando vem do Sul dar com os costados no norte do Ceará, dizem que por fundo desgosto amoroso, é a estação das chuvas, "o inverno", segundo os nativos. Ele chega logo num fim de semana em que a Chagas estava com a cachorra. Decidira fazer dezenas de pratos à base de milho, canjica, pamonha, mugunzá, cuscuz, mingau, angu, souflé, milho refogado. Ao enfrentar o cheiro daquelas maravilhas estendidas na ampla mesa de refeições do hotel, ao degustar pamonhas e canjicas, vê que ali é seu lugar.

E passa a amar, com muita afeição, a carne assada com pirão de leite, as avoantes, a ova de curimatã, a cabeça de piau cozida, a piaba torrada, o espinhaço de carneiro cozido com pirão de milho, os beijus, as tapiocas com leite de coco, o arroz doce, as rapaduras da Serra da Meruoca, as batidas da Serra Grande, as mangas, as atas, os cajus da Serra ou das vazantes dos açudes. Enfim, sua gulodice não podia ter estacionado em melhor lugar.

Arrastava a vida sem maiores emoções e sem se deixar envolver na guerra política local. Ia tanto às festas do Grêmio quanto às dos Democratas, atraído muito mais pela comida e pela bebida que pela música e pela dança. Viera ao mundo para comer. E jamais comera tão bem quanto em Sobral, na pensão de Olímpia. Não quer, pois, mais sair do melhor quarto do *Rendez vous des Amis* nem para morar em Paris, que conhe-

cia, o que deixava babados de felicidade e bairrismo os interlocutores locais.

* * *

Gastão Maldonado volta para o *Rendez vous des Amis*, ao final da tarde, com pesados passos que levantam a poeira da rua. Ao levantar os olhos, já próximo ao hotel, dá de cara com Olímpia, envolta na nuvem de fumaça de seu charuto, na janela de frente, acompanhando o movimento da rua. Quando chega, depois da saudação, indaga:

"Alguma novidade, Olímpia?"

"Sim, e das boas."

"Então, desembuche logo, mulher."

"Homem é bicho assustado e medroso. Acho é graça."

"Sim, Olímpia, nas deixando a filosofia de lado, me conte mesmo o que foi que houve. Tive de atender a uma dezena de pessoas. Não têm doença nenhuma. Estão morrendo de fome, principalmente velhos e mulheres."

"É o doutor Pena."

"O que é que ele tem?"

Sem pressa, dando gostosas baforadas em seu charuto, ela conta:

"Quase arranca o bigode de desespero com artigo do padre Montanha em *O Lábaro*.

"E o que foi que o padre disse?"

"Disse que ele é um dândi, um pelintra, gosta de luxo, de roupas boas."

"Ele está trancado no quarto, lendo e relendo o jornal, fumando numa quenga."

Maldonado ri e vai entrando. Depois de pendurar o guarda-pó no chapeleiro e encostar, ao pé da mesa, sua maleta de trabalho, Gastão bate à porta do engenheiro do DNOCS:

"Sou eu, Geminiano, o Gastão."

Imediatamente a porta se abre. Ele pergunta:

"Que cara é esta?"

"Um padre fi duma égua me anarquizou no jornal da Diocese."

"Anarquizou como? Disse que você é ladrão? É maricas?"

"Não, tanto não."

"O que ele disse de tão grave?"

"Me chamou de dândi, disse que uso bigode à Kaiser, cabelo à Luís XIV ...."

"Muito chique."

"É isto o que você me diz: muito chique. E se fosse com você?"

"Não mereço tanto."

"Vou comandar não sei quantos mil operários na cidade."

"Vamos, porém, ao que ele diz que te machucou tanto."

"Ora, ele fala de meu chapéu do Chile, das meias de fio da Escócia, das botas de couro da Rússia, enfim, numa caricatura, quer dar a entender que só penso em me vestir bem e não ligo pros flagelados."

"Quanto à primeira parte, não está de todo errado".

"Como?"

"Estás descrito com perfeição."

"Quer dizer que você me acha um pelintra?"

"Como seu amigo, Pena, acho que você é um cara que gosta de você, por isso se veste bem, é elegante. O que tem isso demais? O padre espalhou essa novidade para as mulheres da zona norte do Estado, daqui até o Camocim, até o Crateús."

"Isto me prejudica."

"O interesse das mulheres?"

"Não é bom para minha carreira."

"Jamais ouvi falar que vida sexual atrapalhasse carreira de administrador ou de político no Brasil. Além do mais, vai despertar a curiosidade das mulheres. É ótimo."

Pena olha, incrédulo, desarmado, para Gastão até que não se contém.

Ambos soltam uma gargalhada e se abraçam:

"Você tem razão, seu Gastão."

"Pois é, esqueça de bicho de saia, juiz e padre, se preocupe apenas com as mulheres. É melhor para saúde. E é o que interessa."

"E o que faço? Deixo passar em branco? Escrevo a ele?"

"Escrever a quem?"

"Ao padre, ora."

"Pra quê?"

"Para obter um desmentido dele."

"Você já viu jornalista se retratar? Vai publicar tua carta, num canto de página interna, que ninguém vai ler. Nunca vi besteira maior. Amanhã, ninguém se lembra mais disso e o jornal estará servindo apenas para embrulhar sabão. Se você, porém, mexer, recomeçará tudo de novo. É o que todo homem de jornal quer."

"Então o que faço?"

"A primeira providência a tomar é queimar este jornal aí", diz ele apontando para o exemplar de *O Lábaro*, estendido no chão.

"Como?", pergunta Pena, surpreso.

"Deixe de ler isto. Pegue uma lamparina na cozinha e toque fogo no jornal. Aí desaparece. Deixa de existir. Depois disso, tome banho, para que possamos encarar os pirões da Chagas. A seguir, vamos tomar cerveja na "Gruta" ou no "Éden", eu pelo menos, quero minha Bock Ale. Tu tomas teu uísque, o que quiseres. Estou cansado, mas não deixaria de te dar solidariedade pública."

"Se falarem no artigo?"

"Que artigo? Não ouviste nada. Fazes que não sabes de que se trata. Ou, então, se tiveres temperamento, diz que estás agradecido ao padre. E tu vais ler, pelo olhar das mulheres, que elas estão conferindo tua aparência com a descrição do jornal, justamente por causa do reclame do jornal do Bispo."

* * *

Logo depois que Pena sai, Coelho, ao fechar a porta de frente da casa, propõe à mulher:

"Belinha, queria oferecer um jantar ao doutor Pena. Que tal?"

A mulher, que se encaminha, pelo corredor, para a sala de jantar, não mostra entusiasmo:

"E os outros dois engenheiros? Não vão ficar enciumados?"

"Bem, não tinha pensado nisso?"

"Pois é....."

"Faremos, então, homenagem aos três?"

"Não entendi. Não foi o doutor Pena que você botou aqui dentro de casa?"

"Não fale assim, mulher. Deixe de má vontade. É moço fino, educado, respeitador e você sabe (baixa a voz embora estejam só os dois conversando), é o chefe da construção do açude do Forquilha..."

"Por isso mesmo. Você o socou aqui em casa, na nossa intimidade, por interesse, não pelo que ele vale".

"Ô meu amor, compreenda, me ajude. Ele tem feito compras em "A Ferragista" e pode fazer muito mais. As coisas melhoraram muito depois que ele chegou".

"Não pra mim", diz ela com um muxoxo.

"Pra nós, filha. Ora só porque o trago para almoçar aqui em casa. Não podia ficar naquela privação da casa lá do Junto. Ele, encabulado, nem queria dar trabalho".

"É trabalho mesmo receber, todo o dia, um doutor do Rio, homem formado, autoridade, pessoa de cerimônia. Tenho de estar na mesa, toda pronta, como se fosse à missa das nove horas de domingo da Sé ou às festas dos clubes que por sinal, nunca vamos. E ainda viver atrás de receitas para orientar a Minervina".

"Desculpe o incômodo, filha. Em compensação, fatura minha não demora em cima da mesa dele. Ano que entra, as compras poderão ser maiores, muito maiores, não quero nem pensar. Preciso manter a amizade dele".

"Se é pra te ajudar, faço o possível".

Comovido, Coelho se aproxima da mulher, lhe acaricia o rosto e lhe beija a cabeça:

"Sei que você me compreende". Logo, porém, passa aquele instante de ternura porque ele sempre tem coisa mais importante a fazer. Coelho se afasta para examinar uma cadeira da sala de jantar cuja perna lhe parece meio solta. Diz pra mulher:

"Que tal convidarmos algumas moças?"

Belinha, soltando o crochê com impaciência, discorda:

"Vem cá, Coelho, tenho cara de alcoviteira? Tenho idade pra isto?"

"Não, filha, pensei nisso para que os engenheiros não ficassem deslocados".

"Não, Coelho, afinal acho que são homens casados e mesmo que não fossem. Se querem vir jantar na minha casa, tudo bem, não namorar. Para namorar, eles têm os clubes, o teatro, a Gruta, o Éden, o passeio de bonde".

"Filha, desculpe, hoje só estou dando fora. O melhor que faço é consertar a lâmpada do quarto que ontem negou fogo, várias vezes. É do que entendo. O jantar fica por sua conta. Você sempre se sai bem".

Por uma coisa ou por outra, o jantar não saiu. Pena, porém, continuou a fazer refeições, nos dias úteis, em casa de Coelhinho. Aos domingos, faltava quando Gastão Maldonado passava o fim de semana na cidade, não ia a Massapê. Aí os dois comiam, juntos, no "Rendez vous des Amis" onde encontrava gente de fora e se divertia com o palavreado, o jeito desbocado e os ódios políticos de Olímpia Catingueira.

* * *

Quando chega à casa de Coelhinho, às 11 horas da manhã Geminiano Pena já encontra o anfitrião com quem conversa um pouco na sala de visitas. Logo, dona Belinha aparece, faz sala um pouquinho até que pergunta:

"O senhor é servido?"

"Sou, sim senhora", responde o engenheiro, esperando que ele se levante e vá à frente, rumo à espaçosa sala de jantar, cheia de alpendres, com visão de todo o amplo quintal.

Uma tarde, Geminiano, ao entrar no corredor logo depois de Belinha, indaga se ela viu uma cena do filme "A Herança Fatal". Belinha se vira, de repente, e ele, sem querer toca em seus seios.

"Desculpe, Madame."

"De nada", diz ela, brejeira, como se estivesse esperando aquele contato.

Durante a refeição, Geminiano fica atento ao olhar de Belinha que, em nenhum instante se volta para ele, enquanto Coelhinho fala, sem parar, da carestia da vida, da desvalorização do mil réis ante a libra esterlina e da grande quantidade de flagelados que invade a cidade, apesar das obras públicas e da vigilância do delegado de polícia.

De olhos no teto, enquanto Coelhinho ronca desde oito horas da noite, Belinha não consegue pegar no sono, pensando no toque das mãos de Geminiano e se pergunta:

"Será que ele fez de propósito? Será que ele gostou? Não. Homem do Rio, casado com parenta de Ministro, não vai nem botar os olhos numa beradeira como eu!"

No almoço do dia seguinte, ao ouvir Belinha advertir o marido de que as obras contra as secas, iniciadas pelo paraibano Epitácio Pessoa, poderão ser suspensas quando um paulista voltar à Presidência da República, Geminiano se surpreende:

"Por que a senhora diz isto?"

"Porque tem sido assim. Basta ler o que o monsenhor Misael Arruda publicou na seca do quinze."

"A senhora é muito inteligente."

Ruborizada, Belinha responde:

"O senhor que é doutor, formado no Rio, está mangando de mim, porque sabe muito mais do que nós."

"Dona Belinha, homem formado na capital, às vezes, precisa aprender tanta coisa no interior...", diz ele, num suspiro.

Ela baixa a cabeça, encabulada, enquanto Coelhinho dá uns gritos no carpinteiro que faz barulho, serrando madeira para reforma na cozinha:

"Pára com isto, seu imbecil. Assim, ninguém pode conversar."

* * *

Enquanto Coelhinho ronca alto, Belinha não consegue pegar no sono. Passa as noites em claro, pensando em Geminiano Pena, sonhando com ele, dançando com ele no Grêmio ou no Clube dos Democratas, sendo beijada por ele, fazendo amor com ele, apesar do medo que sente. Quando, uma vez na vida, outra na morte, Coelhinho cumpre os chamados deveres conjugais, com pressa e displicência e depois se vira para o outro lado da cama e começa a dormir, é Geminiano que ela envolve no seu abraço, é ele que a beija com seus bigodes perfumados, a quem afaga o queixo rigorosamente escanhoado, no pescoço e no rosto. Depois, ela tem crises de depressão. Não, não aquilo não pode ser verdade. É tudo um sonho. Não acredita que o engenheiro, homem rico e importante, possa se interessar por ela.

* * *

"Doutor Geminiano, está com cara de quem viu passarinho?"

É como o médico Gastão Maldonado recebe a visita do engenheiro Geminiano Pena que saiu mais cedo do escritório do DNOCS a fim de trocar confidências com ele. Afinal, ambos são forasteiros. Geminiano, casado com a sobrinha do Inspetor Geral do DNOCS, Maldonado, não se sabe com quem, parece segundo se diz, com uma senhora de Minas, residente no Rio, fraquinha do pulmão que está definhando, prestes a morrer. Como a roda está formada, depois de cumprimentar todo o mundo, Geminiano chama Gastão para um particular. Eles se encaminham para o zoológico que Dona Olímpia Catingueira mantém, na área, ao lado do hotel, a fim de apreciar os animais e conversar sem que os outros os ouçam.

"Gastão, não agüento mais. Tenho de contar a alguém. Ao Serafim, não adianta porque só se interessa por roupa. O Patterson só quer chaleirar a família do Jordão, sempre preocupado com que chama defender o leite das crianças."

"O que é, então doutor?"

"Mulher."

"Claro, só podia ser mulher. Mas a mulher de quem? De César?"

"Que César, que nada. Do Coelhinho, de "A Ferragista". Tenho a impressão de que ela gosta de mim."

"Então, vá à luta", aconselha o médico.

"Será que dá certo?"

"Claro que dá, garante Gastão. "O que não estou entendendo é essa insegurança de colegial num cara como você."

"Quando?"

"Quando vocês vão pra cama, vocês é que têm de resolver. Não pode ser amanhã porque a dona é casada, não é puta qualquer da Rua do Vapor. Tem até fama de honesta."

Excitado, Geminiano indaga:

"Você tem certeza?"

"Ora, Geminiano, certeza não tenho nem de mim. Pode ser séria, como dizem, mas, com aquele marido chato, sempre apressado, falando em dinheiro e em negócios, ela deve viver no maior atraso. E, no mais, e como recomendam as Escrituras: "batei e abrir-se-vos-á."

"Rapaz, parece que aqui no meio dessas brenhas, desaprendi como são essas coisas."

"Você reaprende rápido, garanto", diz, com bonomia, o médico.

* * *

Geminiano vai à casa de Coelhinho, disposto a tirar a prova dos nove. Saber se Belinha, realmente, gostou de que ele lhe tocasse os seios. Para sua decepção, porém, ela não aparece, vítima de uma de suas malditas enxaquecas. Ele demora pouco, após o almoço, apesar da insistência de Coelhinho

para que fique, descanse e não saia por aí, ao sol. Alega, porém, trabalho urgente no escritório.

No outro dia, o casal vem recebê-lo festivamente. Ele pretende ver no olhar de Belinha, certa cumplicidade. Assim, quando se senta à mesa, descalça a bota e estende o pé na direção do pé da dona da casa que o retira, furtivamente, sem o olhar. Ele insiste. Ela muda de posição e dificulta sua abordagem.

* * *

Geminiano aproveita a distração e a inquietação da dona da casa, para tocar os pés de Belinha, por baixo da mesa. Ela resiste, com certo espanto. Não grita, não diz nada, mas levanta a toalha para olhar o pé do engenheiro, descalço das botas. Ela recua os pés debaixo da cadeira, de modo que ele não possa alcançá-los. Encabulada, porém, não o fita nem uma vez. E desvia a vista quando Pena procura descobrir reação em seu rosto, em seus olhos.

* * *

O delegado de Polícia dispersa uma multidão miserável, que se aglomera nas proximidades do Mercado Municipal:

"Já disse que não quero vocês na cidade. Voltem todos para o outro lado do rio. Aqui, não quero ver nenhum de vocês mais. É a última vez que falo, por bons modos. Doutra vez, será no cacete."

Os soldados, com violência, vão tangendo as chorosas famílias de flagelados que levam os filhos pela mão ou carregam os menores nos braços.

* * *

Cada vez mais, Geminiano se sente mais ousado, estimulado pela nenhuma reação de Belinha. Mal se senta à mesa, faz uma pergunta a Coelhinho sobre negócios. O dono da casa

dispara a falar e a falar. Ele descansa o sapato e estende o pé em direção ao pé de Belinha. E o encontra. Ela procura tirar o seu. Ele o pressiona com força. Ela recua. Depois, se rende. Coloca de novo o pé ao alcance do engenheiro. Ele busca o seu olhar para lhe sentir a reação. Ela respira, forte, mas não o encara. Até que, quando ele recebe o prato de carne de suas mãos, consegue tocar a mão da dona Belinha com certa força. Ela o fita encabulada e ri, só com o canto dos lábios. Geminiano, intimamente, canta vitória. Fica eufórico porque, agora, sente que Belinha corresponde a seus sentimentos. E, mais cedo, ou mais tarde, vai ser sua.

* * *

No outro dia, enquanto conversa com o casal na sala, (Coelhinho sempre ocupado, ora em pôr óleo na dobradiça da porta, ora em examinar a solidez das cadeiras pesadas de jacarandá), Geminiano desfaz o nó do cadarço da bota, olhando para Belinha que não disfarça um sorriso. Durante o almoço, Coelhinho se empolga, falando da dificuldade de obter praça para cargas no trem de Camocim, das propinas que tem de distribuir, do quanto isso encarece a mercadoria. Geminiano estende o pé por sobre o pé da dona da casa que o retira. Logo, porém, diante de seu olhar pidão, Belinha cede. E ele fica a acariciar-lhe o pé, o tornozelo, protegido pela meia. Belinha, porém, não o olha enquanto ele a toca, por baixo da mesa. Oferece-lhe mais comida ou pergunta se quer mais maxixe, cozinhado no queijo, prato que Coelhinho adora.

Vendo o engenheiro bocejar, depois do almoço, Coelhinho indaga:

"Está com sono, doutor?"

Geminiano concorda:

"Sim."

Vendo que Belinha lhe lança olhar de interrogação ele trata, logo, de explicar:

"Não pude dormir. E nem foi por causa das muriçocas que já me acostumei com suas picadas. Passei a noite escrevendo relatório para o Dr. Inspetor Geral."

Coelhinho o observa, contristado e diz:

"Então, vai tirar uma soneca aqui."

Geminiano, olhando para Belinha que também o observa atentamente nos olhos, finge recusar:

"Não, Coelhinho, seria abuso. Seria abusar de sua hospitalidade."

Levantando-se para ir buscar a rede, Coelhinho diz:

"Faço questão, doutor. Você não vai sair por aí, rua afora, pegando sol na cabeça, depois do almoço, podendo ter, até, uma congestão."

"Ô Coelho, nem fala nisso", pede Belinha.

Logo depois, Geminiano está deitado, um lençol dobrado sobre a cabeça, os pés calçados do lado de fora da rede branquinha e cheirosa. Coelhinho passa e diz:

"Não doutor, tire as botas, para o descanso ser completo. Assim não dá."

Encabulado, Geminiano tira as botas e se deita confortavelmente na rede, armada junto ao quarto do casal. Não consegue, porém, pegar no sono, excitado com os carinhos trocados, debaixo da mesa, com Belinha.

* * *

Semanas depois, Geminiano dorme a sesta, enquanto o dono da casa, atarefado com a construção do galinheiro, dá ordens no fundo do quintal. Belinha, inquieta na sala, toma uma resolução, ir até seu quarto, passando por baixo da rede do hóspede.

"Dá licença, doutor?"

Quando Belinha vai passando, ele se levanta da rede e a agarra por trás, pela cintura, beijando-a:

"Não, não doutor."

"Não, por quê? Se eu a amo, Belinha."

"Não, não, é uma loucura."

"Sim, sim", diz ele tentando beijar-lhe a boca. Ela finge resistir. Por pouco. Enquanto ele procura beijar-lhe os olhos, o nariz, a boca, Belinha pede, num gemido:

"Não, não doutor, o Coelho pode voltar" e faz esforço conseguindo desvencilhar-se do hóspede. Coelhinho está voltando para a cozinha, com uma galinha pela mão:

"Minervina, leve esta galinha bem prá longe. Ela está com gogo. Pode pegar nas outras."

"Vige", diz a empregada com expressão de nojo, "tenho uma gastura", diz a empregada, fazendo careta.

"Deixa dessa cara de quem comeu e não gostou. Isso acontece por culpa sua."

"Não, seu Coelho."

"Sim. E não discuta. Vá botar limão na água do galinheiro e jogar essa aí doente lá na muchinga. E já!"

Belinha já se encontra, novamente, na cadeira de balanço às voltas com seu crochê. Geminiano sai do quarto, penteando o cabelo:

"Já, doutor? Não tirou nem uma soneca!"

"Estou apressado, Coelho. Tenho muita coisa no escritório, que está cheio de incompetentes. Tem um tipo lá, o Adriano, que passa o dia no espelho, penteando o cabelo e ajeitando o nó da gravata, espremendo espinhas. Não é coisa de homem, né?"

Coelhinho, cauteloso, comenta:

"Não parece, não. Ele é irmão do genro do doutor Jordão, o juiz."

"Que seja genro do raio que o parta. Parece maricas, o dia inteiro diante do espelho."

"É mesmo, doutor", concorda Coelho, sem se comprometer, acompanhando o engenheiro ao quintal, até onde se encontra seu cavalo.

* * *

Depois do almoço, Coelhinho vai até a rua, examinar umas cargas de rapadura que estão chegando da Meruoca, mais precisamente do sítio Monte. Geminiano, ao ouvir o ruído da porta, chama dona Belinha que faz seu crochê na sala de jantar :

"Dona Belinha?"

"O que é doutor?"

"A senhora pode vir aqui?"

Um silêncio pesado fica no ar. Ela suspende a agulha e não sabe se atende ou não.

Geminiano insiste:

"Onde está Coelho?"

"Está na rua, recebendo uma carga de rapadura."

"Pois então, venha cá."

Ela ainda hesita. Termina, porém, por se levantar, deixando a agulha, a linha na cadeira. Olha para a cozinha onde as empregadas apuram doce de goiaba – cujo cheiro toma conta de todas as casas do quarteirão – e ajeita o cabelo no espelho junto ao guarda-comida. E se encaminha para o quarto onde descansa o engenheiro. Quando entra, Geminiano que estava por trás da porta, a abraça com força:

"Meu amor. Que bom que você veio."

"Mas é um perigo."

"Por culpa sua."

"Como, doutor?"

"Já lhe falei para arranjar um jeito do Coelhinho sair mais cedo para a gente ficar sozinho."

"Querer, eu quero. Não sei, ainda, como fazer. Vou dar um jeito. Agora me largue, pelo amor de Deus."

Geminiano a solta, devagar, acariciando-lhe os braços, com pena de deixá-la. Ela ajeita o cabelo, compõe as roupas e, segura, se encaminha de novo para a sala de jantar.

* * *

É manhã cedo de domingo. Ainda escuro, pois o sol ainda não nasceu. Dona Guiomar segue, apressada, com seu passinho miúdo, toda de preto, rumo à Igreja do Menino Deus para a missa das seis horas.

"Não vai, não, Belinha?" indaga a dona da casa, que espreita o movimento da rua, levantando a rótula da veneziana.

"Não, estou morrendo de dor de cabeça, numa daquela minhas enxaquecas."

"Pois vai te deitar. Enrola uma toalha, molhada de álcool na testa, que passa logo. Vou indo, que não quero me atrasar."

Passa Raimundo Parente, com escumilha no braço por conta do falecimento do irmão, de varíola.

"Bom dia, dona Belinha. Como vai o Coelhinho?"

"Está no Forquilha, que é pagamento dos flagelados."

"Recomendações a ele. Bom dia, senhora."

"Bom dia, seu Raimundo, recomendações a dona Filomena."

Lá vem o botador d'água levantando uma nuvem de poeira estalando o chicote no lombo dos seus três jumentos para que se apressem. Depois, o vendedor de miúdos, anunciando seu produto:

"Figo gordo. Quem quer figo? Miuuuuuudo!"

Belinha está num pé e noutro, esperando o dr. Geminiano Pena que deve chegar pelo quintal a fim de não chamar a atenção. Coelhinho foi ao Forquilha passar o fim de semana, pagando os seus trabalhadores. Ela mandou as duas empregadas para casa da mãe na Tubiba, porque o amante quer passar o dia inteiro em sua companhia.

Belinha desce a persiana, fecha a janela da frente para a rua e vai até o interior da casa olhar o rosto no espelho, ajeitar o penteado e ver que horas são. De repente, range a porteira do cercado do quintal. Seu coração bate apressado. É Geminiano que chega. Ela se contém, afinal, é uma mulher casada, para não sair correndo a seu encontro. Ele, sem pressa, tira a sela do cavalo e deixa-a sobre o parapeito do alpendre da sala de jantar. Ao erguer os olhos, mostra os dentes grandes e o co-

ração de Belinha dispara ainda mais rápido, de felicidade. Nunca, em sua vida, passara um dia em casa com um homem que não fosse seu pai, seu irmão ou seu marido. E as trepadas com Geminiano tinham sido, até agora, apressadas, a medo, sempre com receio de volta de Coelhinho ou do flagrante das empregadas.

Geminiano sobe rápido os três degraus da sala de jantar e a abraça.

Ela, tímida, mantém os braços ao longo do corpo, sem retribuir o abraço e murmura:

"Isto é uma loucura. Podem nos ver."

"Como é que podem nos ver em tal escuridão?" replica Geminiano e volta a beijá-la, com língua em sua boca, permutando saliva. As mãos descem pelas costas até a bunda de Belinha que, ao sentir tal toque, estremece de prazer, mas, ainda, simula resistência. Ela, por fim, aceita o seu beijo, por inteiro, abraça-o com força enquanto ele abre o cinturão e começa a desabotoar a calça.

"Me ajuda, vai tirando."

Ela tenta ajudá-lo, suspendendo o beijo e olhando para baixo, a fim de desabotoar-lhe a calça. Ele protesta:

"Não precisa olhar, continua a me beijar" e encolhe a barriga para facilitar. Ela se embaraça a ele, com a mão direita, desabotoa a calça que cai. Belinha procura baixar-se para apanhá-la. Ele não permite:

"Belinha, deixa de tais cuidados. Tira a celoura."

"Tenho vergonha."

"Tira logo", diz ele, numa ordem.

Ela obedece, tímida. Ele manda mais uma vez:

"Agora, pega, aperta."

Ela hesita:

"Aqui, não. Alguém pode chegar."

"Pega, porra." E com a outra mão, segura os ovos por baixo.

Ela atende, reclamando:

"Meu amor, tenho vergonha. Fico morrendo de encabulada."

"Pois encabula, mas agrada o que é teu. Fica com a mão por baixo do saco para ver como ele fica encolhidinho. Agrada o pau que já está duríssimo".

Belinha o abraça sem convicção, enquanto ele lhe desabotoa o vestido, com rispidez, para beijar-lhe o seio. Quando o consegue, ela agora geme, resfolega e pede:

"Ai, meu amor, que delícia. Vamos sair daqui. Vamos pra cama."

Geminiano levanta a celoura e a calça e a segue, acariciando-lhe a bunda. Ela fica à porta, esperando que Geminiano entre. O engenheiro a agarra e lhe levanta o vestido, metendo o dedo em sua calcinha:

"Meu amor, aqui não. Vamos-nos deitar."

Ele concorda e começa a se despir. Joga rápido o paletó e a calça sobre uma cadeira de balanço. Vai tirando a gravata, enquanto Belinha, zelosa, vai arrumar-lhe a roupa que ele jogara, descuidadamente. Ele reclama:

"Deixa de arrumação. Vai tirando a roupa."

Ela continua a arrumação, encabulada. Ele joga as botas para um lado, tira as meias e avança na direção de Belinha que, um pouco curvada, dobra, com capricho, as calças do amante. Ele a agarra por trás e lhe levanta o vestido. Ela resiste um pouco e ele começa a despi-la. Como ele se embaraça, Belinha, baixinho, indaga:

"Quer que eu tire?"

"Não, senhora. Quem vai tirar sua roupa é seu macho aqui. Cadê a lâmpada?" E risca um fósforo para acender o lampião, dependurado da parede. Ela protesta:

"Não, doutor, pelo amor de Deus. É melhor no escuro. Morro de vergonha."

"Vai morrer ainda mais."

Ele se deita sobre ela e começa a lhe beijar os cabelos, os olhos, o nariz, a boca. Depois, desce a acariciá-la com os lábios até que começa a lhe sugar um seio, depois o outro.

"Morro de encabulada. Nunca fiz isto na minha vida."

Geminiano desce com os lábios até a virilha. Ela se contrai de prazer. Ele lhe tira a calça. Ele então começa a beijar-lhe a moita de seus cabelos castanhos escuros. Ela não quer:

"Não faz isso, não. Aí não."

"Por que não?"

"É sujo. É porcaria."

"É sujo? Deixa eu ver?" diz ele abrindo-lhe os lábios vaginais. Ela tenta virar-se:

"Sai daí, vem pra cima, me beija na boca."

Ele começa a beijar-lhe a parte inferior da buceta e comenta:

"Tem um gostinho azedo ótimo."

"Ô Geminiano, isto é sujo, é pecado, é feio."

O ventre de Belinha, porém, se alteia, a cada vez que a língua de Geminiano lhe toca, agora, o clitóris. Ele se excita ao ver o movimento da barriga e a lambe com mais força:

"É sujo, é pecado, é feio, ai, ai, ai, ai, é ótimo. Ai, ai, ai, ai, ai, vou morrer, vou gozar."

"Goza, meu amor, que faço mais", diz Geminiano, aumentando a velocidade das lambidas.

"Vem pra cima de mim. Vem pra dentro de mim." Diz ela.

Geminiano atende e monta sobre Belinha, que grita:

"Ai meu Deus, vou morrer, vou morrer!"

Ele grita:

"Geme, goza, puta!"

"Não, não, não posso, isto é feio, é coisa de mulher à toa."

"Pois seja minha puta, minha mulher à toa, geme alto, grita, goza, porra!"

Belinha geme baixinho.

"Geme alto, senão eu tiro daí de dentro."

Ela pede:

"Desculpa, eu não ter coragem de gemer. Mas não tire, não. O lugar dele é aí. Vou aprendendo. É que nunca fiz isto."

Ele se mostra espantado. Ela confirma:

"Juro, por Deus. Nunca fiz isso. É pecado. Nunca. Nem podia pensar que mulher séria fizesse isto." E acrescenta, com pena de si mesma:

"Aliás, já não sou mulher séria."

"Goza, meu amor e deixa desse negócio de mulher séria para o confessionário."

Ele começa a se movimentar sobre ela, segurando-a pelos ombros, até que grita:

"Vou gozar, vou gozar ! Estou gozando !"

"Goze, filhinho. Goze dentro de sua mãezinha."

Logo depois que eles gozam, ela quer levantar-se para se assear. Ele não deixa.

* * *

"Vou te fazer um pedido", diz Geminiano a Belinha que está sentada na rede branca em que ele faz a sesta, enquanto Coelhinho sai apressado.

"O que é?" pergunta ela, encarando o engenheiro.

"Você atende?"

Ela o olha, intrigada, brincando com a varanda da rede.

"Depende, meu amor. Claro, se eu puder, atendo".

"Sabe o que é?"

"??"

"Queria que você viesse, amanhã, para a mesa do almoço, sem calcinha."

Belinha se ruboriza e, sem querer, leva as mãos ao seio como pra proteger.

"Isto eu não faço, não. Desculpe."

"Por quê?"

"Porque ia ficar sem jeito. Ia me sentir nua. Ia morrer de vergonha."

"Por quê? Só eu iria saber."

"Não sei, ia ficar morta de encabulada."

"Quem ia saber? Faz isto, por favor. Promete."

"Não, não", nega ela, baixinho.

"Faz, que eu prometo aquilo, de novo, no domingo, se o Coelho viajar."

"Aí, é que eu não quero."

"Quer dizer que não gostou? Jura prá mim."

"Não é isto. É que é cousa de mulher da vida, de mulher do Beco do Vapor."

* * *

No dia seguinte, enquanto Coelho se distrai, Geminiano pergunta à dona da casa:

"Atendeu meu pedido?"

"Hein?" indaga ela tentando mudar, mudando de assunto.

"Você sabe o que é."

Ela caminha, apressada, à frente dele, rumo à mesa de refeição.

Durante o almoço, Geminiano fecha a cara. Coelho indaga se está preocupado. Ele confirma.

"Ando pensando, Coelho, se fiz bem em vir para estas bandas."

"Como?" indaga, surpreso, o dono da casa. "Agora seu trabalho está sendo reconhecido. Até pela oposição. Você viu a nota que o Etelvino - que não poupa ninguém - deu quinta-feira?"

"Você sabe, eu tinha uma vida muito boa no Rio. Além do mais, o Rio é o Rio. Com seus teatros, suas confeitarias, suas diversões. Minha mulher é sobrinha afim do Inspetor. Acho que está na hora de voltar."

Aflito, Coelhinho se concentra no diálogo, ele que, geralmente, é tão dispersivo:

"Doutor, pelo amor de Deus. Nem pense em nos deixar. Sobral ia perder um pai."

"Que exagero, Coelhinho. Acho que estou sobrando aqui."

Coelhinho, inquieto, indaga de Geminiano se quer um pouco mais de tutano no seu pirão.

"Não, Coelhinho, o Gastão, que não tem autoridade nenhuma, pelo menos em matéria de comida, implica com este pirão com tutano. Acha que faz mal ao coração."

Belinha se perturba, ainda mais que o marido, com a conversa.

"Dá licença?"

Levanta-se e vai em direção ao quarto, onde demora um a dois minutos. Coelhinho, neste interim, procura sondar as razões do desconsolo do seu convidado. Quando Belinha volta, traz um sorriso no rosto, endereçado a Geminiano, como que num doce desafio. Ele a observa, espantado. Depois que ela se senta, sempre olhando em sua direção, sem se preocupar com o marido, ele estende o pé na sua direção. Ela também vem com o pé no rumo da bota do engenheiro, que desfaz a cara feia. Os pés se enroscam por debaixo da mesa. Coelhinho fala dos investimentos que fez, das dificuldades da vinda de gêneros e materiais de construção de trem do porto de Camocim para Fortaleza. Enquanto isto, Geminiano vai subindo o pé devagar pelas pernas de Belinha que o olha, com os olhos inundados d'água e de felicidade. Até que ele sobe mais o pé e o coloca entre as pernas da dona da casa. Ao sentir que ela atendeu o seu pedido. Geminiano, sem querer, diz:

"Que maravilha!"

Coelhinho olha, com surpresa. Geminiano explica:

"O Rio, como estava dizendo à sua senhora, é uma maravilha."

Coelhinho o encara, com desolação, como se já tivesse perdido o protetor de seus negócios:

"Como?"

"É uma maravilha com seus teatros, seus cafés, suas distrações."

O dono da casa sai para atender a alguém que lhe bate a porta. O pé de Geminiano se perde entre as coxas de Belinha, sem qualquer preocupação com as empregadas, certos, ambos, de que a comprida toalha da mesa é capaz de preservar suas intimidades.

"Que bom, meu amor, que você atendeu."

Belinha, os olhos baixo, a voz em surdina, indaga:

"E aquela história de voltar para o Rio, é verdade?"

"Era, meu bem. Agora não é mais. Você sabe que estou apaixonado por você."

Ela se ruboriza, acariciando o pé do engenheiro, de baixo de seu vestido. Quando Coelhinho volta, ela o retira, de entre as pernas, com carinho, soltando-o devagar no chão.

"Deixa prá domingo, meu amor", diz ela.

Coelhinho continua preocupado:

"Pois, Dr. Geminiano, sempre tenho dito que Sobral devia-lhe erguer era uma estátua."

"Que absurdo, Coelho. Cumpro apenas o meu dever."

"Que nada, o senhor, com seu prestígio, tem matado a fome de muito cearense."

Geminiano faz ar de concordância.

"E ajudado muito o comércio. Ninguém tem condições de fazer o que o senhor tem feito."

"Qualquer um, nas minhas condições."

"As condições, seu parentesco com Inspetor, seu prestígio no Rio, é que muito nos têm valido. Só sua construção não tem 'vales'."

"Bom, isto graças a Deus, é capricho meu."

"Pois então, não merece uma estátua nestes tempos magros?"

"Também, não."

"É muita modéstia sua. Minervina, traz um café donzelo bem quentinho aqui para o doutor fumar um charuto."

Ele se levanta para que Geminiano fume o charuto numa cadeira de balanço que dá para o quintal onde se ouve o cacarejo de capotes e marrecos, depois de sorver o cafezinho, e antes de tirar uma soneca, na rede branca, armada para ele, próximo ao quarto de casal.

* * *

Ao voltar do bairro das Pedrinhas, onde fora dar aula, Ataliba Teixeira, o coxo, e leva-e-traz da cidade, o portador de má notícia, o espreitador de todos os romances, curioso de todos os negócios, interessado em todos os fuxicos, passa em frente da casa de Coelhinho. Ele já andava com a orelha em pé

ante a estreita amizade do dono da casa com o engenheiro do DNOCS. Suspeita de que há maroteira de negócios.

Vendo, porém, que o cavalo do engenheiro não se encontra mais preso ao tronco do tamarindo em frente à casa, não resiste. Dá a volta pela casa para olhar o quintal, onde vê o cavalo de Geminiano. Sente como que a revelação do fato. Anda apressado no rumo da Praça do Mercado. Precisa, o quanto antes, espalhar a boa nova. E vai treinando a frase:

"O cavalo, tal qual o dono, tá lá dentro, espojado, comendo do bom e do melhor."

* * *

Eufórico, andando rápido, apesar de seu defeito físico, Ataliba Teixeira encontra, à porta do Bar Itatiaya, Júlio Aragão:

"Seu Júlio, vamos tomar uma Bock Ale bem geladinha?"

"Uma cerveja? A esta hora?"

"Que hora? A barriga da gente tem relógio? Já são 11 horas, está na hora do almoço."

"O que houve para comemorações?", pergunta Aragão.

Ataliba está eufórico, cheio de si, seguro à mesa.

"Se você visse o que eu vi, agora ..."

"Mas o que é que você viu?"

"Você vai cair prá trás ..."

"Primeiro, para aclarar o mistério. Onde é que você esteve?"

"Fui às Pedrinhas dar umas aulas particulares e voltei, naturalmente, pela Cruz das Almas."

"Viu lá o juiz jogando futebol?"

"Só se for ...", responde Ataliba, perdendo o entusiasmo. Ele logo, porém, o recupera.

"Cousa muito mais séria ..."

"Desembucha."

"O Coelhinho ..."

"O que houve? Morreu? Está cada dia mais rico? Merece."

"O homem sabe tratar os hóspedes..."

"Explica, que não estou entendendo nada."

"Hospitalidade, você sabe é daquele jeito...", diz Ataliba, levantando a voz. Júlio baixa a cabeça, irritado:

"Como tu gostas de mistério."

Ataliba sorve a cerveja com gosto e enxuga os lábios com as mãos. Ele goza com a ansiedade do outro, que se impacienta:

"Pára com tanta charada, Ataliba!"

"Júlio, meu irmão, o cavalo do engenheiro do DNOCS..."

Aragão, com má vontade, atalha a conversa com a mão, como se não a quisesse ouvir:

"Agora estás dando voto na vida dos cavalos?"

"Bom, se não quer saber, não posso fazer nada", diz Ataliba, como se desejasse encerrar a conversa.

"Não é bem assim, Ataliba. É porque estás tão cheio de rodeios, de mistérios. Conta logo o que há com o cavalo desse doutor Geminiano."

Ataliba levanta um pouco a voz pra ser ouvido pela mesa vizinha, entretida no jogo de dados. Ninguém parece interessado em suas revelações.

"O cavalo do doutor Geminiano, do DNOCS, está, agora, feito o dono, lá dentro do quintal do Coelhinho, comendo do bom e do melhor!"

Rompendo numa gargalhada, Júlio pergunta:

"Quer dizer que botou o dono dentro de casa e agora o cavalo? Esta preciso contar ao Aristeu, lá na porta do *Lábaro*.

"Deixa que eu conto", diz Ataliba, às gargalhadas.

* * *

"Estou aflita. Ainda não veio", diz, em voz baixa, dona Belinha, na sala de visitas de sua casa, ao engenheiro Geminiano Pena. O marido Raimundo Coelho Pereira os deixou a sós. Foi à cozinha acompanhar o trabalho do carpinteiro que faz ali um armário.

"Tem certeza?" pergunta inquieto, o Geminiano.

"Não veio. Estou atrasada 45 dias."

"Já aconteceu outra vez?"

"Nunca. Sou um relógio. Estou desesperada. Não sei a quem contar."

"Não conte a ninguém. Só aqui ao pai", diz Geminiano, vaidoso.

"Isso não é assunto para brincadeiras. Estou morrendo de medo", ela responde, assustada.

"Você sabe controlar o Coelhinho, muito bem. Não se desespere. Estarei de seu lado. Vá preparando a cabeça dele."

"Como. Faça promessas. Você sabe como seu marido é religioso."

"Já fizemos tudo."

"Mais uma vez, e dá certo. Vem o milagre. Você vai ver como dá certo."

"Vou pensar. Tenho de dar um jeito nisso. Ele vem aí. Depois combinamos. Me oriente."

* * *

Dia seguinte, assim que Coelhinho sai, Geminiano indaga:

"Como é? Veio?"

"Nada."

"Você tem certeza de que está no tempo?"

"Claro. Sou um relógio. Estou morrendo de medo. Afinal, os médicos dizem que Coelhinho é estéril. Vai ser um escândalo danado na cidade. Ele vai ligar a gravidez à sua presença, aqui, em casa. Tenho certeza de que me mata", diz ela chorando, convulsivamente.

Sem jeito, Geminiano acaricia-lhe os cabelos, tentando consolá-la:

"Vai ver, menstruas amanhã. Esses atrasos podem ser mera coincidência."

Ela, levantando o rosto, ensopado de lágrimas, diz:

"Se engravidar, tomo veneno, me mato. Não vou agüentar essa vergonha em toda a cidade."

Geminiano, porém, tem outra opinião:

"Meu amor, vamos devagar. Vou me aconselhar com o

Gastão que é médico. As coisas não são assim. Para tudo, há uma solução.

* * *

Noutra tarde, a costureira não veio. Geminiano pôde demorar, mais algum tempo, com Belinha que estava nervosa, em enjôos e ânsia de vômito.

"Ando tão nervosa, meu amor", diz ela.

"Nervosa, como?"

"Não sei. Uma sensação esquisita de que o Coelho está sabendo, pode ficar violento, pode me matar."

"Conversa, menina. Ele é um cara tão educado."

"Você não o conhece. Não sabe como ele age nas fazendas com os moradores."

"Aqui não é fazenda."

"Tenho medo até que ele me mate. Estou desgraçada".

"Desgraçada, por quê? Não tem nada de morrer. Vai é viver pra cuidar de seu filho."

O choro dela parece interminável:

"Estou perdida. É a desonra. O Coelho me mata."

"Mata como? Você não dorme com ele?"

"Durmo, sim, mas você não sabe tudo."

"Que ele não a procura, preocupado com os negócios, isto dá pra notar."

"Pior, muito pior."

Alarmado, Geminiano pergunta:

"O que pode haver de tão pior?"

"É que ele é estéril. Depois que descobriu isso, que não pode ter filhos, quase não mais me procura."

"Estéril? Tem certeza?"

"Claro. Já fez exames com tudo que é médico daqui. Até com o doutor Camarinha quando passou por Sobral."

"Pode ter sido engano."

"Você acha?" indaga Belinha, agarrando-se, pressurosamente, a um fiapo de esperança.

* * *

"Tia, todo o dia venho aqui, mas sempre numa hora em que tem visita e eu não posso lhe falar."

"Então fale, minha filha, diz tia Margarida, que arruma roupas de cama, lençóis, colchas, fronhas, numa grande cômoda. Ela pressente a aflição da sobrinha e suspende o trabalho:

"O que está havendo mesmo?"

"Tia, estou perdida. Vou morrer."

"Morrer de quê? Se acalme."

"Tia, estou grávida."

Tia Margarida levanta a cabeça, de repente, espantada. Logo, porém, recupera a calma.

"Não é a primeira mulher que fica grávida no mundo."

"A senhora sabe os porém...," diz Belinha soluçando. E acrescenta:

" ... O Coelho me mata, ele me mata, eu juro, tia."

E aproxima-se de Tia Margarida, que lhe acaricia os cabelos e a conforta:

"Não mata, não."

Belinha chora baixinho:

"Mata, tia Margarida. Morro e morro desonrada."

Margarida suspende, totalmente, os trabalhos e diz:

"Não mata. Agora, tenha calma e faça tudo como eu mandar."

Belinha enxuga as lágrimas com a mão e encara, ainda desconfiada, a tia Margarida que lhe diz:

"Belinha, tudo que é feito por amor merece a compreensão de Deus, embora nem sempre a dos homens aqui na Terra."

"E aí?" pergunta Belinha, de novo angustiada.

"Vamos ter uma saída. E o Coelho ainda vai morrer de felicidade quando tiver certeza de que vai ser pai."

"Mas como ele pode ser pai?" indaga Belinha, batendo na boca, como para abafar a voz.

"Minha filha, quem é que disse que ele não pode ser pai?"

"Os médicos."

"Ora, minha filha, sou mulher de médico e tenho certeza de que o Evangelista já se enganou tantas vezes. Que ele vai encontrar uma saída, isto eu garanto."

"O doutor Pena acha que o médico que mora na pensão de dona Olímpia, aquele gordo, o doutor Gastão, também pode ajudar no mesmo sentido."

"Então, Belinha, não tem porque não dá certo. É a verdade."

Belinha ergue a vista para a tia que a encara com força, com vontade de levantar a moral da sobrinha:

"Esta, agora, é a verdade. Nunca mais quero você dizendo que o Coelhinho é estéril."

Ela volta à arrumação de suas gavetas, dizendo sem fitar a sobrinha:

"Trate de fazer promessa a Santa Isabel. É botar o Coelho para rezar, com você, todas as noites. E nada de enjôos e vômitos na frente dele, antes do tempo."

"Como é que faço?"

"Não sei. Isto é com você. Não vá aparecer na frente dele quando estiver enjoada. Se tranque no quarto, vá cuidar da cozinha, da arrumação da casa. Distraia-o, mande-o olhar os bichos no quintal. Nada de enjôos, menina."

***

"Não veio."

"Mas ainda vem."

"Como? Mais de quarenta e cinco dias."

"Isto acontece a muitas mulheres."

"Comigo, não. Sou pontualíssima."

"Quer dizer que vou ser papai?"

A reação de Belinha é de abrir o par de queixos num choro desesperado que incomoda Geminiano:

"Belinha, olhe as empregadas."

"Que empregadas, que nada. Estou desgraçada. Foi você. Quero morrer."

"Andei pensando, Belinha, a situação não é tão desesperadora, assim não."

"Como?"

"Tenho amigos."

"Que amigos?"

"O Gastão."

"Ah, sim, o médico da lepra que mora no hotel da Olímpia."

"Sim, ele pode dar opinião favorável. Tenho certeza. Há um porém."

"Qual?" indaga, aflita Belinha.

"Seria bom pedir a ajuda de Deus."

"Como, meu amor, se estamos em pecado mortal?"

"Que pecado, que nada. Você devia pedir ao padre Epaminondas oração para engravidar."

"Há anos atrás, tentamos tudo."

"Agora, você tem a segurança do milagre."

"Não brinca, Geminiano, com fogo. É porque não é contigo. Toda a cidade sabe que o Coelho não pode ter filho."

"Não podia porque não tinha fé em Deus. Bate a porta do padre Epaminondas. O Coelhinho tem ajudado muito a construção da capela dele lá do outro lado do rio."

O rosto de Belinha se ilumina num sorriso, cheio de esperança. Geminiano bate em seu rosto com a mão, carinhosamente, numa despedida.

* * *

Eram cinco horas da tarde quando Geminiano Pena chega ao hotel *Rendez vous des Amis*, findo o expediente no escritório do DNOCS. A brisa do Aracati soprava de leve, docemente, como que pedindo desculpas pelo calor que fizera durante o dia. Na calçada ainda não se formara a roda de conversa de todo fim de tarde. Apenas o doutor Gastão Maldonado, esparramando as banhas em ampla cadeira de vime, forrada de travesseiros, o guardanapo amarrado ao colarinho, um prato sobre as pernas, come as atas que ia tirando, com pachorra, de uma bacia de alumínio, colocada sobre um tamborete, a seu lado.

"Se cuidando, hein, paxá?", pergunta, em tom brincalhão, o engenheiro.

"Estas atas que chegaram da Palestina estão divinas."

"Atas?"

"Atas, pinhas, frutas do conde, chame lá como você quiser, pouco me importa. O que quero mesmo é encher o bandulho", reponde o médico, bem humorado, cuspindo, à distância, caroços da fruta.

Pena se senta na cadeira ao lado e aproveitando que ainda não havia chegado ninguém, puxa o braço do médico que o observa, cheio de indagações.

"Novidades no fronte?"

"Não e sim".

"Como não e sim?" pergunta o médico.

Baixando a cabeça, Pena explica:

"Dificuldades com a Igreja."

Espantado, Maldonado, pergunta:

"Está sendo corneado por algum Dom Juan sedutor de confessionário?" E ele mesmo solta gargalhada em que mostra os grandes dentes alvos, esmaltados.

"Nada disso..." responde baixinho Pena, levantando-se para responder aos cumprimentos do tabelião Mário Pinheiro Ponte que, ao passar, o saúda respeitosamente tirando o chapéu.

"O que é, então?

"Sabe, Gastão, não tenho problemas com o Coelhinho, felizmente...."

"Também pudera..."

Sempre se importando com a ironia, Pena prossegue:

" ... nem com Belinha e, sim com a Igreja."

"Desembucha. Explica como," pede o médico.

"São os problemas de consciência de Belinha."

Maldonado não resiste e solta outra gargalhada, mostrando, de novo, os dentes esplêndidos entre a floresta de pêlos escuros:

"Ora, ora, seu Geminiano..."

"Não ria", pede o engenheiro, encabulado.

"Só agora?

"Não é de rir, Gastão, é o problema da freqüência à Igreja."

"Ora, Geminiano, desde quando mulher que bota chifre no marido deixa de ir à missa?"

"Não se trata de missa, ateu. Preste bem atenção na gravidade do problema. Numa cidade em que todo o mundo, menos a Olímpia, se pela de medo do Bispo..."

A dona da pensão se aproxima, vaidosa do que ouve, cumprimentando o visitante e perguntando:

"Aceita um cafezinho?"

"Não se incomode, não, dona Olímpia," diz o engenheiro.

"Não é incômodo coisa alguma. O senhor merece."

Pena baixa a cabeça, agradecendo.

"Vou mandar a Chaga preparar um cafezinho donzelo e trazer umas tapioquinhas que estão daqui," diz ela, pegando na ponta da orelha.

Pena se ajeita na cadeira e se volta novamente pro interlocutor.

"É que ela tem medo de revelar, ao padre, nosso caso. E se ele lhe negar absolvição? Seria escândalo ela sair do confessionário sem ir depois à mesa da comunhão."

"E por que que ela não deixa de contar?"

"Aí estaria cometendo duplo pecado mortal."

"Isto se resolve Geminiano," diz Maldonado, limpando os lábios no guardanapo.

"Como?", indaga Pena, pressuroso.

"Ora, seu Geminiano, você só pode estar apaixonado. Como é que pode um homão de quase 40 anos, como você, engolindo um boi e se engasgando com um mosquito?"

"Diz," pede o outro aflito.

Maldonado prossegue, implacável:

"Às vezes, você homem velho, vivido, passado na casca do alho, me dá idéia de estar apaixonado... Só assim não vê as coisas claras."

"E você me dá idéia de que virou cearense mesmo pelo seu palavreado," retruca o engenheiro.

"Você comanda a construção do maior açude do Estado, tendo quase mil homens às suas ordens."

"3.287 para ser preciso."

"Então, Mexe com mais dinheiro do que pensava. Com centenas de contos de réis... Não precisa se embaraçar com tão pouco."

"Mas Gastão, não se trata de questão de dinheiro."

"Sempre se trata."

"Como?"

"Sei lá. Dê umas boas esmolas ao Bispo pra comprar equipamento pra Santa Casa.."

"Você acha que resolve?"

"Isto ninguém pode garantir. Bote, então, uns parentes de um padre amigo na folha de pagamento..."

"Ah, é uma boa idéia... O padre Epaminondas..."

"De novo?"

"Ele mesmo. Não já te valeu em dificuldade maior?"

"Foi."

"Pois é, viu como pode ser fácil?"

"Ele mesmo..."

"Pois aí pode estar a solução. Bata de novo na porta dele e, num abrir e fechar de olhos talvez encontres quem alivie o peso da consciência de tua amante. Só não é possível diminuir o peso dos chifres do Coelhinho, mas acho que isto também não queres..."

"Deixa de brincadeira, Gastão. Estou pensando aqui com meus botões. O padre é pobre, paupérrimo, tem parentes morrendo de fome. Além do mais, não tem dinheiro pra terminar a Igreja do outro lado do rio que o Bispo mandou ele construir, tomar de conta."

"Pois então você ajuda a construir a Igreja. Ganha a fé, ganha a religião, ganha Belinha. Você, daqui da Praça do Rosário, começa grandioso projeto de servir a Deus. Mãos à obra. Não se detenha", diz ele, noutra gargalhada.

Olímpia vem chegando com uma travessa de tapioca, seguida de Chagas que traz o bule de café fumegante.

"Deve ser putaria da grossa esta de vocês..."

"Nada, Olímpia, afirma Gastão, esclarecendo. Estávamos recordando uma anedota do Conselheiro XX."

"Eu sei," responde ela num muxoxo de total descrença.

Ao chegar à praça da Sé, Geminiano Pena se detém a olhar para o outeiro onde foi erguida a Catedral da Sé que se recorta contra o céu azul, escandalosamente azul. Depois, toma o caminho da Igreja de Nossa Senhora das Dores, próximo à qual mora, com a mãe entrevada, num casebre, o padre Epaminondas.

Segurando as rédeas do cavalo, após o "oi de casa" a que já se acostumou, pergunta pelo padre que sai lá de dentro mastigando como se estivesse almoçando.

Geminiano continua do lado de fora, o que parece agradar ao padre que não tem interesse em que ele veja a miséria em que vive.

"Ora, doutor engenheiro, que faz o senhor por estas bandas?"

"Vim vê-lo."

"A mim, pobre negro da Ibiapina? ..."

Geminiano faz uma leve careta como se lhe desgostasse a autoflagelação do padre. Este percebe que sua fala não agrada e muda de assunto:

"Estava fazendo uma boquinha, antes de ir ao Palácio do Bispo. Dom Manuel mandou me chamar."

"Quando estiver com Sua Excelência, apresente-lhe minhas reverências ..."

"Apresento mesmo, doutor. Ele sabe do apreço que o senhor tem e não ficou gostando nada daquela besteirada do padre Montanha contra o senhor."

Geminiano faz sinal de pouco caso com as mãos. Ele continua do lado de fora da pequena e humilde casa do padre Epaminondas. O sacerdote está visivelmente incomodado pela visita em face da pobreza de sua moradia e propõe:

"Vou buscar o chapéu lá dentro e vamos juntos."

Geminiano concorda, sem muito entusiasmo:

"É padre, podemos ir juntos ..."

O padre entra na sala de visitas e tira de um armador o velho chapéu que põe na cabeça. Nem se despede da mãe nem da empregada, desejoso de afastar, o mais rápido possível, o engenheiro de sua agressiva pobreza.

Ele monta e, de repente, se dá conta de que será muito ostensivo, dará muito o que falar, em plenas dez horas da manhã ele atravessar as ruas mais movimentadas da cidade, acompanhado de um sacerdote. Que tipo de especulações isto vai gerar. Principalmente ele, objeto de ironias de *O Lábaro*, comandante de obra pública que o transforma num dos homens mais importantes da cidade ao lado do padre velho, preto, atarracado, meio torto, fanhoso, cuja feiúra era objeto de tantas piadas e apelidos. Por isso, lhe diz:

"Padre, me lembrei de que tenho uns papéis para assinar que ainda vão seguir pelo horário de hoje de tarde. Vou na frente."

"O senhor é quem sabe", diz o sacerdote que não atina com o objetivo da visita.

"Tenho assunto a lhe falar."

Padre Epaminondas ergue os olhos curiosos, para o cavaleiro. Ele sugere:

"Ficaria incômodo se o senhor passasse no escritório, no final do expediente, ali pelas cinco horas da tarde?"

Epaminondas, sem entender muito, concorda:

"Estarei lá às cinco horas, como sem falta. Agora pode ir, meu caro doutor."

Geminiano vibra o chicote sobre o cavalo e parte, rápido, rumo à praça do S. Francisco onde se situa o escritório.

* * *

O padre Epaminondas bate palmas à porta do escritório do DNOCS, assustando Adriano da Mata que espreme espinhas, diante do espelho da chapeleira onde passa horas, penteando os cabelos ou ajeitando o nó da gravata. Ele se assusta:

"Padre, o senhor ainda me mata do coração..."

Com a voz fanhosa, chapéu na mão, o sacerdote responde, cheio de sarcasmo:

"Mato nada. Você, ninguém mata. Vai ficar prá semente." E, depois de pequena pausa, indaga:

"Você está achando o negro velho aqui com cara de lobisomem?"

"Não, responde Marciano . "É que batendo palmas assim tão forte e eu com pensamento tão longe, o senhor realmente me assustou."

O padre se sai ainda mais irônico:

"É que não esperava encontrar pessoa tão delicada."

Marciano faz que não percebe a ironia e pergunta:

"O senhor veio falar com o doutor Geminiano? Vou anunciá-lo. Ele está esperando."

O padre confirma, e ele, com passadas preguiçosas, bate à porta do escritório donde sai o engenheiro, todo risonho, para receber o visitante:

"A que devo a honra dessa visita?"

O padre fica um pouco confuso. Depois, percebe que o engenheiro quis apenas ser gentil.

"Vamos entrando, padre."

Geminiano afasta a cadeira, diante de sua mesa, para o sacerdote sentar. Ele se senta, com o chapéu nas pernas. O engenheiro o pede e o pendura no armador de rede.

Depois de muita conversa, o engenheiro entra no assunto:

"Padre, como sei que todo mundo, nesta seca, passa dificuldade, taí o pilantra do Marciano que não tem onde cair morto, apesar da família tradicional e do tempo de Rio, lembrei-lhe de que o senhor deve ter pessoas que lhe são ligadas, parentes, amigos, que também sofrem com esse tempo amargo."

Epaminondas começa a entender até onde o engenheiro quer chegar e concorda, balançando a cabeça chata.

"Queria lhe oferecer três vagas de alistados aqui no meu açude."

"Lá no Forquilha?"

"Lá não, padre, lá será para os flagelados, os que vão

trabalhar no pesado. Será no escritório, aqui comigo." O rosto do padre perde a máscara permanentemente irônica. Ele se comove e indaga com voz fanhosa: "Posso indicar quem quiser?" pergunta, como se tirasse um enorme peso das costas.

"Pode sim. Para isso, fui à sua casa."

"Deixo os nomes com quem?"

"Comigo, padre, com quem havia de ser?" diz o engenheiro, molhando a pena no tinteiro.

"Dr. Geminiano, confesso que o senhor me comove, toca fundo o meu coração. O senhor não sabe as agruras por que tenho passado."

"Sei, padre. Olímpia, o Coelho e o Etelvino me têm falado..."

"Até o Etelvino?"

"Por quê? Apesar de toda essa confusão que reina na cidade, nunca ouvi da boca dele qualquer palavra contra o senhor."

O padre faz um ar de admiração. Geminiano molha a caneta mais uma vez e pede:

"Agora, me dê três nomes, padre." Como Epaminondas hesita, o engenheiro quer saber:

"Quer pensar um pouco? Não precisa. Me dê os nomes de sua preferência, agora. Se houver alguma mudança, o senhor me diz e eu faço as substituições. O importante é que eles entrem na folha ainda este mês."

Epaminondas se surpreende com mais esta demonstração de simpatia.

"Obrigado, obrigado de coração, dr. Pena".

"Não tem o que agradecer", diz o engenheiro se levantando. "Não quero tomar seu tempo. Ou se faz o favor completo, ou não se faz. Nada de deixar as coisas pela metade."

* * *

"Seu Coelho, trouxe, aqui, para dona Belinha, aquela oração para Santa Isabel que mandei buscar em Fortaleza."

"Pra quê?" pergunta Coelhinho, enquanto examina a fechadura da porta de um grande armário escuro de sala de visita.

"É tiro e queda. É uma oração milagrosa, pra engravidar."

Belinha estende a mão na direção do padre Epaminondas.

"Dona Belinha, antes de copiar a oração, e a senhora terá de copiá-la pessoalmente, mande-me aviar um cafezinho. Estou morrendo de vontade de tomar uma xicrinha do café da Minervina."

"Na hora, padre. Também estou com vontade."

Quando ela volta da cozinha, o padre Epaminondas recomenda:

"Dona Belinha, não há tempo a perder. Mãos à obra. Traga o tinteiro e a pena e comece a copiar. Ajuda, ainda mais, se for a senhora mesmo que a copiar."

"Ora, padre, tenho a letra tão feia ..."

"Tem nada, dona. A senhora possui letra de professora."

Belinha ri, encabulada, de cabeça baixa. E sai para trazer o tinteiro, a pena e o mata-borrão. Senta-se à mesinha de tampo de mármore da sala de visita, puxa a cadeira, molha a pena e começa a escrever. Sempre com a língua do lado de fora da boca, dançando sobre os lábios.

Coelhinho insiste em consertar a porta do móvel da sala, agora usando uma chave para apertar parafusos. Enquanto isso, fala e fala muito sobre as dificuldades de frete do porto de Camocim para Sobral, de que nunca há lugar nos trens e os prejuízos são grandes por causa disto. Felizmente, ele só negocia com artigos não perecíveis. Imaginem se mexesse com gêneros, com alimentação. Até que a empregada vem com a bandeja, trazendo o bule de café e as xícaras. Ele serve a primeira xícara a Coelhinho que passa ao padre, Epaminondas. Este sopra o café para esfriá-lo, primeiro no pires onde toma o primeiro gole. Depois, bebe o resto na xícara. Produz um suspiro de aprovação:

"Dona Belinha, parabéns. Café, como o da sua casa, não existe. Parabéns."

"São artes da Minervina."

"Não, senhora. Aí tem seu dedo. Não se deve esquecer o capricho da dona da casa."

* * *

No dia seguinte à noite, Belinha está deitada na cama, protegida pelo mosquiteiro. O marido, agitado, tenta consertar uma dobradiça da janela.

"Raimundo, pára, é hora de dormir".

"Belinha vou já. É que deixei uns parafusos aqui na gaveta desse guarda-roupa e não encontro."

"Vai ver foi você mesmo quem tirou. Ninguém mexe aí, fora você."

"Não fui, e não fui eu. Tenho certeza. Ainda ontem estavam aqui."

"Raimundo, quero te propor uma coisa."

"O que é, mulher?"

"Uma nova tentativa".

"Ora, mulher, já estou até conformado."

"Nós, somos moços. Temos apenas treze anos de casado. Podemos tentar."

"Ora, filha, você não está cansada de saber que o médico do Rio disse que meu espermatozóide é morto? Sou estéril".

"Não custa nada tentar mais uma vez."

"Tá certo" diz ele, abandonando a pesquisa no guarda-roupa.

"Raimundo, tia Creusa me contou que uma amiga dela, casada há doze anos, sem filhos, nem tinha esperança mais. Adotara dois sobrinhos. Rezou a oração de Santa Isabel, durante um mês. Pois não é que no final da reza, bem pertinho do dia da santa, estava grávida?"

"Foi mesmo?"

"Nós vamos rezar e tentar."

"Se você quer, podemos começar."

Belinha se levanta da cama, ergue o mosquiteiro, calça os chinelos e se encaminha para o santuário onde uma vela está acesa em homenagem a Santa Isabel. Raimundo se ajoelha em primeiro lugar. A mulher o imita e começa a rezar:

"Vamos começar pelo Credo: "Creio em Deus Padre, Todo-Poderoso ..."

* * *

"Você comunicou a ele?"

"Disse."

"E qual foi a reação?"

"A princípio, ele ficou calado, como se estivesse olhando pra dentro. Depois perguntou: o dr. Evangelista disse que era possível? Eu confirmei. Aí, ele disse: Então, vamos lá amanhã."

"E então?"

"A conversa foi muito boa. Quando o Coelho, a certa altura, indagou se o espermatozóide pode ressuscitar? O doutor Evangelista ficou, assim, meio em dúvida. Dona Creusa foi logo dizendo: Que pode, pode, Evangelista, e você conhece muitos casos. Evangelista, a custo, com aquela preguiça que tem desde quando era moço, foi confirmando, aos poucos: Pode. Há casos, registrados pela ciência, Coelho. Você vai ser papai. É quase um milagre.

"Milagre de Santa Isabel", acrescenta Belinha.

"Parabéns, homem. Vai ser pai. Parabéns, Belinha, minha sobrinha", diz, eufórica, dona Creusa.

* * *

Geminiano indaga:

"Ele é tio?"

"Não, é primo. Como se trata de pessoa mais velha, muito amigo de mamãe, me acostumei a chamá-lo de tio. E a mulher dele, dona Creusa, sempre puniu muito por mim. Sempre foi muito a meu favor, em tudo."

"Tudo, como?"

"Quando um tio meu foi contra o casamento, alegando que Coelho era de família pobre, estava interessado apenas na minha herança, ela deu a maior força."

"E aí? Posso cumprimentá-lo?"

"Ora, se pode."

"Então, vou passar na Gruta e comprar um champanhe. Que tal?"

"É muita despesa."

"Que nada, Belinha, afinal o filho é meu."

"O filho é do pai", responde ela, baixinho.

* * *

O DNOCS comprou quase todos os carros de mão, enxadas, pás, para construção do açude do Forquilha em "A Ferragista". Coelhinho, pode, assim, antes dos outros, refazer seus estoques para atender, inclusive, à construção do açude Sobral e da estrada de Sobral a Ibiapina. Na cidade, não se falava noutra coisa que em sua prosperidade.

"Vai bater os Jordão nessa marcha."

"Já ganhou perto de cem contos."

Os maliciosos aproveitavam para botar defeito:

"O dinheiro entrando e o chifrão crescendo."

"Corno daquele jeito, tinha de ter uma compensação."

"Se é corno, não sei. Sei que ele tem um cifrão nos olhos, só pensa em dinheiro, desde criança."

* * *

Coelhinho vai apressado no rumo do *Rendez vous des Amis*, o ventre e no nariz à frente. Quer que o médico Gastão Maldonado lhe responda a uma dúvida que o doutor João Evangelista de Souza, marido da tia de Belinha, dona Creusa, tentou esclarecer. Lá, encontra o médico às voltas com um prato de canjica que lhe fez Chaga. Ao vê-lo, indaga, sem muita convicção:

"É servido, seu Coelho?" E vai colocando canela na canjica.

Coelho, preocupado e sério, faz que não com a mão. O médico quer saber o que o traz ali:

"Em que posso lhe ser útil?"

"Queria ouvir sua opinião", responde o comerciante, sério, preocupado.

"Terei todo o prazer em atendê-lo. Pode ser aqui ou tem de ser no consultório?", pergunta Gastão, se levantando, sem muito prazer, o olhar saudoso na direção do prato.

Coelhinho, entendendo, pede:

"Termine, doutor, sua canjica. Podemos conversar ali perto dos bichos", indica o pequeno zoológico na área dos quartos de hóspedes, recém construídos.

"Já terminei. Estava mesmo acabando. Devia acabar. Afinal, já estava repetindo." E se levanta.

Coelhinho olha em volta da sala, cheia de hóspedes e aponta o mini-zoológico. Gastão, pesadão, forte, encaminha-se pra lá. E ao chegar junto às grades de arame, comenta:

"A preguiça ainda não abriu os olhos hoje. E, olhando o relógio, registra:

"Já são quase quatro horas da tarde."

Coelhinho não mostra interesse:

"É?"

Aproximando-se da gaiola, olha para um lado e para outro, o rosto cheio de angústia e de dúvidas e dispara:

"Espermatozóide ressuscita? Ressuscita, doutor?"

Sua pergunta soa como uma súplica doída. Circunspecto, o Dr. Maldonado o encara firmemente nos olhos, antes de responder:

"É claro que ressuscita."

Coelhinho suspira, aliviado, e indaga:

"É o mesmo que diz o dr. Evangelista."

Gastão, já refeito da surpresa e satisfeito com sua resposta, ganha naturalidade e acrescenta:

"Não podia ser diferente. Não sei qual a escola médica que oDr. Evangelista segue. Neste caso, porém, não podia ser outra opinião."

"Ah, bem!"

"Posso ter o privilégio de cumprimentá-lo, de lhe dar parabéns?" pergunta Gastão.

Alegre, tranqüilo, Coelhinho recebe os cumprimentos, com desenvoltura. É um homem devolvido à paz interior. Agora, só lhe resta agradecer a Santa Isabel e comemorar a novidade. Vai ser pai. É realmente um ano de sorte. Jamais vendeu tanto. Praticamente detém o monopólio do fornecimento de equipamentos leves para a construção do açude Forquilha. E de outros do DNOCS. Porque o Geminiano o ajudou. Sim, mas também ele ajudou a sorte. Era quem tinha se preparado. Dispunha de estoque. Podia entregar logo a mercadoria. Tudo isto seria ainda insuficiente, se continuasse faltando à Belinha a alegria da maternidade. Muitas noites, eles se angustiaram pensando em sua esterilidade. Que fora engano. Um erro médico, que agora se desfazia. E estava diante de mais uma bênção de Deus. Um menino. Raimundo Coelho Pereira Filho, se for homem. Vai ser homem. O primeiro filho, geralmente, é homem. "E, afinal, não é este um ano de sorte?" Se pergunta, voltando prá loja, no andar inferior do grande sobrado da rua Senador Paula. Depois, iria procurar o bom padre Epaminondas para contribuir para a construção de sua Igreja, do outro lado do Rio Acaraú. É também hora de retribuir a Deus a imensa graça recebida.

* * *

Olímpia Catingueira, a dona do hotel, recomenda a seu novo amigo, Geminiano Pena, a missa das nove horas da manhã de domingo, na Catedral da Sé, não apenas pelo aspecto religioso, como para conhecer a sociedade. Lá se vai o engenheiro, na companhia do gordo e bem humorado colega de pensão, o doutor Gastão Maldonado. Fica, porém, como muitos cidadãos da terra, do lado de fora do templo, fumando seu cigarro. Podem ouvir, porém, parte do sermão do padre Geraldo Madeira, que fustiga as modas inocentes, os filmes imorais, os passeios de automóvel e todas as formas de libertinagem.

Daí a pouco, ouve-se um barulho muito grande. Gritos do padre com um cidadão de cabelos ao vento, orelhas vermelhas que sai falando alto, arrastando a filha pela mão:

"Este padre é louco. É um louco que nunca podia ter sido ordenado padre."

A filha acompanha-lhe o passo rápido, chorando.

Gastão e Geminiano procuram saber o que houve. O indefectível Ataliba explica:

"O padre Madeira se recusou a dar comunhão à moça, porque ela está com vestido de manga três quartos. Só dá comunhão com manga comprida, até os punhos."

Geminiano se surpreende:

"Como é mesmo isto?"

Ataliba recomenda:

"Espere o fim da missa."

Quando termina a cerimônia religiosa, já à porta da Igreja, meninas, moças e senhoras tiram as mangas artificiais.

"Está vendo? Estão tirando os manguitos."

"São mangas artificiais que elas somente usam quando entram na Igreja. É só terminar a Missa, elas tiram os manguitos, porque não agüentam o calor."

Ataliba explica:

"O Bispo tem é penado. Todo o ano, faz a maior campanha contra o Carnaval que é cada vez mais animado. Você vai ver. O "Rendez vous des Amis" fica até a tampa de caixeiros viajantes que vêm de toda a parte, para os três dias de festa. Ele chegou a pensar em proibir a comunhão de moças e rapazes que brincassem o Carnaval, caíssem no pagode, depois, recuou".

* * *

Gastão Maldonado e Geminiano Pena retornam da missa de domingo, na Catedral, suando em bicas dentro de seus ternos de casimira inglesa, igualmente vestidos pelos ricos e abastados da terra. Eles chegam ao hotel, comentando os incidentes havidos durante a cerimônia religiosa.

Olímpia Catingueira, que assiste à missa das cinco horas da manhã na Igreja do Menino Deus, discretamente, talvez para manter a reputação de contestadora, arruma sofás, cadeiras. Põe em ordem revistas e jornais, espalhados sobre a mesa de tampo de mármore ao mesmo tempo que tira gostosas baforadas do charuto.

Ao ver os dois de volta, levanta a vista da mesa e brinca:

"Então, os doutores da capital na missa dos grã-finos na Igreja da Sé?"

Gastão, já rumando para a cozinha a fim de se informar sobre o que a cozinheira Chagas prepara para o almoço, diz:

"O Geminiano, Olímpia, ficou apavorado diante do que viu."

O engenheiro, que dependura o guarda-pó na chapeleira da sala, explica:

"Apavorado, não direi, Gastão ..."

"Inquieto?", pergunta Olímpia.

"Não. Perplexo e intrigado", ele responde.

"Intrigado com quê?", indaga Olímpia, erguendo-se e concluindo a arrumação da sala.

"Primeiro, aquela história das mangas postiças dos vestidos..."

"Ah, os manguitos?"

"Manguitos?", pergunta Geminiano.

"É como chamamos. Manguitos. As moças usam para dizer que estão de mangas compridas. Só na igreja. Quando saem de lá, já na porta, vão tirando. É satisfação que dão ao Bispo."

"O Bispo?"

"É, o Bispo. Este ano ele batalhou, como nunca, contra o Carnaval e perdeu, contra os bailes em geral, o coco, os vestidos curtos, as saias evasées, as mangas curtas ..."

"Já sabia, mas, ainda assim, me surpreendi. Todo o mundo vai com os braços de fora, o que acho muito justo, pelo calorão que faz aqui. Antes de entrar na igreja, colocam o véu na cabeça e vestem os manguitos nos braços. Assim, ficam de bem com o Bispo, se livram de um carão em público."

"E hoje? Houve algum problema?", pergunta Olímpia.

Sem pressa, o engenheiro conta:

"No finalzinho da missa, de repente, houve o maior reboliço na igreja. Só ouvi gritos. Eram do padre Madeira e do pai de uma moça que vinha debulhada em lágrimas ..."

"O padre Gerardo", explica Olímpia, "além de meio histérico, gosta muito de dar espetáculo para agradar ao Bispo que, este ano, anda muito precisado."

"Precisado de quê? Agora quem pergunta é Maldonado.

"De conforto. De apoio. Ele tem levado cacetada de todo tamanho. Só está de pé porque é teimoso que nem uma mula", informa Olímpia.

"Não me diga. O Bispo parece tão respeitado. O que houve com ele?"

"Dois golpes terríveis de cair a crista. O primeiro foi do Tabajara Lins, aquele carola, aquele tremendo papa-hóstia, da Congregação Mariana e da Conferência Vicentina."

"O que morreu do coração?", quer saber Maldonado.

"Exatamente. Mas o senhor não sabe em que circunstâncias."

"Conte logo, dona Olímpia."

Olímpia tira outro charuto dos bolsos e procura a caixa de fósforos. Ela prefere sentar-se para mais calmamente contar o que sabe.

Depois de dar uma baforada, em meio ao silêncio, cheio de expectativas dos interlocutores, ela diz:

"Pois, o senhor não sabe mesmo como morreu Tabajara Lins?"

"Sei que morreu do coração", responde Maldonado.

"Morreu na casa da rapariga dele."

"Rapariga?"

"Pois ele morreu na casa dela, em seus braços. A moça, apavorada, foi correndo à fábrica pedir adjutório e aí o gerente Coraci Prata, mais que depressa, conseguiu uma rede e trouxe o Tabajara para a Farmácia Nossa Senhora da Conceição, do Juvenal que lhe deu morte decente. Chamou a família e disse que ele chegara lá se sentindo mal, ainda tomara um

pouco de coramina, mas não evitou a morte. Não houve tempo de chamar o médico."

"E o Bispo?"

"Você acha pouco? Um dos pilares da religião morrer nos braços de uma rapariga. É um baque. Um abalo. "

* * *

Na porta de *O Equilíbrio*, Júlio Aragão, ante o tédio dos companheiros de roda, conta mais uma história de sua experiência amazônica:

"De repente, no meio da floresta, uma sucuri me perseguiu. Estava sem faca, e sem nem um quicé de picar fumo. Corri desesperadamente e subi numa árvore gigantesca de mais de cinqüenta metros de altura. Quando estava lá em cima, vejo, num galho, uma onça pintada ..."

Nunca se soube como ele escapou da cobra e da onça porque o doutor Aristeu Honório Parente pigarreia, com impaciência, para chamar a atenção dos amigos. Na esquina, despontava o obstetra Luiz Mazzola, fraque de casimira negra, de pince-nez, guarda-sol, cheio de formalidades. Seu pai tinha votos na Serra da Ibiapaba, daí porque ele fora contratado para médico do DNOCS na cidade. Ataliba esfrega as mãos, satisfeito:

"Agora, vamos esclarecer o caso do Coelhinho ."

"Como?", perguntou Aragão.

"Disfarça, depois lhe conto", responde Ataliba.

"Dona Belinha está grávida?", indaga espantado João Evangelista da Silva, secretário da Prefeitura, homem de muitas mugangas e caretas, o rosto cheio de espinhas, chamado, por isso mesmo, pelo doutor Jordão, de cara de areia mijada.

"Gravidíssima", diz em voz baixa o Ataliba. "Vamos saber de quem."

Tirando o chapéu, que lhe descobre a calva incipiente, Mazzola vai saudando a todos com muitas reverências e certa untuosidade:

"Bom dia, doutor Aristeu, como vai dona Margarida? Seu Júlio, que prazer inestimável encontrá-lo. Vai-nos contar algumas daquelas impressionantes histórias da Amazônia? Seu Evangelista, muito trabalho na Prefeitura? E essa vocação de jornalista ainda não bem aproveitada que é o amigo Ataliba, tem muitas novidades?"

Foi o pretexto para que Ataliba Teixeira o interpelasse:

"Espermatozóide ressuscita, doutor?"

O médico toma um susto. Seu rosto fica vermelho e ele empurrando a ponta do guarda-sol num buraco da parede, procura ganhar tempo, conhecer o terreno:

"Não sabia de sua curiosidade teórica sobre a reprodução humana. Será que sua vocação é a medicina e não o jornalismo, meu amigo Ataliba? Em qualquer das duas, será um brilhante profissional."

O coxo fica impaciente:

"Hein, doutor, não desconverse. Me explique, um cara vai a Fortaleza, vai ao Rio, vai a ceca e meca, faz toda espécie de exames. Volta convencido de que não pode ter filhos. Produz espermatozóides estéreis, mortos. De repente, sua mulher aparece grávida. Será algum milagre do Espírito Santo?"

"Ora, Ataliba, por favor não blasfeme. Todo o respeito às causas sagradas. O desrespeito está dividindo a família sobralense", responde o médico ainda mais ruborizado e encabulado.

"Como é, doutor?". As mãos metidas no bolso da calça, o doutor Honório intervém, para desespero do médico, acossado agora por autoridade maior.

"Como, doutor juiz?"

"Satisfaça a curiosidade científica do Ataliba. Ele fala em tese ..."

"Doutor Aristeu, tudo pode acontecer."

"Mas isso não é científico."

"Quem dirá, quem pode garantir, doutor Aristeu, que os médicos não se enganaram?"

"Os de Fortaleza e do Rio? Não é muita coincidência?"

"Doutor Aristeu, eles são falíveis e mortais, quase diria como eu, médico da roça."

"Alto lá. Sobral não é roça e o senhor é um grande médico", protesta Júlio Aragão.

"Obrigado". Contente, ele prossegue:

"Quem sabe não houve troca de exames?"

"Bom, isso pode acontecer. Já ouvi falar de casos de exames entregues ao cliente errado", concorda Júlio Aragão.

Mais animado, o médico se adianta:

"Sem falar nos poderes de Deus, na oração. A fé remove montanhas."

O doutor Aristeu não pôde conter o riso diante da falsa religiosidade do médico que chegara a Sobral, precedido da fama de maçom e ateu.

"Me dêem licença que tenho o consultório cheio."

"Pois não, doutor. Muito bom dia."

"Dissimulado que nem fariseu", comenta, depois de sua partida, Aristeu Honório Parente.

"É muito meloso esse doutor" afirma Júlio Aragão, frustrado porque sua história da sucuri e da onça perdera todo o encanto.

"Que poderes de Deus? Poderes do DNOCS, em cuja gamela ele também come. Com a visita diária daquele mulato, não tem espermatozóide que não ressuscite", diz Ataliba.

"O que sei é que o Coelhinho anda mais feliz que nunca, distribuindo charutos."

"Que vai acontecer se o menino sair com o cabelo puxado que nem o do tal Geminiano?"

"Prá isso, dona Belinha vai ter muita explicação. Aquela avó dela do Jaibara que foi escrava! Isto não é problema. E o Coelhinho anda tão entusiasmado com o fim de sua esterilidade que nem vai se preocupar se o menino nascer meio carregado."

"Enquanto durar a construção do açude, poderão nascer outros coelhinhos," disse Ataliba.

"Aqui prá nós, o Coelho não é besta o quanto vocês pensam," ponderou o doutor Aristeu. Todos se viram na direção

do juiz que, antes de falar, toma rapé e assoa o nariz no vasto lenço sujo que sempre trazia.

"Como?" indaga, pressuroso, Júlio Aragão.

"Ora, o Coelhinho é muito esperto. Só 'A Ferragista', agora, vende pás e enxadas para a construção do Forquilha."

"Vão ver são sócios na cama e nos negócios", atalha brutalmente Ataliba.

"Não direi tanto", continua o doutor Aristeu. "O que há de certo é que o doutor Geminiano é o chefe de compras da construção do açude. Mora com o engenheiro do Cachoeira, aquela cara de índio. Não ficaria surpreso se 1A Ferragista1 passasse a fornecer também para os outros açudes."

"Aí seria a proteção de vocês, marretas, porque o senador Jordão foi quem nomeou o engenheiro."

"Isso não. O Coelho é pau de bois bicos. Tanto assim que, apesar de viver bajulando o doutor Jordão, nunca tirou o anúncio de "A Ferragista" de "O Combate". Por mais que pelejássemos com ele, sempre alegou que havia um contrato anual com o jornal do esterquilínio."

"Esterquilínio?" indaga curioso, Aragão.

"Jornal de merda, se você quer saber", responde o doutor Aristeu.

Ataliba se alteia na perna sã para destilar fel:

"Ah! Corninho esperto este Coelhinho!"

"É verdadeiro chifre de ouro da mitologia", concorda Aristeu.

Satisfeito com a concordância geral, o doutor Aristeu prossegue:

"Este é um negócio em que todos ganham e saem felizes. Dona Belinha porque tem quem lhe aplaque os calores que o Coelhinho, avexadinho como é, sempre consertando móveis, cofres, lâmpadas, não deve ter capricho na cama. O engenheiro, porque tem à sua disposição mulher nova, bonita e casada, sob a simpatia do marido. O Coelho ganha seu primogênito e vende suas enxadas."

"E a Igreja?", observa Júlio Aragão.

"Os poderes de Deus do hipócrita do doutor Mazzola?"

"Sim", concorda Aristeu, "porque por trás de tudo isso está um milagre de Santa Isabel... O menino se deve a uma promessa feita. Foi o que dona Belinha botou na cabeça dele ..."

"O que ela botou mesmo foi um bom par de chifres", lembra Ataliba, com rudeza.

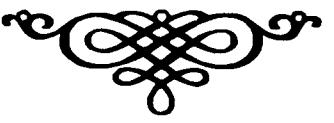
"Ela o convenceu de que rezando, todo dia, um terço a Santa Isabel, o menino nascia."

"Pois bem, ganhou também a Santa. No leilão de 4 de outubro, o Coelho gastou bem uns quatrocentos mil réis, arrematando galinhas assadas e cerveja fresca ..."

"Então, está ganhando muito mais do que supomos", pondera o doutor Aristeu.

* * *

As Noites de Amor de Dona Efigênia



A cidade inteira comenta as noites de amor do doutor Célio Fernandes e sua mulher, a robusta dona Efigênia. Ela passa a noite gemendo, um ai, ai, ai, ai dengoso de quem finge recusar o marido. Passa, depois, a uns ais gritados, desesperados como se estivesse sendo esfaqueada até que desfere um grito terrível, dentro da noite quanto atinge o orgasmo. Não pára, porém, de choramingar, um choro dengoso, de quem foi satisfeita.

A vizinha, a solteirona, dona Flora, que mora em casa pregada no sobrado, onde reside o médico, fecha as portas da frente, furiosa, com violência, arrebentando o reboco da parede.

"Que pouca vergonha! É cousa de mulher à toa."

As alunas do Colégio Imaculada Conceição esperam ansiosas as noites de amor do casal. Levantam-se e vão à janela no interesse de ver o que leva Dona Efigênia a gemer, a chorar e gritar tão desesperadamente. De camisola, na janela, elas se acotovelam, excitadíssimas. Nestas noites, madre Alfonsina Machado Freire, vice-diretora do Colégio, fica de péssimo humor. Ela vem, pé ante pé, para invadir, de repente, o dormitório, como uma fera. Fecha as janelas e manda que as alunas voltem às suas camas e às redes.

* * *

Crisantino, filho do dono de um dos cartórios do Sobral passa a noite, no escuro, próximo à casa do médico. Nada lhe

escapa em matéria de vida sexual alheia. Enquanto o irmão, Crisanto, apenas se interessa por promissórias atrasadas, disputa de vendas entre viajantes comerciais, quem comprou automóvel na cidade, Crisantino só quer saber de quem está namorando com empregadas domésticas, de amigações com moradoras das fazendas, cabaços derrubados, mulher nova na zona. Ele concorre com o coxo Ataliba Teixeira, empenhado sempre em levar e trazer notícias ruins ou transmitir fuxicos.

* * *

O doutor Célio e dona Efigênia vão passando pela Praça do Mercado. Ele cumprimenta a roda do dr. Aristeu Honório Parente, que conversa sobre política e doenças, à porta do jornal *O Lábaro*. O casal adiante sobe a calçada alta da Farmácia Santa Rita, de Eloi Albuquerque, primo de Romão Patriolino, quando dá para apreciar o ainda belo e bem nutrido corpo de dona Efigênia, protegido pela sombrinha. Aristeu Honório Parente comenta:

"Chega ela está escambichada. Ontem de noite teve, ô Crisantino?"

"Se teve, doutor, foi uma animação danada. Esta mulher começa a gemer e soltar uns ais de que está querendo. Isto demora, doutor. Não é assim do pé pra mão, não. Vai gemendo, gemendo, soltando uns ais de dor, como se estivesse sofrendo, como se ele a estivesse chicoteando até que dá um grito que acorda toda a vizinhança, quando consegue gozar. Mas, a gemedeira não pára aí, não. Ela continua a gemer baixinho, quase como se estivesse chorando durante muito tempo até que se levanta para os asseios. O doutor, então, acende um cigarro e fica na janela, recebendo a brisa do Aracatiaçu."

"Ele não te viu, não?"

"Como, doutor Aristeu, naquele escuro? Aquilo é um breu. Só apareceu uma lamparina acesa no dormitório das meninas do Imaculada."

"Como elas estavam?"

"Deviam estar se roçando, todas elas na janela, escutando a gritaria de dona Efigênia até que chegou a Irmã Alfonsina e fechou as janelas, com força."

Ataliba aparteia:

"Ela jura que despeja o médico do sobrado que é da Diocese."

Aristeu interfere:

"Por que não muda o dormitório? Não são nem 12 alunas."

Crisantino completa:

"É pouca gente. Isto vai estourar nas mãos de Dom Manuel. Vai ser aquele escândalo."

"Du-vi-de-o-dó", diz Ataliba. E esclarece: "Afinal, não é nenhum beradeiro, nenhum pé rapado. É um doutor, formado em medicina que já atendeu, inclusive, o Bispo."

* * *

O grande debate que se trava em Sobral, em "A Gruta", nas rodas de conversas do *O Lábaro*, "A Bandeira Branca" e do hotel "Rendez vous des amis" é este: Dom Manuel terá coragem de despejar o doutor Célio? Madre Alfonsina mudará o dormitório de suas pupilas? Dr. Célio e dona Efigênia atenderão a apelos contidos em cartas anônimas para moderar seus arroubos verbais e físicos na cama ou os miados da mulher do médico são importantes para o prazer do marido?

* * *

Naquela tarde, Antônio Mendes, de "A Bandeira Branca", chama o doutor Aristeu Honório a um canto e segreda-lhe ao ouvido. O velho faz um olhar maroto, e volta à roda para tomar rapé. Júlio Aragão fica aborrecido. Não disfarça a curiosidade:

"O que foi, Toim?"

O dono da loja pigarreia, abaixa a vista e ri:

"Nada."

"Então, Aristeu, que nada é esse que leva vocês a tantos cochichos?"

"Olha Júlio, é assunto particular."

"Desse jeito, não venho mais aqui. Se a gente não merece a confiança dos amigos, de quem vai merecer?", diz Júlio Aragão, trombudo, as mãos no bolso, como quem quer se retirar.

O juiz olha pro dono da loja Bandeira Branca que, de certa maneira, lhe autoriza a revelar o segredo.

Aristeu funga mais uma vez, como é seu hábito e diz:

"As freiras está querendo mudar o lugar do dormitório do Colégio Imaculada Conceição."

"E daí?", pergunta o Aragão. "Não tenho filha interna lá. Que é que tenho com isso?"

"Aí é que é ..."

"Desembucha logo, Aristeu."

"É por causa do doutor Célio e dona Efigênia."

"Hummmmm, já sei ....", observa Josenildo.

Aristeu explica:

"É por causa da barulheira que eles fazem na cama. É uma gemedeira, uns suspiros, uns gritos de entusiasmo de dona Efigênia que as meninas e as irmãs nem conseguem dormir, de tão excitadas...."

"Andam falando que as freiras foram ao Bispo para ele pedir a casa do doutor Célio", observa o padre Epaminondas, de olho no seu colega.

"Nunca ouvi falar nisso, não, padre Epaminondas. Quem lhe contou?", indaga padre Marrocos.

"Um passarinho. Hoje de manhã, um passarinho entrou na minha janela e me contou", diz, com ironia, o padre Epaminondas, olhando para o padre Abílio.

* * *

Olímpia comanda a limpeza do seu minizoológico, situado ao lado dos apartamentos do hotel quando o Rufino,

rapazinho que fazia mandados para ela e para os hóspedes, veio chamá-la. Ataliba Teixeira. O assunto, urgente.

"O que vai querer aquele urubu, aquele portador de má notícia?" E dá uma baforada na direção do monte de estrume de animais, retirado de dentro do viveiro e das gaiolas. Passa as mãos no cabelo curto, cortado *à la homme*, suspira e diz prá si mesma:

"Vamos lá."

O fuxiqueiro estava na sala, de costas para as janelas, num pé e noutro, cheio de ansiedade, apertando a aba do chapéu com as duas mãos.

"O que aconteceu de tão importante?" indagou Olímpia.

"Olímpia, nem te conto. Esta é das boas. Não podia esperar."

"De que trata mesmo?"

"Do Dr. Jordão."

"Aquela alma danada? O que daquela praga pode me interessar?"

"Assente aí, nessa cadeira, prá você não cair prá trás, mulher. Mande a Chaga caprichar num café e se prepare."

"Conta logo, home de Deus. Rufino, vai dizer a Chaga pra aviar um cafezinho aqui pro professor".

"Pois é, como você sabe, o doutor Jordão é vidrado numa fabricante. É capaz de já ter derrubado mais cabaço de tecelã da fábrica que o Romão Patriolino em Sobral e em suas fazendas."

"Ali, na fábrica, é tudo cabra safado..."

"Pois bem, Olímpia, o dr. Jordão dessa vez mudou ..."

"Mudou como? Só se for prá pior", indaga Olímpia, olhando-o com suspeição.

"Tá igual à máquina de bordar. Não sai do mesmo canto."

"Que diabo queres dizer com isto?"

"Enrabichou-se pela Maria José, aquela do Joaquim Pereira que era carreteiro e, agora, está trabalhando de vigia na fábrica."

"E daí?" pergunta Olímpia, com impaciência.

"Pois bem, ele inventou de abrir, todo o santo dia, a fábrica, alegando para dona Filomena que é prá dar o exemplo.

É a hora em que se sente mais vigoroso. Nem mais toma café completo em casa. Só uma xicrinha prá fumar o charuto. Abre a fábrica, verifica se o Quincas está no posto e vai pros braços de Maria José."

"Vai com o guarda-costas dele, o Capa Preta?"

"Sim, aquele capanga, lá do Cariré."

"Pois é, o Chico Rosa, diz Ataliba, baixando a voz.

"Por que este mistério todo?"

"É porque, Olímpia, foi ele quem me contou em confiança. E não quero perder o informante. Ele estava perto da casa da Maria José pastorando a fabricante quando o Dr. Jordão a abordou pela primeira vez, já lhe passando a mão nos peitos, metendo a mão no vestido dela. A pobre quis reagir, quase sem fala. Disse-lhe que era pecado: 'Dr. Jordão, tem um lugar no inferno para a comadre que se deitar com o compadre.' O velho, com aquela voz grossa e rouca, continuou a abraçá-la, dizendo : "Nós só somos compadres da cintura prá cima."

"Sim, mas sua pressa era só por isso?"

Confiante, Ataliba diz:

"Tem mais, muito mais."

"Então desembucha."

"Pois, Olímpia, dona Filomena nunca ligou pras trapalhadas do marido. Afinal, ele nunca foi de mulher fixa. Agora, estava amigadíssimo com a Mazé. Só queria ela. Ontem, quando ele estava na casa do fabricante, chegou o carro dele. Desceu do carro o motorista, Manuel Balduíno. Sabe o que trazia? Com todo cuidado, uma toalha de linho, bandeja de prata, bule, chaleira, açucareiro caríssimos, com o recado: "É café do doutor Jordão que dona Filomena mandou". O Dr. Jordão ficou uma fera: "Diga a Filomena que vá a puta que pariu. E você deixe de ser burro como uma porta. Não fique aí parado. Leva estas estrovengas de volta prá casa. Diga que fui eu que mandei devolver". Que é que você acha, Olímpia?"

"Acho que aquele velhote devasso é um fila da puta muito grande por se aproveitar da pobreza de suas empregadas".

* * *

Na manhã após o festival da Liga Feminina em favor dos flagelados pela seca, o juiz Aristeu Honório Parente chega mais cedo à porta de *O Lábaro*. Anda dum lado para o outro, dizendo-se sufocado com falta de ar. Somente esquece o mal-estar, quando aparece mais um interlocutor para contar o que viu, à noite anterior, após a solenidade de instalação do festival:

"Quase ao chegar ao lar, Margarida se deu conta de que esquecera o leque no Teatro São João. Como era cedo e estava com vontade de espairecer, voltamos. Empurrei a porta e entrei. A princípio, não ouvi nada. Depois, um resfolegar violento de quem estivesse fazendo muito força. Ao apurar bem a vista, empurrei Margarida pra fora. É que me deparei com cena pagã: o Marciano, com a cabeça afundada no sofá e o trombonista da orquestra, pespegando-lhe metros e metros de vara ..."

* * *

"É homem, Coelhinho", diz o Dr. João Evangelista, pedindo água à empregada da casa que segura o jarro e a bacia.

"Oba!", exulta o dono da casa. "Homem? É sadio?"

"Mais sadio que eu. Sadio como um bebê de álbum."

Enquanto enxuga as mãos na toalha, o médico indaga:

"Como será o nome do meu afilhado?"

"Raimundo Coelho Pereira Filho, seu criado, doutor Evangelista", diz o pai, perfilando-se de brincadeira.

Pena recebe, com naturalidade, a notícia de que o médico e tio de Belinha, e não ele, será o padrinho do recém nascido para tranqüilidade de Coelhinho que desejava prestar esta homenagem ao amigo e comensal. O engenheiro deita uma libra esterlina na bacia em que a criança toma o primeiro banho, para lhe dar sorte. Três dias depois, num sábado à tarde, o fotógrafo Antônio Ypirajá, devidamente convocado, vem documentar a existência do recém-nascido. O berço é trazido até a sala de refeições, alpendrada e situada diante do quintal, banhado de sol, para a sessão de fotografias que reúnem pai e

mãe próximos ao berço e, um pouco à frente, tocando, de leve, a renda do mosquiteiro, como para iluminar melhor a criança, o engenheiro Geminiano Pena, todos radiantes de felicidade, diante do recém-nascido. Por fim, Belinha segura o bebê diante do marido deslumbrado, para o registro de Ypirajá.

* * *

"Este menino é a cara do pai", diz o fotógrafo Antônio Ypirajá, um baixinho, avermelhado, meio gordo, cheio de convicção.

"Parece mais com a mãe", responde Coelhinho, todo atarefado no conserto da janela.

"Que nada, Coelho. É você escarrado e esculpido", confirma Geminiano. E acrescenta com segurança: "Preste atenção ao nariz, a cor do cabelo, das sobrancelhas."

Coelho olha a criança, cheio de felicidade e concorda:

"Acho que, de fato, tem uns traços meus. Não sei por quê, acho mais parecido com Belinha."

"Claro, tem os traços de um e de outro", confirma Ypirajá, enquanto vai ajeitando a máquina para obter o melhor ângulo para a fotografia.

Uma semana depois, ele traz a foto. Coelho, muito feliz, ao lado de Belinha com o filho no braço e, ao lado, Geminiano, acariciando a renda do mosquiteiro. O grupo irradia felicidade, por todos os poros, diante do novo brasileiro.

* * *

É réveillon no Clube dos Democratas. Ao lado do engenheiro Geminiano Pena, Raimundo Coelho Pereira, no seu fraque novo, o peito estufado de felicidade, o nariz pontudo, o ventre proeminente, sobe as escadas do clube. Dá a mão a Belinha, com tanto cuidado que a mulher do doutor Aristeu Honório Parente muito míope, muito gorda, muito maliciosa, pergunta ao marido:

"A Belinha foi operada?"

"Não, que eu saiba, não."

"Parece."

"Por que parece?"

"Pelos cuidados com que o Coelhinho a segura, afasta a cadeira para ela se sentar. É como se ela estivesse doente."

"E quem é aquele moreno de bigodes retorcidos que sentou à mesa deles?" perguntou dona Margarida.

"Um dos reis magos", responde o juiz aposentado.

"Rei mago? Que história é essa?"

"Ah, não sabes? É o apelido inteligente do doutor Jordão. Ele apelidou os três engenheiros do DNOCS, que alugaram a casa no bairro do Junco, de três reis magos. Esse aí, o Geminiano, que vive encangado com o Coelhinho, é o preto. O Patterson o branco-sarará. E o Serafim tem cara de caboclo."

"Agora entendi", diz sem muito entusiasmo, dona Margarida.

"E essa amizade, por que é?"

"Ora, o fornecimento de material de construção para o DNOCS. O Coelhinho não tem nada de besta. Com essa chaleirice prá cima do engenheiro, está vendendo o que quer. E recebendo à vista e não em 'vales' como o resto do comércio".

"Será só isso, Aristeu? Tem certeza?", indaga, maliciosa, dona Margarida.

"Você viu? Foi chegando e mandando logo estourar champanhe", diz o juiz, tentando mudar de assunto.

Dona Margarida ri, por trás do leque, que agita para diminuir o calor, com um balançar de cabeça deixa claro que não acredita em nada do que o marido diz.

* * *

Dura até de madrugada a festa do aniversário da Proclamação da República, no Clube dos Democratas. Etelvino Soares senta à mesa do doutor Gerôncio Vasconcelos Mendes, rico chefe democrata de Sant'ana que faz o champanhe correr

como águas do Acaraú em bom inverno. Terminadas as danças, o jornalista encontra seu colega e rival Josenildo Rodrigues de "O Lábaro", como sempre, muito elegante, muito bem vestido, o correntão de ouro do relógio envolvendo-lhe parte do ventre já avantajado. Ele demonstra alegria inusitada a Etelvino, que o acolhe, de pé atrás:

"Soube que você quis alugar uma casa na Serra."

"Foi!"

"E o Manuel Arcanjo recusou? Que falta de caráter. Negócios não se misturam com política!"

"Estava tudo apalavrado. Quando fui levar o dinheiro, aquele canalha roeu a corda. Só para agradar o Bispo e o doutor Jordão, a tua curriola!"

"Não me meta nessas baixezas. Você não tem o direito de fazer tal injustiça. Não desço a tal nível!"

"Olhe, Josenildo, desculpe. Estou indo."

"Eu também. Mas um negócio desses, eu resolvo. Somos colegas, adversários, mas não inimigos."

"Resolve como? Eu ir atrás daquele pulha?"

"Não Etelvino, isso eu jamais eu proporia. Eu poderia te emprestar a minha lá na Palestina."

"Isso não."

"Por que não? Como colega. Você poderia fica lá janeiro e fevereiro."

Etelvino se controla para não dizer um desaforo ao Josenildo, lembrar-lhe que em janeiro e fevereiro, a chuva já teria chegado à Serra. Com ela, as meruanhas, os mosquitos, o frio, o diabo. Mas está num dia tão bom que não quer agravar o colega.

"Vou combinar lá em casa com a mulher. De qualquer modo, é uma atenção sua. Muito obrigado."

Etelvino quer sair, mas Josenildo se mostra interessado em continuar a conversa, e devagar, encaminha-o para a varanda de uma janela.

"Etelvino, essa nossa vida de jornalista é de uma insegurança total."

"Insegurança, para mim, que estou em guerra com os homens. Segundo alguns padres mais politiqueiros, com Deus também. Pra você, não. Tem a paz na terra agora e o reino do céu, no futuro. Pode chegar até a Cardeal."

"Não ironize, Etelvino. Você não resiste a uma piada."

"Não é mesmo?"

"Você está enganado. Sou um objeto. Estou sendo usado, sei disso. Contra você, contra o doutor Rodrigo, Senador João Felipe, contra os democratas. Somos iguais a garçom."

"Como?" Etelvino começa a se interessar pela conversa e não disfarça:

"Se fico em pé até de madrugada, esperando o fim do jogo, ainda faço café quente, sirvo conhaque, às vezes com fome, muito bem. Se agüento as piadas dos bêbados, tudo bem. Vá eu, porém, um dia derramar sem querer, um pouco de sopa num fraque, por azar, ou guaraná no vestido de uma das senhoras. Ou então querer sentar à mesa deles e dar um palpite. Seria corrido a pontapés no traseiro!"

Etelvino balança a cabeça, sem se deixar convencer:

"Se é assim, por que você não sai?"

"Você tem razão na pergunta."

Etelvino olha-o espantado.

"Não creio nos conservadores nem no Bispo. Nem no doutor Jordão. Nem no irmão dele. Creio em mim."

"É apenas no que creio."

"Creio em mim e em Deus."

"Ore deixe de lérias, Josenildo."

"Apenas me comporto de maneira diversa. Estou colhendo tudo o que posso das oportunidades que, para você, estão passando."

"Dá para notar. Casa na Senador Paula, ranchinho na Serra, viagens de automóvel para capital."

"Não me leve na troça, você teria tudo isso se quisesse. Estou-lhe abrindo a alma. O que quero dele é encarreirar meus filhos. Consolidar o jornal, ser independente, para depois, dar uma banana bem grande para todos eles."

"Independente desse jeito?"

"Sim, na medida em que tomo o dinheiro deles e faço boa aplicação, estou garantindo bem o futuro, aqui e na Capital, totalmente livre."

"Não, Josenildo, independência, para mim, não é isso não. Não é igual a pagar uma mutuária dessas, não. Não é comprar seguro de vida. Não é juntar apólice do tesouro. Fazer casa para alugar."

"O que é então?"

"Não é que nem vender lenha à estrada de ferro ou leite de porta em porta. É algo muito mais importante!"

"Qual nada, deixe-se de ilusões."

"É mudar o destino das coisas. É botar o Intendente inibido quando ele quer fazer bandalheiras. É desmoralizá-lo e fazê-lo deixar o posto, como fiz com o antecessor do Manduca."

"Que idéia essa tua? Ele caiu porque perdeu as graças do Presidente do Estado."

"Foi não. Foi o meco aqui. Sou eu que estou botando lei nesse clero. Os padres amigados estão casando suas raparigas. Sou eu quem digo aos poderosos o que eles nunca ouviram!"

"Você está é se suicidando, Etelvino. Não pensa na família."

"Família? Mas a família de qualquer maneira sai lucrando. Agora, está comendo. Todo o santo dia, mal dá cinco horas, boto todo mundo pra fora das redes para tomar leite de Baronesa e da Mimosa, tirado aqui pelo meco."

Josenildo faz um ar de desprezo ante a tarefa.

"Pra que serve dinheiro, Josenildo? Meu jornal está chegando às mil assinaturas."

"Não acredito!"

"Acredite. Vá lá pra boca da máquina, conferir. Meu emprego na Câmara me dá duzentos mil réis por mês. Que é que quero mais? Quando venho ao Clube, tem sempre um amigo que me convida pra sua mesa. Sente-se honrado com minha companhia. Bebo minha cerveja na Olímpia que nunca cobra. Ainda sobra um dinheirinho pra levar, de vez em quando, a família pra Serra, fugindo do calor. O que posso querer mais da vida?"

"E o papel retido na estação?"

"Ah, filho da mãe!" Como descobristes? Deve ser coisa do Ataliba."

"É muito pouco. Alguém pode simplesmente chegar amanhã com o dinheiro e pegar o papel. Você vai ficar na mão."

"Também não é assim, não. Tenho estoque que dá para agüentar uma boa vingança. Ninguém ousaria fazer isso. E o 'milho' aparece. Mandei o cobrador fazer toda a estrada de ferro, recolhendo dinheiro dos anúncios e das assinaturas. Na volta, saio desse aperto."

"É uma fraqueza muito grande. Não tens casa. Moras alugado. Já foste despejado por questões políticas. Tu achas que eu quero isso?"

"Pra que diabo preciso de casa?"

"Pra morar."

"Eu não moro tão bem como você? O que o jornalista quer é o respeito. Isso, eu tenho. Ando de cabeça erguida sem pedir favor a filho duma égua algum. Não tenho medo de caretas, como disse o Senador João Felipe quando fui visitá-lo na última vez que esteve aqui."

"E isso bota feijão no fogo, Etelvino? Bota não. Podíamos fazer um acerto nós dois."

"Qual?"

"Sei da possibilidade de saírem uns 500 mil réis do engenheiro Patterson Campos, por mês. Seria um adiantamento em torno de impressos."

"Mas eu tenho mandado o pau em cima do DNOCS".

"Pois é isso aí. Um adiantamento. Pode até nem ser usado. É pura preocupação do engenheiro, que é homem sério e não quer ficar pendurado com as gráficas da cidade."

"Que é que eu deveria fazer?"

"Não precisa fazer nada. Continuas a escrever contra o doutor Jordão e contra seu irmão, contra o Bispo. Isso é problema teu te manteres democrata, rabelista, ateu."

"Que ateu coisa nenhuma!..."

"Bom, tens de maneirar ..."

"Maneirar, como?"

"Parar com essa campanha louca contra as obras contra as secas. Não fica todo dia, inventando irregularidades. Não cria pânico em torno da aceitação dos 'vales' do DNOCS."

"Mas aquilo é uma grossa bandalheira. Os escritórios dele estão cheios de grã-finos, apadrinhados sem fazer nada, comendo a verba que devia ser dos flagelados."

"Isso é impatriótico. Estás impedindo, com tuas denúncias, que venha mais dinheiro para as frentes de serviço, para o pessoal de escritórios. Se essas tuas notas chegam ao Rio, estamos todos fritos. É a cidade quem perde. É o comércio que deixa de vender. Nunca houve seca tão braba e nunca veio tanto dinheiro. Essa seca é uma bênção de Deus, podes crer."

"Pra uns. O que está havendo é uma bandalheira." E de repente, começa a gargalhar.

Josenildo fica encabulado:

"Etelvino, deixa de escândalo, pelo amor de Deus."

Ainda rindo alto, o diretor de *O Combate* pergunta:

"Então, essa conversa fiada era pra me subornar? Vinha com a oferta de casa da Palestina como aperitivo. O objetivo mesmo era propina grossa?"

"Não é bem assim, Etelvino. Me respeite. Não seja inconveniente. Fale baixo."

"É uma boa, muito boa!"

"E então, vais pensar? Podias tirar o papel da Estação agora. E o progresso da cidade? O movimento do comércio? A ajuda aos flagelados?"

"Pensei, Josenildo, se eu ganhasse 500 mil réis a mais, casava de novo...."

"Etelvino, você não sabe conversar a sério. Só lhe peço uma coisa: silêncio. Afinal, a idéia foi só minha. O doutor Patterson Campos nem sabe disso. Ainda ia falar com ele. Não sei nem se aceitava, se tem verba para isso."

"Josenildo, diga-lhe que meta o dinheiro dele naquele lugar. E que *O Combate* não se dobra, não se vende. Posso

morrer. Ele pode ser fechado. Mas vou explorar, até o fundo, o escândalo do fornecimento da construção do Cachoeira."

"Bom, Etelvino, você é maior de idade, vacinado, faz o que lhe dá na veneta. Quis apenas lhe dar uma ajuda de amigo porque sei de suas dificuldades. Queria me desculpar."

"Que nada, Josenildo. Vou tomar a saideira ali no Éden, no Beco do Cotovelo se aquela droga ainda estiver funcionando. Adeus."

* * *

Ao entrar na sala de visitas do hotel *Rendez vous des Amis*, Etelvino Soares indaga:

"Como é Olímpia, o horário ainda não chegou?"

"Chegou nada. Aquela geringonça é uma preguiça danada. Só chega na hora certa quando traz algum figurão. Ou então a parentela dos Jordão."

"Vou ficar na mão. Se não chegarem os jornais de Fortaleza, não posso fechar *O Combate* hoje, não."

"Ainda podem chegar."

"Será de noite. E não gosto de escrever à luz de lamparina."

"Por isso não. Te empresto um farol americano que acabei de comprar na loja Estrela."

"Seria abuso, Olímpia. É muito feio um marmanjo da minha idade e da minha altura ficar explorando mulher."

"Bobagem, homem, mais a cidade lhe deve."

"Que nada!"

"Deve, porque nossos chefes políticos moram longe e você é quem defende os interesses do Partido. Você merecia era uma estátua."

"Só se for no cemitério. Qualquer dia me enchem é de balas. Ou me pinicam que nem uma urupema, de faca."

"Então, por que você não desiste?"

"Olímpia, como? Meu caminho não tem volta. Não posso mudar de linha nem de cidade. Do jeito que as coisas ficaram, é fechar os olhos, tapar os ouvidos e ir em frente. Nada de recuo."

"Você sabe dos perigos que corre ...."

"Sei. Se não soubesse, teria ficado só imprimindo convite de batizado, programa de cinema e vales pro DNOCS. Ah! ia me esquecendo de te contar. O Josenildo veio me fazer uma proposta de suborno."

"Teve este desplante?"

"O bicho é descarado. Mas também é jeitoso. Começou oferecendo a casa dele lá da Palestina para as férias, justo na época da meruanha, da carapanã, da muriçoca e da chuva lá na serra. Terminou por me propor um 'arame' firme por mês..."

"De quem? Do Dr. Jordão? Dos marretas?"

"Não chegou a tanto."

"De quem?"

"Do DNOCS?"

"E era alguma coisa demais? Afinal o DNOCS gasta dinheiro na terra. Já imaginou: cinco mil pessoas na região com emprego certo? O que o comércio não está ganhando? Traz engenheiro para casar com as moças. Dá emprego aos filhos dos fazendeiros arruinados, aos bacharéis sem causas e médicos sem clientela."

"E hóspedes para a Olímpia."

"Também. E, por acaso, é crime?"

"Não posso, Olímpia, os pobres dos flagelados são explorados de tudo quanto é jeito. Dizem que até estão passando-lhes dinheiro falso. O DNOCS gasta 80 por cento do dinheiro com os rapazes bonitos dos escritórios, porque são conservadores, marretas e paga a diária miserável de mil e duzentos réis por dez horas de serviço. Esse Dr. Campos ainda tem a cara lisa de cobrar de cada um deles duzentos réis de precaução, para caso do trabalhador quebrar ou desviar pá ou picareta. Não é um crime? Eu podia aceitar um negócios desses? Como ia dormir?"

"Podia não. E que fizeste?"

"Mandei-o àquele lugar. O bicho saiu com o rabo entre as pernas."

"Saiu nada, Etelvino."

"Como tu tens a mania de adivinhar? Estavas lá?"

"Não estava, mas sei como o Josenildo é sabido e tu és besta. Ele ficou foi satisfeito. Vai querer o 'milho' todo pra ele."

Pensativo, Etelvino termina por confirmar:

"Realmente, ele instalou um sorriso irônico naquele rosto redondo, naquela cara de bolacha fogosa. Agora, ele disse algumas cousas que me balançaram. Que os homens não dão maior valor a jornalista, que somos iguais a criados de servir."

"Isso era para preparar teu espírito."

"O que ele quis dizer é que fazer jornal é igual a vender fígado ou peixe fresco na porta das casas."

"E é?"

"Não, Olímpia, se fosse assim eu ia embolsar o 'arame' do DNOCS, hoje mesmo e de tarde, tirava o meu papel que ainda está retido na Estação. Mas não posso fazer isso. Com que cara iria olhar para você? Enfrentar meus filhos que estão ficando rapazinhos?"

"O que queres da vida?"

"Não sei. Olímpia. Sei que não quero a opressão do Dr. Jordão, as negociatas do irmão dele, Emereciano, a pose do Bispo. Gosto de ser recebido bem. Ser respeitado. Ser temido por este clero bandalho que está organizando a vida, casando suas cutruvias, arranjando pais para seus afilhados, por minha causa."

"E isso dará em quê?"

"Hoje não sei. Um dia, a coisa muda."

"Muda nada!..."

"Você está hoje descrente. Se muda ou não muda, eu continuo na luta. Vou em frente embora saiba dos perigos que me aguardam. É uma luta desigual, eu analfabeto, pobre, morando em casa alugada, lascado, enfrentando gente importante. Um dia vou ser lembrado por isso."

"E a família?"

"Ora, Olímpia, você pensa feito Josenildo ou quer apenas bancar o advogado do diabo? Os meninos se viram. Se eu morrer em combate, pelo menos, um deles escapa, é teu afi-

lhado. O outro é afilhado do senador João Felipe. Aliás, aqui prá nós, em matéria de compadrio, tenho mais confiança em ti. E se eu não morrer? Pode acontecer."

"Tô vendo que pegaste a corda do Josenildo. O Dr. João Felipe é certo, é um aristocrata, estudou na Europa, aparece pouco aqui, só pensa em gado de raça e corridas do Jockey Club do Rio. Mas é um amigo certo, uma alma solidária e nossa única maneira de levar ao Presidente da República nossas denúncias. É um seguro de vida."

"Se o Romão Patriolino me empurrar uma faca na barriga, o senador João Felipe só vai servir para fazer meu necrológio, se o fizer. Olímpia, basta de conversa fiada. Os jornais não chegaram. Pede a Chaga para fazer um cafezinho donzelo que daqui da sala estou ouvindo o bater da mão do pilão e o cheiro do bicho torrado."

"Nós somos duas pobres éguas dos democratas", comenta Olímpia, baixando a voz e a cabeça.

"É mesmo."

"Vou abrir fogo contra o roubo do fornecimento da estrada para Ibiapina. É um escândalo!"

"Isso é mexer com casa de marimbondo ..."

"Por quê? Depois de véia, ficou com medo?"

"Não é medo coisa nenhuma. É o juízo que tenho prá te dar e vender, apesar de não parecer. O padre Genuíno sempre me diz que mexer nos defloramentos, nas atas falsas das eleições, na politicagem dos juizes, não tem grande perigo. A pior ofensa é atrapalhar os negócios de alguém. Tomar-lhes o dinheiro é pior que lhes ameaçar a vida."

* * *

Quando ficam a sós, depois de almoço, porque o Coelhinho está sempre atarefado e, neste momento, entretinha-se com um vendedor de queijo, Belinha indaga a Geminiano:

"Meu amor ... posso?"

"Como?" perguntou ele, surpreso.

Belinha baixa a cabeça, ruborizada. Ele insiste:

"Como foi que você me chamou?"

"Meu amor. Estou errada? Não devia ter chamado, não?"

Ele ri, de leve:

"Fiquei morto de feliz. Pela primeira vez na vida, você me chamou de meu amor. Obrigado. É claro que gostei, fiquei feliz."

Belinha se encoraja, levanta a vista e encara Geminiano, dizendo-lhe:

"Para mim, você é meu amor."

Geminiano, apesar de calejado na conquista das mulheres, se deixar comover. Toca-lhe as mãos e beija-a apaixonadamente. Ela não mostra receio de que o marido possa voltar a qualquer instante, e se levanta para abraçá-lo. Diz-lhe baixinho:

"Você é meu amor. O único amor de minha vida. Você me ensinou a amar. Você me tornou mulher, mãe, amante e tudo muito feliz."

Agora é Geminiano que repete o beijo, feliz e comovido.

Eles se sentam, e ele pergunta:

"O que é que você queria saber?"

"Meu amor, tenho uma pergunta a lhe fazer. Há muito que queria lhe falar. Fiquei, porém, com medo de que você pensasse mal..."

Curioso, Geminiano quer saber:

"De que é que se trata?"

"É que muitos colegas do Coelho têm procurado a gente para lhe vender os vales do DNOCS. É claro que fazem isso porque sabem da nossa amizade com você."

"Nossa, não. Meu amor por você."

"Claro, mas publicamente, é amizade que você dedica ao casal. Não pode ser diferente."

"Sim, mas o que é mesmo?"

"Eles propõem que o Coelho compre os 'vales'. São bem uns setenta contos. Ele não quer. Eu tenho dito que não aceite. Afinal, você já o ajudou muito, comprando tanto em 'A Ferragista'. Agora, eles insistem, porque acham que você nos diria quando vem o dinheiro do DNOCS."

"Você está me pedindo isto?"

"Não, meu amor, não me entenda mal, apenas lhe fazendo uma consulta."

"Só consulta, meu bem?" indaga Geminiano, para se certificar.

"Só, meu amor. Será que você ainda não me conhece?"

"Então, meu amor, vou lhe ser franco. Se você me pedisse, eu correria esses todos riscos, mas não lhe negaria."

"Obrigado, meu amor, mas não quero lhe causar problemas."

"Acho, porém, que é um perigo. Daria na vista. Tomaria proporções de escândalo. Multiplicaria o número de cartas anônimas, enviadas da região para o Inspetor Geral, as piadas em relação a nós, ao neném. E você sabe, não sou sobrinho dele. Minha mulher é que é."

"Não fale nela, meu amor."

"Mas, é a realidade."

"Não tinha pensado nisso."

"Poderiam até me afastar, o que não quero de jeito nenhum. Não queria sair de Sobral."

"Nem eu. Você ser transferido? Logo por minha causa? Eu nunca me perdoaria se isso acontecesse. Ia morrer de sentir falta, de sofrer. Nunca fui tão feliz na minha vida, nunca, nunca. Logo agora, quando você me ensinou a ser mulher, a ser amada, Ave Maria, não quero perdê-lo nem em pensamento. Esperei vinte e sete anos de minha vida por você e, agora, que o encontrei, não quero nem pensar em o perder. Você deu sentido à minha vida, descobriu, em mim, tanta coisa que não iria conhecer, se não fosse você. Por nada neste mundo, quero perdê-lo."

* * *

"Perder a missa da Igreja das Dores? Por dinheiro algum", diz Gastão Maldonado.

"Por quê?" indaga Geminiano Pena, estranhando tanta piedade.

"O padre Epaminondas dá um verdadeiro espetáculo".

"Como?"

"Vamos lá amanhã. Você vai ver. Não fomos à da Catedral da Sé para ver a sociedade? Agora vamos à Igreja das Dores para assistir ao desempenho do padre. Pena, você vai ficar conhecendo Sobral muito mais pelas igrejas e pelos padres que pelas festas do Grêmio ou dos Democratas".

"É claro. A Igreja, aqui, parece fortíssima. Dá a impressão de controlar tudo".

Dia seguinte, saem rumo à Igreja Nossa Senhora das Dores, que fica longe do "Rendez vous des Amis". Pena atrasa. Quando chegam, ainda ouvem a voz debochada e fanhosa do padre, convidando os homens ao ingresso no templo:

"Vão entrando, vão entrando. Quem não puder entrar de frente, entre de lado."

Pena se surpreende com a advertência:

"Foi isso mesmo o que ouvi?"

"Foi."

"O que ele mesmo quer dizer?"

"Que os chifrudos entrem de lado ..."

"Na Igreja?"

"Foi como você ouviu."

Eles entram na capelinha. Ficam ao fundo, perto da rua. Um cão late. Padre Epaminondas se impacienta:

"Ai, dona Natércia, não faça isso, não. Já pedi às senhoras das redondezas, tragam os maridos pra igreja, pra missa. Os cachorros, não."

Daqui a pouco, começa o sermão. Pena entra um pouco no recinto da Igreja para ver o celebrante falar. Fá-lo, porém, rapidamente, porque não quer ser visto por ele, não o quer inibir.

"Naquele tempo Jesus estava pregando em Cafarnaum. Entrou na casa e começou a pregar. O local, em pouco, estava cheio até a tampa. Não cabia mais nem um mosquito. E todo o mundo se acotovelava para ver Jesus, tocar nele, ser abençoado por ele. Um entrevado chegou à porta da moradia. Não teve como entrar por mais que pedisse, que implorasse, sol-

tasse o par de queixos a chorar. Não conseguiu vê-lo. Pediu, então, a seu acompanhante que o jogasse do teto, dentro de casa. E assim se fez. Quando ele caiu no interior da residência com muito barulho, Jesus se voltou para ver o que acontecia, indagando 'o que é isto, seu menino?'. Ao ouvir o clamor e o chororô do aleijadinho, tocou-o. Ele se pôs de pé, imediatamente sarado, sem o adjutório das muletas e saiu dali, andando lépido e faceiro, assobiando "A Urucubaca do Dudu."

E por aí ia, para riso de alguns e surpresa de maioria, que não entendia o desatado humorismo do oficiante da missa.

* * *

Tempos depois, Coelhinho, o dono de "A Ferragista", uma das mais sólidas fortunas da cidade, sempre apressado, caminha pelas ruas da cidade, com o filho pela mão, rumo ao consultório do Doutor João Evangelista. Os negócios prosperam e ele será pai, mais uma vez.

Quando passa à porta de *O Lábaro*, o juiz Aristeu Honório Parente, sempre com as mãos nos amplos bolsos das calças largas, encolhendo os ombros e fungando, conversa com Júlio Aragão, que voltou da Amazônia com algum dinheiro e muitas histórias fantásticas, o fuxiqueiro Ataliba Teixeira e o costureiro Marciano Veríssimo. Aristeu, apontando para o pequeno João Batista, ainda trôpego, sem muita segurança nos pés, indaga:

"É de sete meses, não é, Coelho?"

"É", confirma o pai, vaidoso, colocando o filho no braço para que os amigos apreciem sua criação.

Entre um fungado e outro, Aristeu observa:

"Imagine se não fosse de sete meses ..."

Coelho concorda e informa:

"Lá em casa, depois que destampou, não pára mais. Já está vindo outro para dezembro."

"Parabéns," dizem os quatro, a uma só voz, rindo deliciados.

Coelhinho se despede, cada vez mais barrigudinho, apressado e obsequioso e sobe por uma calçada alta, o filho

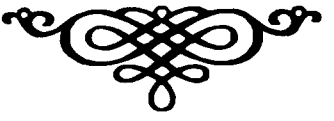
nos braços, rumo à Praça da Sé, onde mora o padrinho, o doutor João Evangelista.

Quando ele se afasta, Aristeu comenta:

" Se o DNOCS continua a construir aqui, o Coelhinho vira patriarca e milionário ....

* * *

A Máquina de Costura



Na sala de visitas do "Rendez Vous des Amis", Manuel Florêncio Borges, fazendeiro esperto e bem informado, se distrai, enquanto espera o pagamento duns queijos, vendidos à dona da casa, conversando com Ataliba Teixeira, sob o olhar e os ouvidos atentos de Ricardo Silva. Fala de mais um defloramento, atribuído a Romão Patriolino de Albuquerque. A moça é filha de Gabriel, o carpinteiro, que lhe presta serviços avulsos e que, ao saber do acontecimento, a expulsou de casa. Ataliba defende o cabo eleitoral conservador, em voz baixa, de olho no corredor, temendo o inesperado aparecimento de Olímpia Catingueira.

"Ele, pelo menos, dá um meio de vida às moças. Já é alguma coisa."

"Não sei disso, não. A filha do Gabriel teria ido pra zona, se minha mulher não tivesse ficado com pena dela e não tivesse lhe arranjado um cantinho lá em casa."

"Pois, ele dá a todas elas uma máquina de costura. É uma espécie de indenização. Umas se tornam costureiras. Outras torram a máquina e gastam o apurado em besteiras."

"A maioria termina é na zona mesmo."

Ricardo Silva, com uma gargalhada sonora, intervém na conversa:

"Pelo que estou vendo, o Romão Patriolino vai terminar sendo o padroeiro da indústria de confecções de Sobral."

Semanas depois, Ataliba vem pela rua da Aurora quando vê o Gilberto, à porta da loja da Singer, colocando, com a

ajuda do caixeiro, uma máquina de costura em sua carroça, amarrando-a com uma corda para que não caia. Imediatamente interessado, pára e imagina se tratar do resultado de mais uma diabrura do Romão, o que confirma quando ouve Dona Gerviz Apoliano comentar, antes de fechar a janela e se recolher ao interior da casa:

"Deve ser para mais uma vítima do Romão."

É o bastante para Ataliba se dirigir ao gerente da Singer, Francisco Querubim, e crivá-lo de perguntas. Ele, intimidado, temendo ser visto, justo naquela ocasião na companhia do fuxiqueiro da cidade, repete:

"Só sei que o Romão é um moço distinto e um freguês muito correto."

E nada mais acrescenta. É simpático aos democratas. Acima, porém, de suas simpatias, esta a proteção de seu melhor e mais assíduo freguês.

Ataliba, vendo que daquela mata não sai coelho, trata de tomar o rumo da Rua Senador Paula para onde dobra o carroceiro a quem logo aborda:

"Oi, amigo velho, para onde se bota?"

Gilberto que, de cabeça baixa, o pensamento distante, segura o cabresto do burro, responde meio assustado:

"Vinha distraído, tentando fazer, de cabeça, as contas de uma entrega, que nem notei que você estava por perto."

"Estava longe, mas agora estou perto. E você, amigo velho, está indo pra onde?"

Gilberto, evidentemente, não quer conversa e Ataliba o percebe. Segurando, de leve, o carroceiro pelo braço, insiste na pergunta:

"Oi, Gilberto, me diz então quem comprou a máquina?"

"Eu sei lá. Pergunta a seu Querubim."

"Mas a dona Gerviz não disse, na hora em que você estava saindo, que era coisa do Romão Patriolino?"

Gilberto estremece, diante da revelação, mas logo se controla e volta ao natural.

"Pois bem, então pergunte a ela."

"Tá certo, Gilberto. A máquina foi comprada pelo Romão e ele faz muito bem. Acho ele muito caridoso com essas moças que vêm se oferecer."

Gilberto o ouve, silencioso, sem fazer qualquer gesto ou comentário.

Ataliba insiste:

"É longe onde você vai?"

O outro, fitando, intencionalmente, Ataliba e sua perna manca, tenta fazê-lo desistir.

"É longe, muito longe. Você vai se cansar."

Ataliba é, porém, tenaz na perseguição de seus objetivos. Vai onde for preciso, até as Pedrinhas, ao outro lado do rio, a Timbaúba, a Santo Antônio do Aracatiaçu, se preciso, somente para saber quem vai receber a máquina. É o que faz. Sobe a Senador Paula, transpõe a Praça do São João, percorre toda a Cruz das Almas, chega até o Alto das Pedrinhas, fim da jornada. E lá se vai o carro de boi, levando a máquina bem amarrada para que não desabe no chão irregular. E máquina lá em cima sempre dando a impressão de que vai cair no chão quando o carro passa por cima dum lamaçal ou duma ondulação do terreno.

À tarde, está cheio de calos, eufórico, porém, por exibir seu troféu, à porta de *O Equilíbrio*.

"Custou, doutor Aristeu, seu Júlio, seu Evangelista, mas descobri..."

"Descobriste, o quê?"

"Descobri."

"Deixa-te de mistérios. Desembucha a novidade."

"Agora, sei de quem é o último cabaço que o Romão derrubou."

Aristeu, incapaz de entender a cabeça do fuxiqueiro, tem o ar de quem quer perguntar: em que isto me interessa?

Ataliba desfia, então, a novidade:

"É uma mulatona, filha do Raimundo dos Santos, um negro forte, filho de escravos que mora nas Pedrinhas mas vive a maior parte do tempo na Serra do Rosário, cuidando de suas plantações."

"E que tal a negra? "quer saber Evangelista.

"É uma mulatona risonha, de muito peito, bunda grande, uma cara pedindo pica, mas muita pica mesmo, doutor..."

Ataliba sorri largamente ante a atenção dos interlocutores. E prossegue:

"É uma dessas mulheres que comparo a uma feijoada."

Júlio Aragão mostra certa curiosidade e ele desenvolve a metáfora:

"Grosseira como uma feijoada, com muito rabo, lingüiça, paio, toucinho, prato pesado, mas gostoso..."

A comparação não desperta maior interesse. Ataliba tenta fazer outra piada que também não agrada:

"Temos de casar o Romão. Se não, ele torra as vacas todinhas em máquinas de costura."

A Peixada

Na manhãzinha do dia em que seria assassinado, o tenente Benedito Sampaio acordou assobiando, de tão feliz. Assobiando, fez a barba, tomou banho e depois bebeu o café, acompanhado de tapioca quentinha com leite de coco. Estava com a cabeça longe. Na filha do cordeador da Prefeitura com quem iria às devoções na Catedral. Pensava ainda na peixada de curimatã que a Chaga, cozinheira da pensão, lhe preparava, famosa em toda a estrada de ferro, da boca do sertão de Crateús até a pancada do mar de Camocim e de que a Olímpia fazia tanta propaganda.

Cedo, sobe até o alto da cadeia onde ouve, impaciente, a queixa diária dos presos contra a falta de luz à noite e o tratamento que lhes dispensava o carcereiro, o Eufrasino, um mulato, de voz macia, muito falso, envelhecido naquele trabalho vil e sádico, habituado a extorquir dinheiro dos detentos até para lhes permitir receber visita da mulher e dos filhos. Prometeu vagamente uma providência, o pensamento longe.

Volta ao hotel *Rendez vous des Amis* a fim de tomar banho para sacudir a poeira da caminhada e vestir a farda de gala. Ia assistir à missa das nove horas na Catedral da Sé, que era oportunidade de toda a cidade mostrar elegância. Depois, iria deixar a filha do cordeador da Prefeitura, em sua casa ali pertinho, na Praça Nossa Senhora das Dores.

Antes passa pela cozinha, só de curiosidade, para indagar da Chaga como vão os preparativos do almoço.

"Tô caprichando, tenente", diz a cozinheira. Chaga tinha 1,40 de altura, era quase anã, entroncada, torta, zarolha. Como tal, era apontada pelo doutor Aristeu Honório Parente, como a "mulher mais feia da América do Sul. É o retrato da alma da patroa", acrescentava, movido por velhos ódios políticos.

Sampaio pega a colher de pau para provar do molho em que o peixe estava sendo cozido:

"Agora, não tenente, que ainda não pegou tempero", protesta a Chaga, com pruridos de artista cuja obra ainda não se concluíra.

Olímpia, com o cigarrinho pendurado no canto da boca, soltando fumaça pelo nariz, chega à cozinha. O tenente fica encabulado.

"Desculpa, dona Olímpia, vim só ver se o caldo está apurado".

"Não tem nada o que desculpar, tenente. Encomendei essa cambada de curimatã com o Maximino foi pro senhor mesmo. Botei umas Bock Ale no refrigerador também. Agora, aqui pra nós, tenente, lugar de homem não é na cozinha, não".

Corado do carão, o tenente vai saindo, de lado, o jeito desconfiado naquele homão vermelho e corpulento.

"Obrigado, dona Olímpia, a cerveja até dispenso, mas o peixe do jeito que a Chaga sabe fazer, chega a ser um pecado."

"Pois, trate de deixar a Chaga trabalhar como só ela sabe."

"Certo, tá certo, dona Olímpia, mas haverá uma pimentinha malagueta bem ardida para o molho?"

"E haverá de num ter? Há de tudo, tenente, sossegue. O molho, o pirão, a cervejinha. Agora, vá para a missa cumprir as suas devoções."

* * *

À janela do hotel, "Rendez vous des Amis", Olímpia Catingueira comenta os acontecimentos com um amigo que passa, o Manuel Florêncio Borges. Aponta, com os olhos, para o interior da sala de visitas, onde uma criança, já vestida pra

viagem, brinca com o gato da casa; a mãe igualmente pronta para partir, está sentada no sofá, segurando a sombrinha como se nela se apoiasse. A seu lado, de pé, de guarda-pó, chapéu na mão, o chefe da família, inquieto, consulta o relógio de bolso.

"Esse aí, Mané, parece cerveja quente, de tão avexado."

"Quem?"

"Esse cara aí com a criança. É do DNOCS."

"Este, de guarda-pó?"

"Claro, seu Florêncio, porque o outro todo o mundo conhece de cor e salteado, o seu Jamil, galego, viajante dos Pessoa de Queiroz que, tão festeiro e namorador, termina casando aqui, em Sobral."

"Já vi! Esse casal com a criança...?"

"Pois num é? O trem só sai às duas horas da tarde. Às 8 horas, ele pagou a conta. Desde às 9, está todo paramentado para partir, de guarda-pó, já encheu a quartinha d'água para a viagem, de cinco em cinco minutos olha o relógio, achando que o automóvel do "Foguinho" não chega a tempo. E num são nem dez horas. Vige Maria, ô homem avexado! Parece que foi batizado com água fervendo ..."

"Que cheiro bom! É peixe, né, dona Olímpia?"

"É um curimatã que veio do Jaibara para o tenente."

"Só quem pode é o tenente..."

"Ele merece", diz Olímpia. "Graças a ele, não preciso mais dormir com o meu rifle serrado debaixo da rede e o Smith and Wesson sempre ao alcance da mão, para sossegar os desordeiros dos marretas."

"Iche Maria, é um arsenal."

"Arsenal, que nada, é preciso. Se o tal do Romão vier, de novo, com abuso pra minhas bandas, encho-lhe as fuças de balas, com o tenente ou sem o tenente. Não tem nem talvez..."

"Dizem que ele chegou de Ibiapina, disposto a encostar os bigodes com o tenente."

"D...u...v...i...d...o", diz ela soletrando as letras...

"É o que os marretas andam espalhando lá no Taco de Ouro."

"Hoje cedo se formou um grupo no Itatiaya, dizendo que desse domingo não passa. O Romão tira a foba do tenente e lhe dá um ensino."

"Que nada, Florêncio! Ele anda murcho que até me admiro. Votou nos candidatos dele e não aprontou nenhuma arruaça quando perderam, embora tenha feito poucas e boas lá pros pastos dele."

"É, mas é em Ibiapina. O delegado é outro. Não sei, não, dona Olímpia. É um zum-zum que tenho ouvido. Mas não quero ser portador de má notícia. É que, quem avisa, amigo é."

"Prá má notícia, seu Florêncio, tô muito bem servida. A cidade, também. Temos o Ataliba Teixeira. Jamais vi coxo tão ligeiro pra trazer e levar fuxico."

Numa mesa de honra de quatro lugares, separada da outra maior ocupada pelos hóspedes comuns, estão sentados o tenente Benedito Sampaio, o doutor Gastão, muito gordo, de barba negra, roupa escura, colete escuro, um riso largo que lhe descobre os dentes grandes e muito brancos. O advogado Antônio Gomes de Moura, pálido, magrinho, chupado, elegante, chochinho, de pouca conversa, tira do bolso da calça uma caixinha de metal contendo os vários remédios que vai tomar. Não tem nenhum apetite.

A Chaga chega, com a panela do peixe fervendo, recomendando: "Cuidado!" O tenente esfrega as mãos, feliz como um menino. A empregada traz ainda a tigela com o pirão bem fumegante, o prato de arroz e numa latinha usada de manteiga, com o molho com pimenta, não sem antes recomendar: "A pimenta está braba. Vão com calma!"

Há aquele instante de indecisão diante do peixe. O tenente olha para o médico. Este hesita. Ambos se voltam, sem maior interesse para o doutor Mourinha, até que Olímpia, de pé escorada no espaldar da cadeira, dá ordem de comando:

"Mãos à obra!"

"A senhora não se senta?"

"Não, doutor Gastão, fique à vontade."

O tenente, rápido, puxa a panela do peixe para perto de si e sorve o cheiro da comida, com gosto, com cara de muito apetite.

Arrepende-se da sofreguidão. Pede a doutor Moura que seja o primeiro a se servir:

"Comece, doutor."

"A vez é sua, tenente."

"Ora, doutor, tenha a bondade."

Olímpia atalha a troca de gentilezas:

"Vamos acabar com requififes, senão o peixe esfria."

O tenente, que já puxou a panela e é louco por cabeça de peixe, inicia os trabalhos.

Sampaio coloca duas cabeças do peixe e começa a comer.

"Como é, doutor Moura, vai uma Bock-ale?", pergunta dona Olímpia, dando uma baforada de cigarro na direção do advogado, aparentemente sem intenção de fazê-lo. O Moura sacode a fumaça com a mão, tosse assustado e, depois, coloca o lenço sobre o nariz:

"Não, obrigado, dona Olímpia, muito obrigado. É o fígado... É meu maior inimigo." E apalpa o fígado, trazendo, no rosto, uma imensa pena de sim mesmo.

"Como é, doutor Gastão, o senhor também bota a cerveja como inimiga ou não tem essa ziquizira?"

"Tenho nada, comadre. Digo, agora, como vocês aqui do Norte: "triste do bicho que outro engole!'. Quero tudo a que tenho direito."

Gastão serve-se de várias postas de peixe, de pirão, arroz e vai pingando o molho sobre a comida, com cuidado. O doutor Mourinha escolhe, escolhe e termina ficando com o menor pedaço e um pouquinho de arroz. E ainda olha os outros como que para criar vontade de começar a refeição.

O tenente, com o guardanapo preso no colarinho da farda, tenta primeiro comer o olho do peixe com o garfo, acompanhado pelo doutor Gastão que se diverte com seus apuros. Até que não resiste e degola o curimatã com a mão. Chupa os olhos do peixe e depois introduz a língua em seu interior para

capturar suas nervuras, suas gorduras, seus sabores bem entranhados pela natureza e tão aguçados pelos temperos da Chaga. O guardanapo cai-lhe do pescoço. Ele o recoloca no lugar. Concentrado em comer, nem fala. Transpira muito na operação a que se entrega, com capricho, ante o olhar divertido do doutor Gastão.

"Isso é que é gostar de peixe. Taí, um hóspede desses dá gosto preparar o de comer...", comenta, entusiasmada, dona Olímpia.

Brincalhão, o doutor Gastão se serve de um gole de cerveja que lhe deixa os bigodes brancos, como neve. O tenente coloca ainda na boca um pedaço da cabeça do peixe para ver o que dela ainda resta, o que ainda lhe pode extrair. Quase nada. Findara o bom combate. Pede licença ao doutor Gastão e ao doutor Mourinha. Vai lá fora. Pede à outra empregada, a Gilberta, um caneco d'água e sabão para lavar as mãos.

"Já acabou, tenente?", pergunta Chaga, desconfiada.

"Acabou? Que nada! Mal comecei! Chupei a cabeça do curimatã. Agora, vou ao corpo. Primeiro, quero lavar as mãos."

"Suado como o senhor está, deve ter sido um trabalhão!", diz Chaga derramando água nas mão do tenente. Ela não deixa a colega atender ao cliente, os olhos trocados, mais zarolha que nunca, no enternecimento de servir ao herói da pensão.

O tenente volta à mesa, onde o doutor Gastão come seu peixe, com muita disposição. De repente, ouve-se ao longe uma tremenda barulheira: "Morte! Só matando! Viva o coronel Franco Rabelo!" O tenente ergue a cabeça na direção de Olímpia. As sobrancelhas se alteiam na testa. Revela preocupação e tristeza, pressentindo as dificuldades que se aproximam. Que serão só duas.

De repente, as quatro janelas da sala de visitas do hotel e a porta ficam cheias de rostos e bustos de pessoas que gritam, angustiadas, por Olímpia.

O viajante, com a mulher e o filho, recua para o fundo da sala, em direção ao primeiro quarto de dormir. À porta, chapéu na mão, sujo de poeira, suor e sangue, a aflição escrita no

rosto, um correligionário, o democrata Raimundo Marreiro. O tenente, que começara a amontoar mais postas de curimatã no prato, olha-as, antecipadamente saudoso, cheio de desolação. O doutor Gastão mete a cara na caneca de alumínio onde sorve, devagar, a cerveja fresca, como se fosse aquele o último gole de sua vida e na tranqüilidade do forasteiro, que nada tem a ver com aquela briga, comenta:

"Dona Olímpia, nem na Alemanha se bebe cerveja igual!" A dona da pensão não ouve o elogio, atraída pelos populares. Deixa a cadeira em que se apóia e vai para a entrada do hotel, a fim de receber os visitantes que gritam:

"Viva o coronel Franco Rabelo! Viva o doutor Castanho! Viva o tenente Benedito Sampaio! Viva Olímpia Catingueira! Morra o doutor Jordão! Morra o doutor Aristeu! Cadeia para o Romão Patriolino!"

"Que fuzuê é esse?", indaga Olímpia, as mãos nos quadris, o cigarro pendurado no canto da boca, se aproximando da porta de entrada do hotel.

"Foi o Romão Patriolino", respondem muitas vozes.

"Fala um de cada vez. O que foi que houve, seu Marreiro?"

"Ora, dona Olímpia, nem lhe conto. Eu num tava fazendo nada."

"Então, como é que ficou assim, todo suado, rasgado, sujo de sangue?"

Vexado, segurando, na mão, o chapéu de palhinha, Marreiro explica:

"Estava tomando minha cerveja lá no Itatiaya com uns amigos, quando o Romão, sabendo que sou democrata, deu para implicar comigo..."

Impaciente, Olímpia pergunta:

"Sim, é o que ele faz quase sempre, arruaça, desordem."

"Veio para minha mesa dizendo que todo rabelista era corno."

Olímpia contém o riso e ouve, com atenção, a narrativa.

"Os colegas que estavam comigo ficaram calados, metendo a cara em suas canecas de cerveja. Só eu caí na besteira de

falar que ele não repetisse aquilo, que não podia fazer aquela acusação a todos os marretas. Porque, afinal, tanto há rabelista quanto há marreta corno."

"Bem-feito", diz dona Olímpia, sorrindo, "chifre é o que não falta do lado de lá", completa.

"Bem-feito, que nada. Foi quando ele se exasperou e disse: 'pois eu não sou corno e você vai dizer isso bem alto'. Corri para a rua para ver se me livrava e ele foi atrás. Desesperado, entrei no café da Maria Felismina, naquele alvoroço, derrubando mesas e cadeiras, para escapar do excomungado. Esbarrei no balcão. Ele, então, me enfiou a faca aqui atrás..." Ele hesita e termina dizendo : "Aqui na bunda" e ainda disse: "Taqui o que tenho pros rabelistas como você, ponta de faca na bunda. Pro tenente Sampaio, o Pirão Gordo, para a patroa dele, e aquela perua da Olímpia".

"Que desaforo! Isto não vai ficar assim! Vou falar com o tenente."

Ela vai para a mesa onde o oficial, de cabeça baixa, como tentado a ficar fora dos acontecimentos que o puxam, o convocam, o reclamam, encara o peixe.

"O senhor, ouviu, não ouviu, tenente Sampaio?", pergunta a dona da pensão.

"Ouvi, sim, dona Olímpia. É lamentável."

Com as mãos nos quadris, um olhar de espanto, ela comenta:

"Lamentável?". E, pela primeira vez, levanta a voz para seu hóspede preferido que, meio sem jeito, tenta corrigir a tibieza:

"É um abuso intolerável."

"Ora, tenente, o que o senhor tem de fazer é restabelecer a ordem pública. Para isso, o senhor é pago. Tem de prender aquele desordeiro e deixá-lo na cadeia a pão e água pelo menos uma noite pra se emendar. Baixar a crista, quebrar a castanha dele!"

Contrafeito, contrariado, o tenente se levanta da mesa, tirando o guardanapo que trazia pendurado ao pescoço e en-

dereça olhar tristonho, antecipadamente saudoso na direção do peixe amontoado no prato. E diz, apenas:

"Vou ver o que posso fazer."

Sai, irritado. Os curiosos, que se aglomeram à porta da pensão, o seguem. Ele vê a pequena multidão. Pergunta, aos berros:

"Morreu galego? Nunca me viram, não?"

O grupo se dispersa e ele, exasperado, adverte:

"Não quero essa procissão atrás de mim, não. Vão pra suas casas. Não têm mais o que fazer, não?"

Meia hora depois, volta. Quando avista Olímpia, à janela do hotel, sua primeira reação é no sentido de voltar. Sabe o que o espera. Não há saída, porém. Quando se aproxima da pensão, ainda da janela, ela dispara a pergunta:

"Como é, prendeu o homem, tenente?"

Ele murmura qualquer cousa, mais ou menos como "já lhe explico, dona Olímpia" e vai entrando na sala de visitas, onde ainda se encontra o casal com a criança, todos prontos para partir, o caixeiro-viajante Jamil Mansur e três outros amigos da casa, que folheiam revistas e jornais, colocados sobre uma mesa redonda de tampo de mármore.

"Pois é, dona Olímpia, fui à casa do delegado civil, o doutor Aprígio, lá na praça do Menino Deus, para ele decretar a ordem de prisão do Romão Patriolino."

"Ordem de prisão?", indaga Olímpia, espantada.

"Sim, senhora, são as instruções que tenho. Andar dentro dos trilhos. Não sair da lei."

"Ah, seu tenente, então a lei só funciona contra nós, rabelistas? É nossa inimiga, mesmo quando estamos de cima???"

"A lei tem de ser cumprida, em qualquer circunstância", diz ele, em tom tão convicto, que deixa Olímpia furiosa.

"Tenente, não me leve a mal, mas isso não é conversa de homem."

O tenente se ruboriza. É um homem alto, corpulento, vermelho, vestido na farda de gala diante daquela mulher baixi-

nha, gordota, cabelo *à la homme*, lábios finos, em que se dependura, permanentemente, um cigarro aceso ou apagado. A impressão que se tem é de que ele vai agredi-la fisicamente.

"Dona Olímpia, não fosse a senhora mulher, sapecava-lhe a mão na cara. Não fugi dos cangaceiros do Lampião, lá no Cariri, iria correr de um Romão Patriolino qualquer?"

Ela não se perturba, em sua altivez:

"Não tive a intenção de ofender o senhor. Mas, não agüento mais. O senhor veio para manter a ordem e evitar as provocações dos marretas. O Romão desacata todo o mundo e não lhe acontece nada. Vive dizendo que o governo pode ter acabado para seu chefe, o doutor Jordão. Para ele, não. Governo mesmo, é uma faca afiada nos cós. E o senhor me vem falar de leis. Pra lei, não preciso do senhor, da Polícia. Recorro ao doutor Moura". E olha na direção do advogado que, muito sem graça, sem interesse, folheia uma velha revista.

O tenente se encaminha para a mesa, doido para recomeçar a refeição interrompida. Mal acaba de sentar, enquanto Olímpia resmunga lá na sala de visita, ouve um alarido na rua. Mais gente chegando. É o botador d'água da pensão que chega. Ele se queixa de que Romão o botou para correr com sua peixeira. E, ao lhe dar um pontapé no traseiro, dissera:

"Vá dizer ao tenente que quem bateu em você foi Romão Patriolino!"

Olímpia indaga do oficial:

"Como é, tenente, o senhor vai continuar aí parado?" Sem jeito na cadeira, o policial tenta esquivar-se.

"Tenho de esperar que o delegado volte da fazenda. Só ele pode ordenar a prisão. É o que manda a lei."

Aquilo é demais para a dona da pensão. Olímpia se enfurece. Fica vermelha, puxa uma baforada funda do seu cigarro e, como que cresce, se agiganta num desafio ao militar:

"Tenente, se o senhor não é homem, me empreste sua farda e vista minha saia que vou prender o homem!"

* * *

No relógio da parede da sala de visitas do hotel, soam onze badaladas. O tenente Benedito Sampaio, colhido pelo desafio de Olímpia, avança em sua direção. Parece que vai esbofeteá-la diante dos presentes, que ficam estatelados, esperando sua reação. A dona da pensão, firme, não recua, forte, alteada em sua provocação. O policial vai ao quarto. Pega a faca e esconde na perneira. Coloca seis balas no bolso da túnica. E, batendo a porta da sala de visitas, sai para a rua, espumando de humilhação e de raiva.

O sol está a pino. Ele se esgueira das poças d'água que podem enlamear-lhe as botas e a calça da farda. E pensa consigo mesmo no desaforo que aquela atrevida da Olímpia lhe fizera. Afinal, seus agrados, o bom trato eram para que fosse um pau-mandado nas mãos dela, dos rabelistas. Ao mesmo tempo, lembra que, de fato, veio para Sobral para conter Romão Patriolino. É o que, afinal, tinha de fazer. Já gozara muita a vida nos piqueniques na Serra ou do outro lado do rio, no namoro com a filha do cordeador da Prefeitura durante o trajeto do bonde da Estação da Estrada de Ferro à Cruz das Almas, nas festas, nas quermesses, até em canoas, durante as últimas enchentes. Agora, era hora de prender o homem. No Bar ou na Praça do Mercado, na frente de todo o mundo. Assim, lhe desmanchava a valentia. Leva-lo-ia preso até o alto da cadeia, para lhe dar um ensino. Voltaria, triunfante, à pensão para que Olímpia nunca pudesse pensar que ele estava com medo, acovardado. O que não queria, mesmo, era imitar os outros governos, agir fora da lei. Poderia, depois, até fazer uma exceção e ir ao Itatiaya beber um gole de Macieira, para saborear o triunfo. E, à noite, durante a bênção do Santíssimo na Catedral, talvez, até, conseguisse carinhos mais generosos da filha do cordeador da Prefeitura, no escurinho detrás da igreja. Estava tão enlevado ao pensar na namorada, que se descuidou e deu uma topada que o fez erguer o pé para friccioná-lo:

"Porra! Hoje não é mesmo o meu dia de sorte."

Continuou a marcha, caxingando um pouco até que endireitou o passo na Praça do Mercado. Era o fim de feira. Ainda

havia vendedores de galinha com varas no ombro, em que estavam penduradas pelos pés as aves a serem negociadas. Alguns merceeiros começavam a dar o balanço nas vendas para cerrar as portas da suas bodegas. Nos mourões pegados ao pavilhão de aço, instalado pelo prefeito, encontravam-se dezenas de jumentos, os caçuás vazios, pendendo das cangalhas, relinchando de sede, fome e, às vezes, de cio. O tenente percebe que é aguardado, porque um grande silêncio se vai formando, até tomar conta de toda a praça. Portas de lojas e de casas de família vão se fechando, discretamente, na iminência do duelo, enquanto os mais assustadiços e as mulheres espiam, por detrás das suas venezianas.

Romão Patriolino, de roupa clara, chapéu, de costas, conversa com amigos, à sombra do ficus de benjamim. É advertido da aproximação do tenente, porque se volta, devagar, com calma, para vê-lo. E passa para trás da árvore. Ele vai em frente, a mão no revólver, o olho no adversário, enquanto mais lojas e mercearias vão encostando as portas. Nisso, um jumento, amarrado de corda preso ao mourão, começa a relinchar alto, fazendo força para se libertar do cabresto de corda preso ao mourão. O tenente, porém, não tira o olhar de Romão Patriolino, que o espera, as pernas bem abertas, as mãos soltas ao lado das pernas, como se tivesse toda a coragem do mundo.

"Romão Patriolino, você está preso. Me entregue sua arma!", ele grita.

Romão responde, duramente, sem qualquer tremor na voz:

"Um homem não se prende, se mata. Venha me prender, seu tenentinho de merda!"

E, deixando a proteção de um ficus de benjamim, avança no rumo do oficial que atira justo em seu peito. Romão cambaleia, põe as mãos no tórax e logo o sangue lhe jorra sobre a camisa, o paletó. Ele cai, devagar, a cabeça escondida entre os joelhos. O tenente ainda dá alguns tiros em direção ao morto, pensando consigo mesmo que o adversário foi mais fácil de bater do que o esperado. Estava ali, caído de joelhos, o peito varado por uma só bala, desfechada, provavelmente, já pres-

tando contas com Deus. O tenente se aproxima, o revólver na nuca de Romão e vai atirar, é surpreendido. É o morto que, num arranque desesperado, se levanta, punhal na mão. E, naquele mesmo impulso, desfere uma facada na direção horizontal que lhe rasga todo o baixo-ventre.

"Matou-me, filho da puta. Mas vai morrer também". O tenente atira, mas, já sem firmeza na pontaria, porque precisa segurar as vísceras com a mão. Apoiado, praticamente abraçado ao ficus de benjamim, o policial atira, mais uma vez, em Romão, que corre em direção à Praça da Sé. A bala o atinge no quarto. Romão tropeça, o sangue encharcando-lhe a calça. Mesmo assim, prossegue na corrida.

O tenente Benedito Sampaio descarrega as cinco balas de seu revólver, na direção do fugitivo. Os tiros se perdem. Joga a arma no chão, ciente de que ela não lhe serviria, nunca mais. Aquele homem alto, forte, corpulento, quase gordo, marcha cambaleante, as mãos tentando conter os intestinos que se evadem, de volta ao hotel, para uma agonia penosa de três dias e três noites sem dormir, em que atroava o quarteirão com seus patéticos e desesperados gemidos.

A Beata

Virtude chegou a Durçulina Machado Freire, parou e se estabeleceu. Não havia moça mais respeitada, nos seus 25 anos. Todos lhe davam muito mais, pelas roupas, pelo porte, pelo penteado. Vestia-se e portava-se como se tivesse o dobro da idade. Era presidente da Pia União das Filhas de Maria. O Bispo, dom Manoel, lhe autorizara instalar gabinete em casa, para dar consultas espirituais, orientar outras moças na senda do bem. O padre Ignácio Montanha só começava a se paramentar na sacristia da Igreja do Patrocínio quando despontava, na calçada do templo, a empregada dela, Do Carmo, trazendo, na cabeça, o pesado genuflexório de madeira trabalhada, em que assistia à missa, sempre na primeira fila, na ala das mulheres. E o próprio Bispo, certa vez, falando dela e da irmã, Afonsina, freira, exaltou suas virtudes, em sermão ali proferido. "Ela vale por cinco mil virgens", ironizava o padre Epaminondas.

Por isso, o padre Amadeu Lopes Galvão, fazendeiro e vigário do Ipu, lhe pedira "a nímia gentileza" de receber, em casa, por algumas semanas, seu sobrinho, para o menino se preparar para ingressar no Seminário: "Serão só duas a três semanas. Aqui ele já vai aprendendo piedade para ser um bom sacerdote, com sua mãe e você".

Ela concordou em receber o menino, sem maiores preocupações: "Traga o pequeno. Ele fica no último quarto, aquele que foi do falecido Mateus".

O que Durçulina jamais poderia supor é que o "menino" fosse um espadaúdo e alto rapagão de quase 18 anos, voz baixa, profundamente tímido. Não foi apenas surpresa o que experimentou. Ela sentiu, nos olhos do rapaz, quando ele os tirava do chão, algo que a perturbou. Ao mesmo tempo, as preocupações com o pecado a absorveram. O rapaz ia ficar vizinho do último quarto da casa, este ocupado pelas duas empregadas. É certo que a Do Carmo já estava com quarenta e lá vai pedra e não preocupava. Sua filha, porém, a Conceição, era nova. "Nova, não", pensou, "quase da minha idade, não deve estar mais pensando em casamento nem em sexo". Ao mesmo tempo, sentia algo estranho, desconforto, falta de ar. Foi tomar água com açúcar para se acalmar.

Dócil, todo encabulado, o rapaz que estava parado à entrada da sala de visitas, torcendo a aba do chapéu, perguntou:

"Dona, o que é que faço?"

"A Do Carmo vai lhe mostrar seu quarto. Ela leva a mala."

Incomodava-a aquele "dona", aquele "senhora" tão respeitoso e o fato de ter um homem dentro de casa, o que não mais acontecia desde criança, quando morrera o irmão mais velho, Mateus.

Todos os dias pela manhã, após a missa, ela dava aulas de catecismo ao Félix Cunha Galvão, que a ouvia, de olhos baixos, distraído, sempre pedindo "desculpas, dona", "perdoe, senhora". Quando porém levantava os belos olhos castanhos, tão tranqüilos para aquele corpanzil todo, era para ela, para as formas de seus seios, suas pernas, que olhava, numa adoração muda, num desejo indissimulado, que a deixava mal. Estaria apaixonado por ela, em tão pouco tempo? Era a falta de convivência com as mulheres na fazenda?, pensava Durçulina, sem conseguir dormir. Mas é um menino. Tem apenas 18 anos. Ao mesmo tempo, é homem feito. Pode amar, pode ter filhos. Este pensamento a colheu de surpresa. Há muito, não sofria tal tipo de tentação. Começou a rezar. Depois não resistiu. Se ele não for padre, irá ter uma mulher, deitar-se com ela, fazer filhos. E, embora pedisse a Deus para a livrar da tentação, não

podia deixar de pensar nele cavalgando uma mulher, fazendo sexo. Será que ele já fizera sexo? Sozinho ou com outra mulher? Era preciso orientá-lo sobre sexo. Era o que faria, dia seguinte.

Antes de sua preleção, Félix foi à estação receber uma encomenda. Durçulina, sem saber como nem por quê, de repente, se viu em seu quarto. E, perdendo o controle, se recostou na rede em que ele dormia, tocou o lençol em que ele se enrolava e, ao encontrar uma ceroula, acariciou-a. Cheirou-a para sentir o seu suor, o cheiro de sua urina, de seu sexo. Saiu dali excitadíssima.

O rapaz voltou e indagou: "Dona, vai ter aula hoje?" Ela respondeu que sim: "E sobre um assunto muito sério", acrescentou, com rosto compenetrado.

Começou, então, por falar sobre a importância do casamento religioso, o único pelo qual Deus abençoa a união de um homem e uma mulher que vão constituir família. Ao contrário do que dizem alguns jornalistas ateus, inimigos da religião, o casamento civil, sozinho, não vale nada. Era o mesmo, aos olhos de Deus, que amigação, viver em pecado mortal. Só no casamento religioso se permitia o sexo, e este somente para fins de procriação, para que nasçam filhos. E lhe voltaram os pensamentos noturnos sobre a possibilidade de Félix não vir a ser padre e, sim, casar e fazer filhos. Aí, imaginando a cena de seu pupilo sobre uma mulher, sem que mesmo soubesse por quê, saiu-lhe da boca pergunta que ela queria e não queria ter formulado.

"Você já fez sexo?"

Félix riu, de cabeça baixa, encabulado. Parecia uma criança, apesar da altura e peso.

"Como?"

"Já fez imoralidade?"

Foi bastante para excitá-la. Durçulina insistiu:

"Faça de conta que esta é uma confissão diante do padre. Você já praticou sexo? Já fez coisa feia?"

"Com mulheres, dona?", arriscou Félix.

"Sim", respondeu Durçulina, vermelha como um pimentão, sem saber que podia haver outro tipo de sexo.

"Não, dona. Não, senhora."

"E fez com quem?", insistiu a professora, ruborizada da própria ousadia.

"Com irmãos e primos ..."

"Entre vocês?"

"Não, dona, fico envergonhado de dizer."

"Faça de conta que está diante do padre no confessionário. Conte, é pra seu bem."

"A gente brincava, dona, primeiro de ver quem jogava a gala mais longe."

Ela não entendeu direito o que queria dizer aquilo. Queria era ter espelho para ver de que cor estava seu rosto. Ficou, porém, excitada, como nunca lhe acontecera na vida. Sentia, pela primeira vez, que a xoxota não apenas latejava. Estava úmida. Ela o sentiu, ao cruzar as pernas. Agora nada a podia controlar.

"E que mais?"

"A gente usava as jumentas ..."

"Mas é pecado mortal", quase gritou ela, excitada. "Você vai já, já à casa do padre Ignácio ..."

"Não, dona, confiei na senhora. Não vou, não. Ele não vai me deixar entrar no Seminário, pelo amor de Deus", ele pediu estendendo a mão na direção dos joelhos de Durçulina, como criança amedrontada.

"Como foi possível isto? Você, sobrinho de um padre?"

"Ora, dona, na fazenda todos os meninos e até os grandes fazem isto com talo de bananeira, galinha, cabras e jumentas."

"E você?"

"Só com as jumentas."

"E ela não fugia?"

"Sempre um segurava ela pelo cabresto enquanto o outro se servia."

"Não dava coice?"

"Umas davam, outras não", relatou ele com naturalidade. "Diziam os meus primos que tem uma, a Mimosa, que, assim que me avista, vem logo começando a se roçar."

"Por quê?"

"Dona, é pra falar? A senhora não fica com raiva, não? Não me manda pro padre, não? Promete?"

"Prometo. Dou minha palavra. Conte, então, tudo. Por que ela vinha se oferecer a você?"

"Pelo tamanho do manzape."

"?", indagou ela com os olhos arregalados, sem deixar de procurar identificar, na calça dele, a razão de tanta gabolice.

"Porque é o maior da turma."

Ele a disse com ar tão inocente e a sentiu tão perturbada que se aproximou dela. Durçulina estava muito excitada para fugir, deixar a sala de visita, o seu gabinete: "Me solte. Isto é pecado. Pecado mortal. É loucura. Você vai ser padre". Sua resistência era fraca. Ele a segurava com seus braços fortes e seu ar infantil, procurando sua boca. Ela se afastava e ele lhe lambia o pescoço enquanto esfregava o sexo latejante, duro, entre as coxas de Durçulina. Foi quando bateram à porta. Ela se desvencilhou de seus braços e saiu apressada para o quarto, a fim de lavar o rosto, refazer o penteado e conferir sua xoxota que estava molhada como se ela tivesse começado a fazer xixi.

Durante o jantar, Durçulina quase não falou. A uma pergunta da mãe, disse que estava com enxaqueca. De quando em quando, dava um olhar de esguelha para Félix, que a encarava com admiração, quase êxtase, sem qualquer malícia, como se todos os dias ele abraçasse uma mulher na sala de visitas de sua casa, ainda por cima presidente da Pia União das Filhas de Maria. Após a refeição, ela foi pro gabinete ler. Aí, não conseguiu se concentrar.

Nunca tantos maus pensamentos a haviam assediado antes, e jamais ela se entregava tão facilmente. É como se Deus a abandonasse de repente, e o Demônio fosse entrando em sua casa, sem bater à porta, de guarda-chuva aberto, sem,

sequer, tirar o chapéu. Por que, meu Deus? Talvez porque até então o pecado jamais se materializara em sua casa naquele moço forte, espadaúdo, puro como uma criança. Que tinha, porém, sexo, e ela o sentira, pela primeira vez, em seus 25 anos, entre as pernas e parecia ser volumoso, como ele anunciara. E ela pensava em acariciá-lo, em beijá-lo, em apertá-lo para fazê-lo lançar sua gala bem longe, como fazia na fazenda. E depois em guardá-lo dentro de si como todas as mulheres que querem ter filhos. Mas ela não era casada. Condenara tanto Rosália, mulher do Jesualdo Rolim, que traíra o marido com o padeiro português, até com o botador d'água. Ao mesmo tempo, o desejo mobilizava todo o seu corpo. Sentia vontade de ser novamente abraçada e acolher, entre as coxas, o sexo de Félix. E assim adormeceu. Logo acordou. A mãe roncava tão alto que ela fechou a porta do quarto para poder dormir. Pegou a lamparina para ir à cozinha beber água.

Mal acordou, acordou com ela o desejo. Queira Deus (e falava com remorso de botar o nome de Deus numa história dessas) que a porta do quarto dele esteja aberta e ele queira me abraçar de novo. Saiu, devagar, sem arrastar os pés. Ao passar pelo quarto de Félix, viu que a porta estava aberta.

Ele dormia, de camisola meio levantada, justo pelo sexo inflado, duro, que ela não podia ver. Foi à cozinha. Lá pegou a quartinha e voltou. Na porta do quarto dele, parou. E maravilha das maravilhas. Ele dormia (ou fingia?), pois ressonava forte. A camisola, porém, agora estava levantada e ela podia ver-lhe o sexo por inteiro, rijo, enorme, quase 20 centímetros de cilindro negro, saindo de uma moita de cabelos escuros, terminando numa cabeça grande, enorme, vermelha. Ela ficou olhando, siderada, louca de desejo, uma mão segurando a lamparina, a outra a quartinha. Pela primeira vez, nos seus 25 anos, podia ver o sexo de um homem, sem ceroula, sem camisola, sem batina, o sexo de um jovem, duro, ardente, pulsando e que jamais penetrara numa xoxota de mulher. E ela pensou, um instante, com inveja daquela jumenta da fazenda que se oferecia desejosa daquele sexo. Foi quando ele acordou.

Ele fez "psiu", pedindo-lhe que não dissesse nada. Ele a chamou. Ela hesitou. Depois, seguiu no rumo da rede como um autômato. Depositou a quartinha no chão. A lamparina, no banco. Ele a puxou para a rede.

"Não, é pecado mortal. Nós não somos casados ..."

"Caso com você amanhã."

"Você casa mesmo?"

"Só quero isto na vida."

Esse curto diálogo logo termina com ela se rendendo, feliz, ao seu abraço. Ele pede que ela lhe olhe o sexo. Ela está hirta, dura, os olhos na parede, enquanto ele lhe abraça os seios. Ela se excita e reage sem convicção:

"Não, não, tira a mão daí, é pecado, pecado mortal. Olha o inferno."

Ele não fica muito preocupado com o inferno. O que quer agora é a mão dela acariciando-lhe o sexo que, solitário, aponta pra cima, ereto, altivo, fremente. Durçulina baixa a vista e o observa fascinada.

Félix brinca:

"Não disse, dona, que é o maior da nossa turma?"

Ela não responde, louca para tocá-lo, beijá-lo, mordê-lo, mas não quer tomar a iniciativa, não sabe por onde começar. Félix pede:

"Pegue nele, agrade ele. Dê-lhe uns acochos."

"Deus me defenda."

Ele, com força, faz com que ela lhe toque o sexo e o segure. Durçulina não reage. Ante novo pedido, afaga-o com a outra mão. Félix pede:

"Mede ele, para ver como eu disse a verdade."

Ela estende uma mão e depois de definir um palmo, mede o resto:

"Um palmo e meio."

"Não, mas dá quase 20 centímetros."

"Agrade ele, dona."

Ela, muito sem jeito, começa a afagar-lhe a cabeça já minando secreção. Ele toma a mão e a esfrega no esperma e pede:

"Aperte firme com a outra mão. Sacode ele. Sacode que eu quero gozar".

E se levanta, pedindo:

"Não solta, não solta".

De repente, ele grita: "Aperta mais e depois sacode que quero ver se a gala chega até a parede, como na fazenda".

Ele não deixa de rir quando a gala molha a parede. E pede:

"Passa a mão, quero que sinta na mão". Ela esfrega as mãos na cabeça do sexo dele ainda molhada de esperma.

"Vou pro meu quarto", diz ela se levantando. Sai. Não demora dez minutos.

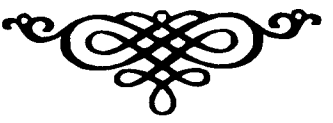
"Vim só fazer uma pergunta. Você jura por tudo quanto é mais sagrado que casa comigo?"

"Juro, quero, só penso nisso desde que cheguei aqui. É uma doideira." E a puxa pela cintura com uma mão. Com a outra, se introduz debaixo de sua camisola.

Ali na rede, naquela noite de fevereiro, Durçulina gemeu, chorou de prazer e de dor, ao agasalhar, entre as pernas, a pica do ex-futuro padre Félix Galvão, que, naquela noite, arquivou o sonho de eclesiástico. Não sem ir ao segundo turno. Porque Durçulina, mesmo dizendo-se doída e machucada, assim o quis, e ele, na força dos seus 18 anos, pôde atendê-la. Ambos o faziam pela primeira vez.

Dia seguinte, ante a ausência da Durçulina à mesa da comunhão, padre Ignácio a botou debaixo de interrogatório e ouviu a "mea culpa". Logo o Bispo casou os pecadores, avisando, por telegrama, o acontecido ao vigário de Ipu, padre Galvão, com este final conformado: "Fez-se a vontade de Deus".

O Dr. Leite e a Costureira



Eram cinco para as onze quando o doutor Leite iniciou os preparativos para deixar a farmácia. O professor Ataliba, que gastava ali, num sofá de madeira, seus longos dias de aposentado, já dobrara o jornal da semana passada que estava relendo e partira, arrastando a perna paralítica. Meticulosamente, o doutor Leite começou a vestir o paletó, escovou-o ante o espelho com cuidado e penteou-se com força. O cabelo voltara a encrespar. Seria a navalha do barbeiro? Seria a água? E ficou com medo de que aumentassem os indícios da mulatice carregada do pai que ele, felizmente, não herdara. E que lhe seria fatal. Afinal estava de olho na Presidência da Conferência dos Vicentinos e já era o orador oficial da Congregação Mariana. E ser branco ou aparentar sê-lo era fundamental em Sobral, cidade que tinha avenida, clube, igreja dos brancos e dos pretos.

Ao se abaixar para fechar o cadeado da enorme porta da farmácia, o doutor Leite voltou a vista para uma panorâmica da praça. O sol estava a pino, e a reverberação do calor fazia subir estrias das calçadas. Seu irmão Cláudio, e ele nem sabia por que isso lhe vinha agora à lembrança, dissera que ali dava para estrelar um ovo, em cima do passeio. E o doutor Leite imaginava um ovo jogado sobre a calçada, estalando, sendo cozido, mostrando, à luz do meio-dia, o esplendor de seu amarelo-ouro. E começou a pensar: Como o comer? Como o tirar daí?....

Naquela quinta-feira, examinou a Praça José Sabóia com cuidado. Estava ansioso para que chegassem as onze horas e pudesse terminar o expediente, porque ia ver Judite. Do outro lado da praça, Clodoaldo Aguiar, no balcão da farmácia concorrente, nem disfarçou um ar de desprezo. Doutor Leite julgou mesmo tê-lo visto atirar-lhe uma "banana". Fez que não notou. Afinal não ia se trocar com o Clodoaldo, seu antigo colega de balcão, que rompera com ele, acusando-o de deslealdade quando da morte do dr. Brasil, e conseqüente luta pelo arrendamento da farmácia. É verdade que Clodoaldo virara proprietário, mas vivia às voltas com multas, com a fiscalização, com os cartórios, desacreditado comercialmente. E socialmente também. Leite era somente arrendatário mas, em compensação, tinha boa reputação. Começava a subir: fora aceito como sócio do Palace Clube. Seu grande sonho era chegar a diretor cultural. O grande problema é que o bispo era contra os que dançavam o Carnaval. Como ele poderia ser presidente da Congregação e diretor de clube dançante? A seu favor só tinha que, há dezesseis anos casado com Marieta, nunca mijara fora do caco, como costumava dizer o Padre Coraci, vigário de Santo Antônio do Aracati que, de quando em quando, no cair da tarde, vinha visitá-lo, atordoando-o com sua voz de trovão, seu corpanzil, as histórias de suas vacas e surpreendendo-o com estranhos pedidos de remédios para seus compadres com doença venérea.

Doutor Leite viu que o caminho estava livre. A um canto da praça, porém, junto à loja "A Tesoura", estava um dos irmãos Almeida, o Crisantino. Magrinho, ainda não chegara aos trinta anos. O cabelo já esbranquiçado. Falava baixo, ouvia tudo. Era um dos dois filhos do seu Toinho, dono do cartório. Jamais tivera um emprego. Gastava dias e noites na praça, nos bares e, principalmente, nas esquinas de casas das adúlteras ou das moças de namoro mais ardente. Dedicava-se integralmente a saber da vida dos outros: era seu único encargo. Por isso tinha conhecimento de tudo: das filiações ilegítimas, dos namoros escandalosos, das casadas que estavam a preva-

ricar, dos padres amigados, e tanto os revelava como os pesquisava junto a amigos, conhecidos e empregadas domésticas. Segundo dissera certa vez, ao entediado doutor Leite, estas últimas lhe davam dicas incríveis... Era justamente o Almeida, com suas perguntas embaraçosas e imprudentes, que o doutor Leite não queria ver, ele que, pela primeira vez numa década, não ia seguir, aquele dia, o caminho costumado. Crisantino esperava a chegada dos jornais de Fortaleza conversando numa roda de que fazia parte também o Raimundão, funcionário do Correio que vivia à disposição da Prefeitura para não dar expediente, porque passava o dia discutindo política. E sempre a favor do Romão Patriolino, antes do PSD e agora do PTB, seguindo as variações de siglas do seu chefe, cujas valentias gostava de contar. O outro era Crisanto, irmão de Crisantino, mais excitado que este, tanto que da porta da farmácia dava para ouvir o que estava dizendo. Também não trabalhava. Tinha um bico na Prefeitura, dizia-se que graças a manipulações decisivas de mapas eleitorais, feitas com a supervisão paterna. Crisanto, ao contrário do irmão, se dedicava a pesquisar as novidades comerciais. Onde havia um título vencido há dias, já para lá se dirigia seu olhar agudo e comprido, tão temido pelos gerentes do Banco do Brasil. Possíveis falências, prejuízos e lucros na venda de gado, alta ou baixa do algodão, protestos de títulos, execuções, era com ele mesmo. Muito bem casado, não se interessava por assuntos amorosos. A família se especializara, afirmara uma vez o doutor Hemetério Mendes, velho cacique pessedista, dono do outro cartório, a propósito da divisão de trabalho ou de interesse dos filhos do colega.

Enquanto ia saindo de mansinho, doido para não ser notado, o doutor Leite pensava em Judite. E, por incrível que pareça, também na cunhada. A cunhada, Edivanice, era loura de olhos claros. Desde que viera morar em sua casa para estudar no Colégio das Irmãs da Santana, pois o pai dela e sogro dele morava na fazenda em Massapê, seu coração não tivera mais sossego. Muitas vezes, na cama com Marieta, para con-

seguir gozar, pensava nela, nos seus seios alvos, o biquinho róseo que ele gostaria de afagar, de morder.

Então quando Marieta saia à rua ou ia à Igreja da Sé, o doutor Leite quase enlouquecia. Ia ao quarto de Edivanice mexer no saco de roupa suja. Cheirava seus vestidos, punha-os sobre o rosto. E passava bons momentos beijando seus soutiens, apalpando suas roupas à altura dos seios, de duas saliências e reentrâncias, sentindo o seu suor, o seu cheiro nas calcinhas usadas. Agora mesmo, caminhando pela Rua Senador Paula, sentia-se excitado e tinha de colocar o embrulho de fazenda sobre a perna esquerda para que não lhe vissem o membro enrijecendo-se, quase furando a calça.

Morria de medo de Marieta, mas quando Edivanice passava por ele, no comprido e escuro corredor do casarão onde moravam, puxava-lhe o soutien pelas costas, de uma maneira que ela pudesse julgar inocente. E parecia que ela estivesse gostando mesmo, porque voltava, sem ter nem para quê, e ele puxava de novo o cordão do seu soutien, febril e desvairado. Depois, quando saia para a farmácia, a cabeça ia cheia de sonhos.

Chegava, às vezes, a se ver viúvo e, na própria noite de estréia da viuvez, enquanto Marietinha estivesse estendida no salão, cercada de vela, alguns padres amigos, no velório... Viria o Prefeito? E o Bispo, se estivesse na cidade? Talvez viessem e com isto esmagaria o orgulho de Clodoaldo. E já se via entrando no quarto de Edivanice, sendo confortado por ela e a meter as mãos por dentro do soutien dela, colhendo o pomo de seus peitinhos, apertando-lhe os bicos, mordendo-os. Poderia até, se houvesse condições, gozar entre suas coxinhas, sem tirar-lhe as calças, pois jamais teria coragem de descabaçar a cunhada, mesmo em sonhos. Temia a Marieta e o sogro, velho coronel sertanejo, famoso pela sua carolice e pelas surras que mandava aplicar em adversários da sua UDN.

Andando rua Senador Paula acima, o doutor Leite percebia que estava querendo a morte da mulher e se arrependia. Era tão boa... Ignorante, não quisera fazer senão o primá-

rio, mas solidária, de nada reclamava. Somente tinha enxaquecas freqüentes. Melhor seria que pudesse bolinar Edivanice sem precisar do desaparecimento da mulher. E sem escândalo, naturalmente. E de novo lhe voltava o sonho. Já se via viúvo, despindo Edivanice, beijando-lhe os seios, apalpando-a toda, beijando-a, embora mesmo assim não admitisse introduzir-se nela que era virgem, sua cunhada, e o pai, rijo coronel. Por dinheiro nenhum do mundo, queria que Marieta soubesse sequer desses sonhos. Principalmente quando isto podia pôr tudo a perder. Ele ia passar de vice-presidente a presidente da Ordem de São Vicente de Paula. O atual presidente insinuara que não queria continuar. E o doutor Leite já se antevia na primeira fila da Igreja Catedral, na missa das nove horas de domingo e nas procissões solenes, comandadas pelo bispo, segurando o andor. Qualquer rumor negativo e estaria perdido. O Machado fora expulso da Congregação Mariana porque dançava carnaval e com a mulher dele. E andando rua acima, o doutor Leite não podia tirar a cabeça de Marietinha deitada na sala de frente, entre fileiras de círios, e ele agarrando, detrás da porta, beijando, lambendo, sugando os seios claros de Edivanice.

Além de excitado pelo que pensava, caminhava apreensivo por saber que esta sua mudança de itinerário, dele que, desde que chegar à cidade, invariavelmente, àquela hora, ia direto para casa na Praça do São Francisco, iria gerar curiosidade. Atravessou a rua e seguiu em frente. À esquina, num velho sobrado onde no passado viviam grandes fazendeiros, localizava-se agora a mercearia do Chico Roldão, mais um armazém que vendia de tudo, a grosso e a retalho. Lá estava o dono da casa, olhos muito azuis, os escassos cabelos brancos despenteados, barriga por fora da calça amarrada por um cordão. Acabava de vender uma quarta de farinha e jogava displicentemente o dinheiro na gaveta do longo e atulhado balcão de madeira. O doutor Leite pensou naquela gaveta sempre aberta, e se não havia risco de roubo dos empregados. E foi andando para ver Judite, a costureira, cujo marido viajara para

Fortaleza em seu caminhão, fazendo a mudança do Lopes, do IAPC, que fora transferido para a capital com seus doze filhos. Agora sim, ele tinha todas as condições de comer Judite, se alguém não pressentisse seu intento. Andava a passo seguro, a cabeça meio curvada para o chão, o embrulho de tecido debaixo do braço, o guarda-sol aberto. Já ultrapassara a loja das meias quando ouviu Crisantino. Deus do Céu, não escapara :

"Doutor Leite, doutor Leite!"

Virou-se devagar, aparentando tranqüilidade.

"Para onde o senhor vai por aí?", insistiu Crisantino.

"Ora, Crisantino ..."

"Não vai para casa? Nunca vi o senhor ir para a Praça do São Francisco por esse rumo."

Acossado, o doutor Leite procurava descobrir uma explicação para dar ao Almeidinha sem deixá-lo suspeitar de que Marietinha estava ausente, porque geraria novas perguntas. A conversa encompridaria perigosamente, seria pior.

"Tenho de ir a casa do padre Gervásio."

"Como, doutor Leite? Parece que ele foi à Serra da Meruoca. Há umas missões la na Palestina. Vi ele agorinha passando no carro do Foguinho."

"Não soube, não, Almeidinha. De qualquer maneira vou tentar."

"O que o senhor vai fazer lá?"

"Ora, Almeidinha, assunto particular...", e, ante o olhar arregalado do outro, ajuntou: "Uma missa...", e murmurou qualquer coisa a respeito do Dr.Brasil.

Crisantino ficou matutando um pouco, silencioso, mas não se rendeu. Apenas mudou de assunto:

"O senhor soube da última?"

"Do que, Almeidinha? Que última?"

"Sabe o Gatão, aquele da relojoaria que todo o mundo pensava efeminado, apesar do apelido? Pois não é que a Lisete, mulher dele, aquela loura meio sarará, encontrou-o na relojoaria com a Ivanilde, a filha do Zepaulo da serraria. Enrabando a moça que é noiva. Ela quebrou relógios, vidraças e ainda a cara da moça."

Sem mostrar muito interesse o doutor Leite limitou-se a um "Foi"?

"Não vá me dizer que o senhor lá na farmácia não sabia ... nem o professor Ataliba lhe falara?"

Doutor Leite procurava desembaraçar-se de Crisantino perguntando-lhe pelo pai, pela saúde da mãe que vivia entrevada numa cadeira de balanço, ouvindo rádio e rezando, com medo da guerra e do comunismo.

"O senhor vai mesmo para a casa do padre Gervásio?"

Doutor Leite confirmou, mas começou a ficar com medo de ser seguido. Só se tranqüilizou quando viu chegar o ônibus, da Expresso de Luxo, que trazia os jornais da Capital. Almeidinha saíra às pressas sem se despedir.

Doutor Leite ia pensando em Judite. Com ela era outra coisa. Podia pensar mais livremente, sem precisar estar se arrependendo, sem pensar que era pecado. Judite era casada, uma casada que dava. Era pobre e mulata. Seus peitos escuros, de bicos roxos, seu nariz chato de narinas amplas, abertas, ofegantes o punham em delírio. Chamava-o para a cama. Com ela, a quem tratara com massagens que não terminavam nunca, já se via abrindo a porta da casa, imediatamente tirando-a da máquina de costura e levando-a para cama. Nem sabia se teria tempo de tirar-lhe a roupa, tal sua vontade de possuí-la. Na segunda vez é que poderiam despir-se completamente e repetir tudo de novo. Embora já temesse chegar atrasado. Se não abrisse a farmácia a uma hora, o que iriam perguntar os empregados, os vizinhos? Logo afastava seus temores e pensava em Judite. O único medo era de ser visto pelas vizinhas, duas solteironas, filhas de um sargento da Polícia, a Gonçala e a Gilberta, que viviam de saber da vida alheia e de fabricar uns bolinhos de farinha de trigo.

E ele se via, ora com Edivanice ora com Judite, na cama. E agora com as duas, embora fizesse força para afastar esse pensamento. Afinal Edivanice era sua cunhada, era virgem, era branca, e Judite, mulher de um motorista, mulata e dava. Isto não podia admitir. Mas já as via entrelaçadas com ele,

naquela confusão do moreno e do alvo, naquela festa de sexo que ia montando na imaginação, na caminhada sob o sol a pino.

Fora boa aquela idéia de comprar um corte de tricoline para fazer umas camisas, embora nem precisasse da desculpa, pois não cobrara nada das massagens que dera em Judite, dos remédios que lhe aplicara num tratamento que ele não queria terminar. Com as camisas podia voltar várias vezes à casa dela, desde que o marido estivesse viajando. Aquele suor dela o atraía e o apavorava, quando chegava em casa fazia tudo para se livrar dele. Nos primeiros dias de massagem, numa saleta ao lado da peça principal da farmácia, se esfregava ferozmente com álcool para retirar o cheiro dela do qual se impregnara. E se ao chegar em casa Marieta lhe indagasse "Onde pegaste este cheiro de negro, esta inhaca?" Ele já bolara uma desculpa e explicaria que era o Romão, um preto da Serra do Rosário, dono de uma roça de mandioca, que chegara se queixando de uma "dor nas apás" e ele tivera de friccionar-lhe as costas, fazer-lhe um tratamento.

O doutor Leite voltava a recapitular o corpo de Judite, tal como o imaginava. Mordia-lhe o bico dos seios escuros, as coxas, penetrava-a até onde pudesse. Cavalgando o corpo dela, aquelas ancas largas, já se via sumir dentro dela até que ambos se perdessem nos mesmos solavancos, no balanço do amor rápido e corrido. Tinha de ser depressa para que uma vizinha não aparecesse. Enquanto assim pensava, o doutor Leite se aproximava da casa das filhas do Sr. Paulino que, depois das aulas e antes do almoço, ficavam todas na calçada e eram perguntadoras implacáveis. Ao passar cumprimentou-as com um bom dia respeitoso, algo intimidado e julgou-se a salvo. Ficou vermelho quando ouviu de uma delas referências à sua roupa, aos seus hábitos e " para onde ele vai uma hora dessas?", até que Albaniza, a mais nova, correu e lhe indagou:

"Doutor Leite, temos novidades?"

Ante seu olhar de surpresa, ela não se deu por vencida:

"Ora, onde o senhor vai por este caminho na hora do almoço?"

"Vou à casa do padre Gervásio ..."

"Fazer o quê?"

"Pedir para ele rezar uma missa ..."

"Morreu algum parente seu? Quem foi?"

"Não, minha filha, o dr. Brasil. Pediram-me uma missa."

"Não faz tempo que ele morreu?"

"Faz, minha filha. É uma promessa de um cliente dele. Só isto."

O doutor Leite não ouviu direito o que as cinco filhas do Paulino ficaram conversando; só sabia que era a seu respeito, por isso as orelhas lhe ardiam, pois todas eram campeãs de fofoca. Ele andava mais curvado e devagar, olhando os sobrados antigos, o velho professor Jácome à janela de sua casa segurando o queixo com o lenço, e o consultório abandonado do dr. Adauto... Ia ser bom. Marieta viajara, o marido de Judite ausente e aqueles peitos morenos, aquela anca larga que uma vez acariciara, rápido, depois de uma massagem, ante o olhar cúmplice e feliz dela. Ela devia estar deslumbrada. Afinal quem lhe pegava na bunda era o doutor Leite. Embora não fosse formado, passava por doutor e dono da farmácia e receitava a cidade inteira, até os ricos, todos os dias. E só em pensar naquele corpo... Já, porém, amedrontado, cheio de novas desculpas a oferecer, temendo encontrar algum bisbilhoteiro na mercearia do Sr. Liberato. E se os vizinhos dela viessem? Tinha a desculpa das camisas e aí se tranqüilizava.

Conhecera Judite há dois meses. Ela entrara na farmácia, com seu gingado, seus amplos peitos. Tinha uma sexualidade inocente como se não se apercebesse dela. Estava com torcicolo. Ele decidiu fazer-lhe massagens. Ela concordou, dócil, humilde, perguntando apenas pelo preço. No laboratório, ele a massageava, devagar, sem pressa, descendo a mão até onde não havia doenças, nem torcicolo, nem incômodo, e ela aceitando, de quando em vez lançando-lhe um olhar de curiosidade como se a perguntar: "É isso mesmo que ele quer?". Fácil ela percebera tudo e agora ele inventava outras regiões para massagem, pena era que a farmácia estivesse sempre

cheia de clientes lá fora, esperando remédios, aplicação de injeções preparação de fórmulas. Por isso ia agora à casa de Judite.

O doutor Leite, ao dobrar a rua do Menino de Deus, viu o padre Gervásio que conversava com uma beata magra que ainda tinha a mantilha escura sobre a cabeça, como num confessionário. Estava com o pé sobre o banco da avenida e no rosto visíveis sinais de enfado. Cumprimentou-o de longe com um aceno de cabeça e andou rápido.

Ao subir os batentes altos da casa de Judite, olhou discretamente a rua do Santo Antônio. A esta hora de almoço, o suor descia-lhe a testa. Não havia ninguém na rua. Abriu a porta larga por dentro, puxando o ferrolho. Judite, sentada à maquina, levantou os olhos e saudou:

"Ó doutor. Pensei que o senhor não viesse!"

Ele, embrulho na mão, encaminhou-se pra ela, sem dizer uma palavra.

"Que é isto, Dr. Leite?"

Mas este "que é isso" era dito com malícia, só entrega. Suas ventas largas ofegavam como se ela pedisse maior arroubo. E o doutor Leite a ia empurrando para dentro do quarto, ao mesmo tempo em que a beijava na nuca e mergulhava as mãos em sua blusa apertando-lhe os peitos. Logo lhe desabotoava a roupa e era com dificuldade que lhe retirava do corpete o amplo seio, cuja ponta se expandia num moreno tendente para o azeitonado. E ali, de pé, ao lado da cama, o doutor Leite a beijava e a sugava, enquanto Judite respirava fundo, ruidosamente, quase roncando, o corpo todo sacudindo-se de desejo e pedindo: "Não quer deitar, doutor?". O embrulho da fazenda caíra ao chão e o doutor Leite beijava, chupava, mordia o bico do peito de Judite, abraçando-a pelas costas, enquanto o membro rijo lhe pressionava as nádegas amplas, já lhe molhando a calça.

Ela insistia: "Vamos para a cama, doutor, é melhor".

No instante em que, ainda com a boca sobre o peito de Judite, o doutor Leite, desastradamente, tentava desabotoar a braguilha, ouviu o rangido da porta e o Crisantino a chamar:

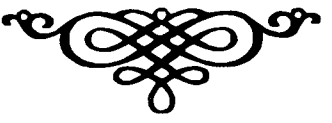
"Dr. Leite, Dr. Leite !"

Ele se voltou de súbito, desarmado, trêmulo, frustrado, deixando o quarto.

Crisantino, implacável, prosseguia:

"Veio experimentar camisas? Porque eu encontrei padre Gervásio descendo a Senador Paula e logo vi que o senhor não podia ter ido à casa dele."

A Volta ao Poder



Aristeu Honório Parente, dizendo-se afrontado na apertada sala do primeiro andar do sobradão onde se acomodavam os Telégrafos, procura descer a estreita escada que dá para a Praça do Mercado. Leva, na mão, acima da cabeça, com todo cuidado, telegrama do deputado Atanagildo Jordão a seu irmão, o juiz Emerenciano Jordão, anunciando a queda do presidente Franco Rabelo e a decretação de intervenção federal no Ceará.

"Vencemos!", diz ele, tentando sungar as calças, que estão sempre ameaçando cair.

"Agora o rabelorum vai ver, de novo, com quantos paus se faz uma cangalha", grita, exaltado e exultante, José Clodoaldo Coelho de Albuquerque.

"Vamos fazer um quebra-quebra nas lojas do rabelistas", propõe, alcoolizado, o Colombo Vasconcelos, caixeiro da loja de Sabino Jordão & Cia., sempre muito afinado com os ódios políticos dos patrões.

"Devagar com o andor, que o santo é de barro", recomenda Aristeu, sem muita ênfase.

Romão segura-o pela manga e pergunta:

"De quem é o telegrama?"

Com deferência, Aristeu se volta para responder ao jovem correligionário:

"Do Atanagildo."

"Quem disse a ele da queda do Franco Rabelo? O Marechal Hermes?"

"Não, o Pinheiro Machado. O senador em pessoa."

Romão não pode conter sua alegria:

"Bem que eu achava que Deus era meu pai e não meu padrasto."

Aristeu se espanta:

"Por que estás tão devoto?"

"Já sei. Vais entrar para a Ordem do Santíssimo?"

Romão não dá muita importância à brincadeira. Aristeu prossegue:

"Agora, precisas comprar menos máquina de costura."

Romão fixando-o, de alto a baixo, responde:

"Que autoridade tens para falar dos podres alheios?"

"Não, Romão, isto é brincadeira. Não vamos nos estranhar, justo no dia desta grande vitória," diz, abraçando-o e partindo para a casa do pai do juiz.

"Vamos, macacada, fazer uma passeata para comemorar", sugere Clodoaldo.

"Vamos é baixar o pau nesses democratas fios duma égua", propõe o caixeiro de Jordão & Cia. o nariz vermelho de cachaça e paixão política.

"Calma, pessoal", recomenda, de longe, Aristeu Honório Parente, deixando o pequeno grupo em confabulações. Este é logo engrossado por populares, desocupados e correligionários que saem dando "vivas" aos marretas e "morras" aos rabelistas João Felipe, Olímpia Catingueira, Etelvino Soares.

A maior parte das lojas da Praça de Mercado, independente de cores partidárias, já cerrou as portas, temendo prejuízos, porque o comércio é prudente e abomina arrombos e porque muitos comerciantes são admiradores discretos ou explícitos do coronel Franco Rabelo, simpatizantes do governo que acaba de ser apeado.

Romão e Clodoaldo vão à frente do grupo, na direção da Igreja do Rosário, mais precisamente da rua Joaquim Campelo.

"Vamos quebrar o hotel da Olímpia", propõe o caixeiro, já a caminho de "A Gruta". Ele conclui a proposta: "Antes vamos molhar o bico".

Romão é contrário à idéia. Por isso, acelera a marcha porque não quer começar a passeata, sob o signo da cachaça. Não se detém ao passar diante do bar. A maioria o segue, rumo ao "Hotel Rendez vous des Amis". Alguns hóspedes já estão na calçada, esperando a brisa do Aracatiaçu.

Olímpia, à janela, solta nuvens de fumaça de seu charuto, mordendo-se de ódio pelo rápido fim do sonho tão sonhado.

"Desgraça pouca é tiquim", é o que ela responde a um hóspede que a adverte dos olhares mal-encarados e os gritos ameaçadores dos manifestantes. Outros se recolhem, prudentemente, aos seus quartos. Ela continua, imperturbável, sem mostrar qualquer receio ou susto mesmo quando o grupo fica diante dela, a uma distância de seis, sete metros, no leito da rua, proferindo insultos.

"Abaixo o deputado João Felipe!"

"Cadeia para Etelvino Soares!"

"Morra Olímpia Catingueira!"

Olímpia permanece na janela, esperando o desdobramento da manifestação. É quando Romão, não se sabe se a sério ou somente para assustá-la, diz ao primo Clodoaldo:

"Vamos invadir este puteiro e quebrar a cara dessa rapariga!"

O primo o segue, solidário. Mal dão um passo, são detidos pelos gritos da dona do hotel:

"Entra, filho de rapariga, pra tu ver o que é bom pra tosse."

Ela está vermelha de ódio. Não demonstra nervosismo nem medo. Tem, na mão firme, sem vacilações, sem qualquer tremor, o revólver. E continua a ameaçar:

"Tu entra, mas entra crivado de bala, mais pinicado que urupema. Entra, se tu é homem."

Clodoaldo e outros seguram Romão, que estrebucha em seus braços. Terminam indo embora, gritando ameaças:

"Nós ainda voltaremos, sua quenga e tocaremos fogo nessa espelunca." E saem, de volta, na direção da Praça do Mercado. Vão à casa de Etelvino Soares, responsável pela impressão de um jornaleco, *A Pena Preta*, muito desaforado.

No caminho, Romão fala, baixinho, a Clodoaldo:

"Primo, desde de manhã cedo tive pressentimento de que não ia ter um bom dia."

"Por quê?"

"Nem queria sair da Timbaúba. É que não consegui levantar o dinheiro de que estou precisando, para comprar aquela ponta de terra de herança do Agripino."

"Vais ver, agora as coisas ficam mais fáceis. Afinal, tudo mudou de novo para o nosso lado."

"É, mas hoje não é o meu dia de sorte, já te disse e tu viste."

"Por causa da Olímpia? Que bobagem! Vamos ter a vida toda para fazer raiva àquela cascavel." Depois de uma pausa, acrescenta:

"Besteira, Romão, tu quer mais sorte do que esta? Estamos de volta ao poleiro. Nós temos é pé quente, muito pé quente. Vais ver."

Todo o grupo dumas vinte pessoas continua andando no rumo da casa de Etelvino Soares na rua Padre Fialho, em cujo quintal estão a redação e as oficinas de *A Pena Preta*.

Quando se aproximam, Etelvino, devidamente prevenido, vem saindo, agarrado pela mulher, dona Penhinha, que chora convulsivamente. Ele diz brusco, áspero:

"Deixa de me agourar, mulher. Entra e fecha a porta. Deixa que isto eu resolvo, com um pé às costas."

E vai saindo pelo estreito corredor, ao encontro dos adversários, que diante de sua porta, disparam insultos e desaforos:

"Morra Etelvino Soares!"

"Abaixo *O Combate*!"

"Viva o doutor Jordão!"

"Morra o deputado João Felipe!"

"Que todos os rabelistas vão pra puta que pariu!"

Alto, muito magro, em seu fraque escuro, os cabelos negros, o bigode também, Etelvino não mostra receio. Aos berros, com a mão dentro do bolso do paletó, se dirige ao grupo agressor, procurando superar suas vaias, seus insultos e desaforos:

"O primeiro que se aproximar, leva esta granada nos peitos. Pode até invadir a casa, mas entra todo esbagaçado". Enquanto esbraveja, agita a mão no bolso do fraque, mostrando pequeno volume.

O grupo recua. Romão quer avançar. Clodoaldo lhe dirige um apelo:

"Primo velho, basta por hoje de emoções. É hora de comemorar. Há tempo, muito tempo pra quebrar a castanha deste atrevido".

Romão está vermelho de raiva, de impotência. Termina concordando:

"Mas, ele me paga. É que hoje não é meu dia de sorte."

"O quê, Romão? Deus castiga."

"Sorte foi pro Partido."

"Nós somos o Partido. Você, muito mais."

"Hoje não deu pra agir como nos velhos tempos. Tivemos de engolir agravos e a histeria daquela cascavel de chocalho. E, agora, a granada desse pasquineiro. O Franco Rabelo distribuiu muitas bombas com o pessoal dele."

"Ora, Romão, temos muito chão pela frente. Pra lá é que se anda. Estamos, de novo, no poleiro. Ninguém nos apeia. Pra quê pressa?"

"É mesmo, né?"

"Não podemos é nos avexar. Como diz o doutor Jordão, a vingança é prato para se comer frio."

" Tanto, não. Isto é a conversa do doutor Jordão que é velho, tem quase cinqüenta anos, é juiz, dono da fábrica, milionário. Comigo, porém, é no peibufo, na hora, com o sangue ainda quente, fervendo."

Eles vão saindo enquanto Etelvino, de dentro de casa, os observa sem provocações. Clodoaldo propõe:

"Vamos beber na Gruta?"

Romão esclarece:

"Só se for umas 'Sacode'. Só tenho dinheiro para umas cachaças."

"Tenho pouco, mas dá para pagar umas cervejas para quem quiser. Vambora."

Vão andando, de cabeça baixa, como que defraudados da parte da vitória. Quando chegam n'A Gruta, pedem aos garçons que juntem as mesas. Romão fica próximo ao primo, remoendo os últimos acontecimentos. De repente, deita a cabeça sobre o tampo de mármore da mesa e começa a chorar convulsivamente, o que assusta Clodoaldo.

"Romão, pára. Vamos embora."

O choro persiste. Ele provoca o primo.

"Você quer que a perua da Olímpia saiba que o botou para chorar? Que os rabelistas te vejam assim?"

Romão se ergue, de repente, como se fosse brigar. Enxuga as lágrimas com a manga do paletó e sai atordoado sem que a maioria dos presentes haja registrado suas lágrimas. Vão seguindo para a Praça do S. Francisco, onde Romão mora com a mãe viúva. Mal dão alguns passos, se deparam com o jornalista Otelino Conceição, de *A Crítica*, magrinho, muito míope, quase cego, muito pobre que, em português castiço, fora implacável com os marretas.

Romão grita:

"Rabelista safado!"

Otelino, habituado a outras surras, calejado em apanhar de adversários e da polícia, precavidamente guarda seu bem mais precioso, o par de óculos no bolso do paletó. É a providência que se impõe, na rotina da existência de combatente, habituado a ser espancado em casa ou na rua por conta de seus libelos jornalísticos. Romão se aproxima, com raiva. E começa a esbofeteá-lo, embora não o mova nenhuma razão pessoal. À sua mente, vêm as imagens do rosto arredondado e vermelho de Olímpia Catingueira, explodindo de ódio, empunhando o revólver e vociferando desaforos que jamais vai esquecer ou o corpo esguio e magro de Etelvino Soares, superior, quase debochado, acariciando a granada no bolso do

paletó. Quanto mais delas se lembra, esbofeteia com mais força, chuta com raiva o jornalista que apenas defende o rosto com as mãos, até cair no leito da rua. A violência é tal que Clodoaldo segura Romão:

"Romão, o que é isto? Você mata o velho. É isto que você quer?"

Romão, como que acorda de seu delírio e se dá conta de tal risco. Mas quem ele estava espancando mesmo era a atrevida Olímpia e o desafiante Etelvino, contra quem, apoplético, grita palavrões. Ninguém dele se aproxima nem chega perto do agredido. Clodoaldo o chama. De repente, volta. O jornalista ainda está estendido no chão. Ele o pisa com cuidado e roda o pé sobre o corpo da vítima, com visível satisfação.

Quando volta para perto de Romão, este o interpela, curioso e espantado:

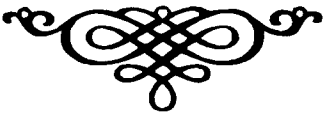
"Você estava com medo que eu matasse o velho e ainda foi dar a saideira?"

O outro ri.

"Sabe o que fui fazer? Não o maltratei, não. Você viu como o pisei, com cuidado? Fui só quebrar os óculos dele. Assim fica pelo menos um mês ou dois sem ler nem escrever, se lembrando da gente."

Romão diz consigo mesmo: "Este Clodoaldo tem cada uma ..."

O Dia Seguinte



No dia seguinte bem cedo, Etelvino irrompe na sala de refeições do Hotel Bitu, aos berros: "Olímpia, me dá um golinho de café para eu fumar meu Carmita."

A dona da casa se aproxima, vindo do fundo do corredor, enxugando a mão no avental, amarrado à cintura da qual pende, ainda, um molho de chaves. Refeita das emoções da véspera, ela mastiga um pedaço de pamonha.

Etelvino, detendo-se a olhar a mesa, comenta:

"Mas, Olímpia, isto é um banquete. A Chaga caprichou. É tudo de milho? Deixa eu ver. Mugunzá, canjica, pamonha, cuscuz, o diabo-a-quatro."

Ante o constrangimento de alguns hóspedes, face à invasão tão ruidosa, Olímpia, o olhar, babado de satisfação ante seu herói, o recrimina afavelmente:

"Etelvino, deixa de tanto barulho. Abanque-se. Fique calmo e coma. Se você diz que é uma festa, aproveite a festa."

"Por que tanto requifife?"

"Porque, apesar de tanta desgraceira, é inverno, há milho sobrando, a Chaga anda de bom humor e os hóspedes merecem. Agora quero ouvi-lo sobre as novidades."

"Mas o Ataliba não forneceu o noticiário?"

"Sim, mas do jeito dele. Queremos ouvir é da sua boca, naturalmente."

Ao se sentar, é que o jornalista se sente na obrigação de dar "bom dia" aos presentes. Ele fica vizinho ao hipocondríaco doutor Moura, sempre melancólico, sem apetite, e um caixeiro-viajante de Alves & Brito, de Recife, Tancredo Melo, muito gordo, já suarento de manhãzinha cedo, os polegares espichando as tiras dos suspensórios. Etelvino começa então a contar os acontecimentos da tarde anterior:

"Pois é, doutor Moura, botei os marretas pra correr, como dona Olímpia."

A dona da casa, em pé e encostada ao espaldar alto de uma cadeira, faz um gesto de menosprezo com a mão, como se quisesse dizer que sua parte não tinha maior importância nos acontecimentos da véspera. Moura, aliviado por não ter o que comer, acha ótimo o pretexto para interromper a refeição. Olímpia pede a Etelvino que conte sua versão.

"Como vocês viram, o Romão Patriolino, o primo dele, Clodoaldo, aquele que estuda no Rio, e uns capangas do doutor Jordão, passaram a tarde e a noite de ontem fazendo arruaças, enquanto a polícia metia na cadeia vários de nossos correligionários. Primeiro, passaram aqui pelo hotel. A Olímpia, que é o único homem dessa cidade, espantou-os com seu revólver. Eu precisei apenas de um novelo de linha."

Mesmo os que não estavam interessados no relato do jornalista param a refeição para ouvi-lo. Satisfeito, ele se reclina, para trás, na pesada cadeira de madeira e prossegue em sua história:

"Chegaram lá em casa prontos para quebrar o jornaleco, as oficinas e, principalmente, para me desmoralizar. Vocês conhecem o Romão, só sabe resolver qualquer questão à base da paulada, da violência, do punhal. Quando ouvi o barulho, não tive dúvidas. Fui à máquina da Penhinha e botei um novelo de linha no bolso. Assim que eles apareceram, disse que era uma granada, para esbagaçar o primeiro que entrasse. Eles andam com muito medo de bombas, desde o atentado contra o general Tomaz Cavalcante, lá deles. O certo é que o Romão

ainda quis entrar, o primo dele, porém, o convenceu a ir embora. Saíram apavorados. Tem nego correndo até hoje com medo do meu novelo de linha."

"Quer dizer que não era bomba, como aquele rapaz que coxeia duma perna contou ontem?", indaga o doutor Moura.

"Que bomba, nada. Era apenas o novelo da Penhinha", repete, dando uma gargalhada e acendendo mais um cigarro.

"Quem pagou o pato foi o pobre do Otelino Conceição. Eles se desforraram no velho que apanhou mais que couro de pisar fumo do Romão. Levou ponta pés até na cara. Está todo quebrado, coitado", diz Olímpia.

O jornalista continua falando aos borbotões. Quando, enfim, deixa a mesa, ela o chama a um canto da sala de visitas.

"Etelvino, pra que contar que era um novelo e não uma bomba, como eles pensaram? Botaste fora uma arma."

"Qual a diferença?"

"É grande. A granada era uma garantia.", e prossegue:

"Você feriu o Romão, que é um rapazinho vaidoso, no que ele tem de mais precioso na sua carreira política, a macheza. Ele vai achar que tem de se vingar. Vai ficar com isto na cabeça. Foi corrido por uma mulher e, no mesmo dia, ficou com medo de um novelo de linha. É péssimo..."

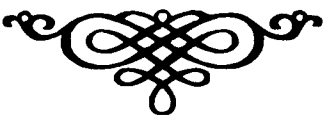
"Sei, Olímpia, vêm chuvas e trovoadas. Afinal, estamos de baixo. Por via das dúvidas, vou passar na Casa Estrela e comprar um guarda-chuvas", é o que diz, sorrindo e fazendo menção de sair.

Olímpia insiste na advertência:

"A hora não é de brincadeiras. Eles vêm com sede em cima da gente. Precisamos reunir nossos correligionários para a fundação de teu jornal. Um jornal mesmo, com cara de jornal, não *A Pena Preta.*

"Olímpia, *A Pena* teve seu momento. Agora, será a vez de *O Combate*. Nele não vai ter tempo bom. É cacete, todo o santo dia. Cacete não é santo, mas obra milagre."

Reverendo Suely



Na camioneta, Carlos Eduardo Maia ia silencioso, pensando em Suely enquanto outros companheiros de viagem faziam avaliação da campanha.

Ganhariam até por 200 mil votos na capital, se a abstenção for pequena. Se chover, por exemplo, não iriam a tanto. No mínimo, teriam 160 mil, e nisso todos concordavam. Dificilmente, porém, o candidato do governo ao Senado obteria tal vantagem no interior, que ele, homem velho, de muitos mandatos, não tinha condições de percorrer. Além do mais, dividida como está a Arena...

O candidato gordinho, corado, risonho, não acreditava em tanto otimismo:

"Estou é pebado. O pior é que perco a eleição, acabo me viciando em conhaque e ainda fico conhecido como Chico da Onça."

Todos riram da brincadeira. E Carlos Eduardo também, embora sem muita convicção. Ele viera de Brasília participar da campanha da Oposição, como candidato a suplente de senador e vivia o que chamava terapia da multidão. Podia mandar brasa no governo, língua solta sem as limitações de seu jornal, cansado de tanto tempo de medo, opressão e censura. E agora, indo a Tianguá, reveria a mais decidida de suas primeiras namoradas, conhecida, em Sobral, quando ela ali passava uns tempos na casa de dona Abigariana, na rua do Oriente, preparando o enxoval, pois ia se casar.

Viram-se pela primeira quando ele fora à casa da tia de Suely pedir uns livros emprestados de sua estante. Suely falara então das cartas semanais que o noivo lhe mandava pelo caminhão-misto de terças e sextas-feiras, do enxoval que estava preparando e da casa em que iam morar. Mas, ao falar, lhe punha uns olhos tão doces, tão líquidos, tão endereçados a ele, que Mainha, ex-seminarista, baixava a vista. Isso estimulava ainda mais a noiva. Quando passavam no estreito corredor, ela o fazia mais estreito para lhe roçar os seios amplos, claros. O corpo inteiro, com o correr do tempo. Mainha, corado, se fazia de desentendido. Um dia eles conversavam a sós na sala de visitas, porque tia Abigarina fora à vizinha por uns instantes, e foi ela quem lhe tomou as mãos, dizendo: "mãos compridas, bonitas, mãos de pianista..." Ele, cada vez mais vermelho, e ela se reclinando em seu ombro e terminando por lhe cobrir o ouvido de beijos gulosos. Meio surdo, surpreso e rubro quase se levanta do velho incômodo sofá de jacarandá, onde ela o retinha. Entregou-se e beijou-a sem jeito, no canto dos lábios. Bem ao contrário de Suely que o beijou firme, língua entrando em seu dentes, no céu da boca, enquanto ele ficava quase afogado, sem dizer nada. Dona Abigarina ia entrando com uns ovos que fora buscar na vizinha, e foi Suely quem perguntou sobre dona Carminha, se estava melhor de suas famosas enxaquecas, enquanto Mainha se recompunha, encabulado, passando o lenço no rosto como se quisesse esconder da dona da casa a marca daqueles beijos.

Durante o resto da noite não pregou sono. Logo cedo passou na casa da dona Abigarina. Foi, com tristeza, que soube haviam saído ambas. Mas, à noite, às seis, elas ainda jantavam quando ele chegou, sentou-se à mesa, desajeitado, sem olhar para a dona da casa.

Mais tarde, ele e Suely foram para a costumeira conversa de sala de visitas, enquanto dona Abigarina se entregava às rezas, lá diante do seu santuário. Ela lhe mostrava algumas compras do enxoval, quando se lembra de umas colchas de cama que estavam guardadas em cima do armário. Para

tirá-las, ficou de pé sobre uma cadeira, pedindo a Mainha que a segurasse. Ele, tímido, tirando a vista de seu corpo. Foi preciso que, ainda ela, jogasse saia por cima dele e indagasse: "O que está achando? O que está esperando?" Mainha, sempre vermelho, abraçou-lhe as pernas, enquanto ela respirava fundo pedindo, num gemido baixo que a dona Abigarina não ouvisse: "Beija benzinho, beija!" E Mainha mergulhava seu rosto entre suas coxas e as beijava sôfrega e medrosamente, pois dona Abigarina podia voltar à sala. Embora, lá dentro, como santa protetora, ela entoasse sua monocórdica "Ave Maria, cheia de graça..." Como se a reza o avisasse de que podia continuar.

Nos dias seguintes tudo se repetia. Quando a dona da casa começava a debulhar o rosário, ela ia até a porta da rua para ver se não passava alguém. Suely, já de pé sobre a cadeira, facilitava que ele buscasse loucamente sentir sua coxas quentes... Também havia sido ela quem perguntara: "Quer que eu vá lá dentro tirar a calcinha?" Ao que lhe respondeu com um beijo ardente, por entre as frinchas da calça, quando ela pedia que a largasse, senão rasgava a peça ali mesmo. Ela foi e voltou sorrindo maliciosamente, o que faz Mainha puxá-la para mergulhar o rosto entre sua pernas, enquanto a língua procurava territórios para ela ainda desconhecidos e assim ficaram até que dona Abigarina acabasse o rosário. Já agora Mainha não temia que passasse alguém na rua, porque, discretamente, Suely colocara a tranca na porta.

Era 26 ou 27 de julho e terminavam as férias. Depois que Mainha lhe beijara as coxas, o monte de vênus, repetira sua pesquisa gulosa, lhe tirara o soutien e ela mesma lhe entregara o seio, dizendo: "deixa eu te dar de mamar, deixa, neném, que eu seguro"; ele ousou pedi-la em casamento, que deixasse o outro, pois ia estudar, faria o concurso do Banco do Brasil e casariam. Ela, abotoando o soutien, batera-lhe com os dedos no nariz brincando: "Juízo, neném mamador", e mudara de assunto, rapidamente.

Ele se aventurara a perguntar: "Tu fazes isso com ele?" "Ave Maria! Tu achas que sou louca? Ele é meu noivo. Só vai

ter direito a isto depois do casamento. Quero é você aqui, agora.", e o abraçara com todo o corpo.

No dia seguinte chegou o noivo que a levou, à noite, ao Cine Rangel. E Mainha, de longe, sentiu uma pontada no coração, ainda maior quando ela, de olhá-lo por baixo das pestanas como se o encorajasse, como se dissesse, ponto final. Mainha foi para o bar Cascatinha e lá bebeu conhaque com limão até que foi levado para casa por dois colegas. Lá, apesar da ampla porta de madeira, tropeçou entre um portal e outro e caiu, e ali, na sala de jantar, vomitou. Só acordou no outro dia, cabeça doendo, ouviu todas as reprimendas do mundo e teve o pai, por quinze dias, sem falar com ele.

Como estaria Suely dezoito anos depois? Decerto gorda, senhora e cheia de filhos. Ainda assim gostaria de repetir, com maior experiência, as noitadas do passado em casa de dona Abigarina. Mal chegou a Tianguá, vindo de Viçosa, comeu o prato habitual do interior - frango desfiado, maionese e farofa - tomou uma cerveja não muito gelada e quis ir para a praça da matriz onde se realizaria o comício. Já havia atendido a seis grupos de moças que lhe trouxeram o livro de ouro para custear a festa da formatura e a excursão a Fortaleza, um grupo de rapazes que queria ajuda para a aquisição de camisas para um clube de futebol que iam formar. Vieram também pedidos de bolsa de estudo, o acerto da despesas do comício, e ele concordou com tudo, gastando ali mais do que devia e podia. O que queria mesmo era livrar-se daquela moçada e procurar Suely. E foi, a pé pelas ruas, reencontrando velhos companheiros e parando para abraçar amigos de seu pai, até que chegou à praça. Aí subiu à carroceria do caminhão iluminado, palanque improvisado e onde estava o resto do grupo, sob palmas, porque o locutor elogiava o filho da região que deixara seus afazeres em Brasília para levar Pádua ao senado e lutar pela redemocratização do País.

Onde estaria Suely, pensava ele enquanto apoiado pelo áspero braço do sargento da reserva, Conrado, policial preterido que acompanhava as caravanas do MDB. Antes que come-

çasse a concentração, foi fácil. Lá vinha Suely com seu corpo esbelto vestindo um collant que lhe revelava um busto e uma calça de veludo (devia fazer calor, pensou ele) e, bem perto dele, disse: "Preciso te ver". Ele: "Eu também". E a velha timidez voltava: "Seu marido não está aqui, não?", perguntou. Ela fez um sinal de pouco caso e disse rapidamente: "Viajou. Mas a que horas?..." Ele respondeu que logo após ter discursado. Ela se afastou e ficou a distância do caminhão, no local mais iluminado, para ser vista na sua vaidade de mulher que o tempo preservara.

O senador alto, meio curvado, precocemente grisalho, algo fanhoso, com seu boné no alto da cabeça, falava do arbítrio e contra a tirania. Lógico que era contra, embora não desse muito para notar, e agradecia os votos que obtivera em Tianguá na "Última jornada cívica de que participamos num mutirão de patriotismo". Depois veio o deputado federal lembrando os serviços prestados a terra e garantindo que o MDB precisava ser poder para que ele prestasse ainda mais "assinalados serviços à terra que fiz minha, por opção, porque aqui não tive a ventura de nascer".

Mainha, atento a Suely, ouviu que gritavam: "Viva o senador Carlos Maia", e o povo subscreveu o viva, o que o fez orgulhoso, por causa de Suely, enquanto a seu lado um bêbado desdentado, suarento, lhe indagava: "Você é o jornalista Carlos Maia?" Ante a confirmação lhe pedia cem cruzados para comprar cachaça. Ele tentou tirar a nota do bolso, mas logo dezenas de bêbados e de crianças que estavam no caminhão, ou em torno dele, também lhe pediram dinheiro. Ele disse que dava depois, e o bêbado, então, gritava: "Viva o jornalista Carlos Maia!", e prejudicava o discurso do conhecido candidato a deputado estadual, dono e patrocinador de todas as despesas. Alto, moreno, cabelos rigorosamente bem cortados, ele se limitava a pedir o "apoio de sua gente para trabalhar por sua gente, porque é gente de quem a gente gosta". Um estudante da capital falou a seguir dos militares torturadores que teriam de ouvir, até o final dos séculos, o grito do horror de suas vi-

timas, o que faz o senador comentar: "Mainha, não dá. Na reformulação partidária, vamos ter de voltar ao velho PSD. Ou você vai nessa?", ele riu, decerto não ia e sentiu desnecessária a advertência do senador sorridente e ponderado. Era a sua vez de falar. Ele se referiu à volta a Tianguá, a seus professores, enquanto comparava Suely do passado, cheinha de corpo, grande seios, com a que ora via, esguia, bem tratada, o ar provocante de mulher a que os anos não haviam afetado. Precisava impressioná-la, principalmente porque o candidato a deputado federal, ao lhe faltar a inspiração, dissera à certa altura: "Os arenistas são filhos de uma pu ... trida moral!" Então Carlos Eduardo preferiu desafiar o Geisel, plagiou o Brossard "carranca não é autoridade" e, para concluir, disse:

Entre abraços e vivas continuados do bêbado que dele se engraçara, consultou o candidato a senador: "Posso descer?" Ele, matreiro, concordou: "Pode, mas leva o antibiótico. E volta quando eu estiver na história da onça."

"Mas Pádua, guarda essa onça para o sertão."

"Mainha, se eu não puder contar a história dessa onça e cantar no encerramento do comício em Maranguape, renuncio."

Ele sempre contava que certa vez um caçador desprevenido de armas encontrou uma onça no meio de seu caminho. Apavorado gritou: "Valei-me, São Francisco de Assis!..." Como não viesse o socorro dos céus, olhou para cima e disse: "ô santinho, fio duma égua, se você é meu amigo, faça com que eu mate essa onça na pedrada, se é amigo da onça, que ela me coma de vez para eu não sofrer, e se não é meu amigo e nem amigo da onça, senta aí nessa pedrinha que vai ver o que é cabra macho." E concluía: "Eu sou caçador, e a Arena é a onça que está comendo o povo. Mas, com a ajuda de vocês, vou matar essa onça e a fome do povo!"

Mainha riu porque Pádua sempre lhe dizia que terminaria derrotado pelos currais eleitorais do interior, viciado em conhaque (ele tomava uma dose, às vezes, de madrugada para despertar o sono) e apelidado Chico da Onça. Porque era uma

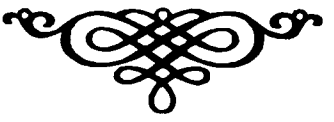
história que nunca deixaria de contar em nenhum comício, fosse no meio do mato, fosse um clube grã-fino da capital.

Mainha desceu discretamente do caminhão, tentando desviar-se de uma mochileira estrábica que o chamava de senador - dizia-se velha conhecida e queria dinheiro, ali e agora, para amanhã tirar os documentos por ter arranjado emprego na fábrica; e de uma outra que queria levar o filho à capital para uma consulta médica. Maia procurava Suely, que já se retirara expeditamente para o fundo da praça, bem pertinho do grupo escolar. Ela ia para seu automóvel, sem muita discrição porque queria desfilar um pouco com o orador, enquanto em cadeiras na calçada, senhoras gordas comentavam sua vida e o comício.

Suely já abrira a porta do carro, o motor ligado e partia, e Mainha nem precisava saber para onde iam, embora a advertisse de que o sinal para a partida era a história da onça; quando Pádua começasse a contá-la ele teria de sair para começar outro comício e entreter o povo do município vizinho, até que toda a caravana chegasse. E lá se iam, ela lhe perguntava por sua vida e as novidades como se houvessem visto ontem; e ele, sem muito responder, beijava-lhe o pescoço. Mete-lhe a mão por entre as pernas procurando abrir-lhe a calça de veludo, e ela pedindo-lhe calma. Logo estavam detrás do ginásio, perto da estação rodoviária, lugar onde não passava carro, e já Suely lhe abria a camisa, beijava-lhe o peito e desabotoava-lhe a calça, e ele a advertia: "Cuidado, meu amor". Mas ela, sôfrega, mergulhava a cabeça entre suas pernas e lhe dava bem pago o troco do passado. Pouco tempo houve para conversas. Depois falou vagamente do marido, de sua butique, do sonho de conhecer Brasília, que queria então reencontrá-lo e se despedira num beijo demorado porque, na praça, Pádua já começava:

"Um caçador, certa vez, estava no meio do mato, desprevenido, não tinha nem um quicé. De repente apareceu uma onça do tamanho de um bezerro à sua frente..."

A Cadeia e o Cemitério



O doutor Jordão queria porque queria eleger o Presidente da Câmara contra o novo Prefeito, Manduca - Manuel Felismino Chaves. Eram nove os vereadores. Cinco pareciam apalavrados pelo prefeito para votar em Raimundo Aristides dos Santos, velho comerciante encanecido, gordote, sem maior importância, que vendia querosene, panelas, latas, bules, num desordenado armazém da Praça do Mercado. Era desses que nem fedem nem cheiram. De que o padre Genuíno, outra santa figura, dizia não ofendem nem a comida que come. Fora indicado, por isso mesmo, para que a nova Oposição o assimilasse mais facilmente.

Tudo parecia certo para uma disputa tranqüila. Acontece que, na véspera, o boato começava a circular no "Hotel Rendez vous des Amis", na roda que se reunia à frente da Casa Estrela, na Gruta. O doutor Jordão comprara um vereador democrata, o Carneirinho, oferecendo-lhe dinheiro para completar a montagem do seu estúdio fotográfico e lançara, ainda por cima, a candidatura de seu tio afim, o velho Wenceslau Frota, o mais antigo membro da Casa que fazia política, desde o Império à Presidência.

"Etelvino, Etelvino, a coisa mudou. Vim avisar ao Manduca", dizia atemorizado, no quintal da casa do jornalista, o José Maria Vasconcelos, funcionário da Mesa das Rendas Estaduais.

"Você acredita mesmo na virada do Carneirinho? Aliás, aquilo sempre me pareceu pau de dois bicos". O jornalista, de

camisolão, sentado num tamborete, tirava leite da Baronesa, uma vaca preta de grandes chifres, o bezerro preto e branco amarrado a suas pernas. Por perto, um galo perseguia galinhas, ruidosamente.

"Vá, você que está desocupado, preveni-lo, depois eu vou. Essa Baronesa é danada pra esconder leite na mão doutra pessoa. Só não esconde pra mim."

"Não podemos deixar a eleição se realizar hoje!"

"E o que faremos?"

"O que faremos? Os nossos não comparecem."

"O lado deles agora, Etelvino, tem cinco. São maioria. Elegem o velho Wenceslau e nós ficamos chupando o dedo."

Etelvino suspende a ordenha da vaca. Levanta o rosto para o interlocutor e diz:

"Já sei. O Manduca não abre a Prefeitura."

"Como?"

"Viaja para a fazenda, foge, some. A Câmara não se reúne no segundo andar? Com a porta fechada, só há sessão se os vereadores chegarem lá voando. Não é uma boa idéia?"

"Que é, é!..."

Na porta da Câmara, os cincos vereadores da Oposição estão reunidos, todos enfarpelados para a solenidade. Alguns populares, que vinham da missa na Catedral, ou cabos eleitorais se aglomeram ali perto, debaixo do tamarindeiro.

"Puxa, estou doido que termine a sessão que tenho de terminar uma porteira lá no curral da fazenda."

"Domingo? Não podias deixar para depois?"

"Não posso. Amanhã é dia de consertar a cerca lá na divisa com o Guilherminho, que está reclamando que as minhas vacas estão passando para a fazenda dele."

De repente, chega um vereador:

"Não podemos fazer a eleição."

"Não, por quê?"

"Quem vai impedir?"

"Não tem chave."

"Cadê a chave?"

"Está com o prefeito."

"E ele?"

"O Manduca foi pra fazenda de madrugada. Só volta amanhã."

Romão Patriolino aparteia:

"O Manduca quer fazer a gente de besta, é? Dou já um jeitinho nisso."

"Calma, Romão, nada de besteiras", disse Wenceslau, de fraque, cartola, apoiado na bengala.

Romão sai apressado. O velho começa a falar pausadamente a seus colegas:

"Não estou mais em idade de brigas. Quando moço, me meti em muita confusão, agora quero é calma. Não pretendo ser Presidente numa situação dessas. Pediram-me que aceitasse para ver se havia união. Não houve, o Prefeito não quer fazer nem eleição. Desisto. Vou pra casa. Então, quando o Romão interfere, há sempre confusão."

"Não, ele parece calmo hoje."

"Não, solução na ponta de faca, não quero". E tirando a cartola, se despediu dos presentes, com gesto largo:

"A vocês que ficam, o meu bom dia", e vai se afastando devagar rumo a casa, à rua Padre Fialho.

Romão chega do outro lado, vindo da Praça do Mercado, um empregado trazendo comprida escada. Com ar vitorioso, ele a coloca na direção de uma das janelas. Por ela, sobe até a varanda. Lá tenta abrir a porta. Não consegue. Desce a escada, vai pra outra varanda. Nada. Na terceira tentativa, consegue abrir a porta, porque as vidraças estavam quebradas, pelo lado de dentro. E aí abre todas as portas do primeiro andar que se escancaram deixando entrar o sol radioso da manhã de domingo. Ele vem à sacada de uma das janelas e dá um grito de vitória:

"Eu não disse? Vencemos. Viva o Comendador Accioly!"

E se volta para os vereadores que ainda se encontram lá embaixo:

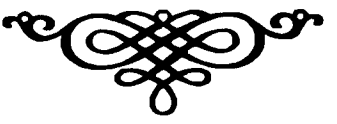
"Vambora cambada. Que é que estão esperando?", e de repente, ao se dar conta de que Wenceslau já se retirara:

"Cadê o velho? Fugiu?"

"Acabou o quorum, Romão. Por hoje, não dá mais. O seu Wenceslau desistiu."

Romão, com as mãos espalmadas sobre a varanda, não esconde a decepção. Deixa as janelas abertas e desce pela escada para ficar junto aos colegas de vereança, que conversam sobre os acontecimentos.

As Noites de Amor do Doutor Célio



O farol à mão, alumiando o caminho, o médico Célio Marques Costa sobe as escadas rumo ao quarto de dormir, no andar superior do velho sobrado. Efigênia, sua mulher, vai à frente, devagar, rebolando, sensual e provocadoramente. Sabe que ele segue com o olhar a desejada bunda e vai acariciá-la, como de hábito. Por isso, anda devagar. Pára. O marido passa as mãos naquelas nádegas esplêndidas. Dona Efigênia o abraça, já arfando, perguntando:

"Quer aqui mesmo?", ele a beija na boca, afagando-lhe um dos seios.

"Juízo, mulher!".

"Pra que juízo?"

"Tu não sossegas. Continuas igual ao tempo da faculdade..."

"Queria o quê? Uma freira?"

"Uma freira, não. Mas não precisa ser sempre uma fornalha. Basta tocar em ti e já estás pegando fogo."

"Você é que me acende, sempre soube fazer coisas gostosas".

Ele ri, orgulhoso. "Será esta vantagem de ter casado com um médico?", indaga Efigênia.

"Tem muito médico por aí que não presta atenção ao serviço".

"Você presta, e como presta."

"Também com você, não poderia ser diferente."

"Vamos deitar."

"Vamos logo", diz ela, maliciosamente.

Quando chega ao quarto, Dr. Célio coloca a lâmpada sobre uma mesa redonda onde estão livros, revistas e jornais. A mulher veste a camisola devagar, dando-lhe as costas para que ele a aprecie enquanto está nua.

O médico pede:

"Benzinho...".

"Hoje, de novo?"

Ele concorda:

"Sim, claro, mas tem um porém".

Efigênia mostra surpresa:

"Um porém? Como?"

"Tenho um pedido a lhe fazer."

Curiosa, quase eufórica, sensual, ela vibra:

"O que é que você quer hoje? Alguma novidade?"

Não, não é isso, não. Até seria bom. É outra coisa."

"Pois fala, homem."

"A gente não fazer barulho."

"A gente, não. Eu."

"É..."

"O que houve, não lhe agrada mais?"

"Gostar, bem que eu gosto."

"E então?"

"É por causa das freiras daí de frente."

"Sim, e daí?"

"Elas foram reclamar ao Bispo dos teus gemidos."

"Gemo, choro, urro, faço o que quiser. Afinal, é com meu marido, na minha cama, na minha casa."

"Elas até queriam que Dom Manuel pedisse a casa."

"Aquelas velhas rabujentas".

"Não são tão velhas, não. Alfonsina está certo. Mas a vice-diretora, Zeferina Machado Freire, não tem nem trinta anos. É a vida que levam."

"Por isso, têm inveja de nós, de mim."

"Você promete não gemer alto?"

"Juro", diz ela sem muita convicção e sem acreditar na sinceridade do pedido.

Ela se deita na cama, encostada nos travesseiros, cortando as unhas. Ele senta próximo a ela, para aproveitar a luz da lâmpada, folheia um jornal.

Logo ela deixa o corte das unhas e começa a acariciar as costas do marido, por baixo da blusa do pijama. Esfrega as mãos, devagar, com carinho, demorando mais quando o vê contorcer-se de prazer. Logo lhe afaga os cabelos do tórax, o peito enquanto lhe beija o pescoço, depois a orelha.

Ele se excita. Ela lhe toma o jornal, delicadamente, pedindo-lhe:

"Vem"

Célio se volta para ela num abraço em que a beija, com vontade.

Logo ela o ajuda a tirar a blusa do pijama e começa beijar-lhe a boca, o queixo, o que a faz rir de cócegas, o pescoço. Agora, beija-o na horizontal, nas costas, dum lado para o outro, vai até o cotovelo, a mão, os dedos. Põe-lhe o polegar na boca e o chupa. E de novo, volta a seu peito, primeiro mordendo, carinhosamente o mamilo, até que começa a lambê-lo, a chupá-lo.

O sexo, em riste, inflado, ele se deixa cair sobre ela:

"Benzinho, vamos ser comportados."

"Prometo, você vai ver. Só um instante", e dona Efigênia se levanta, indo até o guarda-roupa. Demora um pouco e quando se volta, tem a boca tampada por um lenço, com um nó no pescoço. Doutor Célio não pode deixar de rir da brincadeira:

"Ficou ótimo. Parece cena de filme".

Ela faz um ruído na boca, como se quisesse dizer "sim". E o abraça. Ele começa a beijar-lhe os seios, o umbigo e desce rumo à xoxota. Afasta a moita de pentelhos e mete-lhe o dedo na buceta. Depois, afasta-lhe os lábios e os beija, os acaricia com a língua, sobe até o grelo. E começa a sentir falta dos gemidos e do choro da mulher:

"Meu bem, não ouvi você gemer."

"Hum, hum, hum", diz ela numa negativa com a cabeça, ainda com o lenço na boca.

Ele lhe lambe o grelinho, durante muito tempo. A barriga de dona Efigênia se altéia, excitada. Ela respira fundo e geme baixinho. Célio, de repente, se ergue e lhe arranca o lenço:

"As freiras que se danem. Quero ouvir você chorar, gemer, urrar."

"Olhe a madre Alfonsina. Você não está com medo dela?"

"A irmã Alfonsina e as outras freiras que o Diabo as carregue."

Doutor Célio começa, então, o jogo do faz-que-dá-mas-não-dá de todas s noites. Entra um pouco em dona Efigênia. Esta, ao registrar o ingresso, chora baixinho.

Depois pede:

"Quero mais, muito mais".

Célio nega:

"Calma, por enquanto basta a cabecinha".

E começa a toada:

"Meu amor, deixa de ser ruim, mete todinha, mais, mais..."

Ela já está falando e gemendo alto, quando a porta da vizinha dona Célia se fecha, com estrondo, quebrando o reboco da parede:

"Isto é coisa de rapariga, arte de mulher à toa...", esbraveja dona Flora.

Efigênia fica mais excitada e continua a gemer e a pedir.

No sobrado em frente, no dormitório das freiras, irmã Afonsina convoca as outras freiras a oração. Elas levantam a voz para abafar os gritos da prazer de dona Efigênia:

"Creio em Deus Padre Todo Poderoso, criador do céu e da Terra..."

"Ai, meu amor, quero mais, quero todinha. Não me sovina. Me dá logo, meu amor."

Ele sempre em voz baixa, diz:

"Pede, chora, geme."

No quarto ao lado do dormitório das freiras, as alunas estão de pé, distribuídas entre as três janelas. Excitadas, ouvindo os gritos de dona Efigênia que parece estar sendo esfaqueada. Elas esticam o pescoço, tentando ver algo. Não há

ângulo. Têm de preencher o que falta com a imaginação. Quitéria Maria Rodrigues, filha de rico fazendeiro das bandas de Crateús, fica na última janela do quarto, de modo a não ser vista, se uma das irmãs entrar de repente. Tem as mãos na cintura de Genoveva, sua amiga de infância a quem procura consolar da morte do noivo, no Amazonas. Quando começa a ouvir os gemidos de dona Efigênia, passa a mão, carinhosamente, no rosto da amiga e vai acariciando-lhe a orelha, o pescoço. Ela não reage. A cada berro da mulher do médico, Quitéria vai avançando as mãos para dentro da camisola da amiga, buscando seus seios. Genoveva finge pequena resistência. Quitéria beija-lhe a orelha e pede:

"Ai meu amor, me beija, me beija." Genoveva não se afasta, também não atende ao pedido. Apenas abraça a amiga, respirando fundo sem fazer maior esforço para fugir de seus agrados. Quitéria acolhe todo o globo de seus peitos nas mãos depois acaricia seus mamilos. E os beija.

Dona Efigênia continua a gemer:

"Mete tudo, todinha, meu amor, quero ela."

Evilásio Fonseca Jaime, um dos filhos do dono do cartório, que vem sempre ouvir as noites de amor do casal, se excita. Sente o sexo crescer na calça. Tira-o e começa a se masturbar.

Quitéria desce a mão até o interior da calcinha de Genoveva e a acaricia. Evilásio começa a gozar. Dr. Célio, afinal, atende ao pedido da mulher.

"Ai, meu amor, você me matou. Ai, ai, ai, vou morrer, vou morrer."

Ela dá um grito como se tivesse sido esfaqueada. Quitéria tenta beijar Genoveva na boca e começa a gozar. Evilásio procura seguir no escuro o esperma para ver até onde seu jato chega.

Efigênia ainda não parou de choramingar. É um chorinho dengoso, quase infantil, cheio de prazer porque ela ainda guarda, dentro da xoxota, o pau rijo do gostoso agressor, Dr. Célio.

Toda a cidade comenta as ruidosas noites de amor do doutor Célio Marques da Costa e da mulher, a robusta dona Efigênia, carioca que com ele casou, ainda aluno da faculdade

de Medicina. Ela passa a noite gemendo, gritando, pedindo mais, até que, ante a estocada do sexo do marido, grita como se houvesse sido apunhalada. E continua a chorar e a gemer pela madrugada até que chega o sono.

Dia seguinte, o Doutor Célio e dona Efigênia passam pela Praça do Mercado, quatro horas da tarde. Vão fazer uma visita. Diante da porta de *O Lábaro*, ele tira o chapéu para cumprimentar o advogado Aristeu Honório Parente, Júlio Aragão, Josenildo Rodrigues, Evilásio Jaime. Quando se distanciam, Aristeu observa:

"Chega ela está escambixada. Ontem de noite teve, seu Evilásio?"

"Se teve, doutor. Foi uma animação danada. A mulher começa a gemer e a soltar uns gritos de quem quer mais e ele nega..."

"Coisa de rapariga", sentencia Aristeu.

"Deve ter aprendido no mangue. Mulher debaixo de mim não geme. Mulher séria não faz estas coisas", acrescenta Júlio Aragão.

"Nem mesmo no Beco do Vapor?", indaga Josenildo Rodrigues.

"Essas podem berrar, gritar, gozar, até gosto. Só puta pode fazer isso", diz Aristeu.

Miguel Costa, escorado em sua bicicleta, doido pra fazer favor, comprar remédio pra um, dar recado pra outro, ir chamar o padre para dar extrema-unção a outro, que não trabalha e ninguém sabia de que vivia, concorda:

"Debaixo de mim, mulher minha não grita nem geme, senão vai ter de explicar com quem aprendeu isto."

Evilásio está doido pra contar:

"Passaram a noite que nem gatos, ela gemendo, chorando, pedindo mais e ele negando. Dona Flora fechou a porta com tanta força que qualquer dia, vai ter de mudar as dobradiças. Quando ela gozou, parecia querer comunicar o acontecimento a toda cidade. As meninas do Colégio Santana ficam num pé e noutro, até que irmã Afonsina fecha a porta. As

freiras rezam alto para abafar os gritos da mulher do médico. Aí é que faz mais barulho. Quando termina, o doutor Célio acende o cigarro e vem pra janela, receber a brisa do Aracati-assu."

Noutra tarde, Evilásio Jaime chama o doutor Aristeu Honório a um canto e lhe segreda algo no ouvido. O advogado faz um olhar maroto, pigarreia e volta à roda para tomar rapé. Júlio Aragão fica aborrecido. Não disfarça a curiosidade:

"O que foi, Toim?"

O advogado pigarreia, abaixa a vista e ri:

"Nada."

"Então, Aristeu, que nada é esse que leva vocês a tantos mistérios?"

"Olha, Júlio, é assunto particular."

"Desse jeito, não venho mais aqui. Se a gente não merece a confiança dos amigos, de quem vai merecer?", diz Júlio Aragão, trombudo, as mãos no bolso, como quem quer se retirar.

O juiz aposentado olha para Evilásio Jaime que, de certa maneira, lhe autoriza a revelar o segredo.

Aristeu funga mais uma vez, como é seu hábito e diz:

"As freiras estão querendo mudar o lugar do dormitório do Colégio Santana."

"E daí?," pergunta o Aragão. Não tenho filha interna lá. Que é que tenho com isso?"

"Aí é que é..."

"Desembucha logo, Aristeu".

"É por causa do doutor Célio e dona Efigênia".

"Hum, já sei..." observa Josenildo.

Aristeu explica:

"É por causa da barulheira que eles fazem na cama. É uma gemedeira, uns suspiros, uns gritos de entusiasmo de dona Efigênia que as meninas e as irmãs nem conseguem dormir, de tão excitadas..."

"E ele não te viu?"

"Como, doutor Aristeu, naquele escuro? Aquilo é um breu. Só apareceu uma lamparina acesa no dormitório das meninas do Imaculada."

"Como elas estavam?"

"Deviam estar se roçando: todas elas na janela, escutando a gritaria de dona Efigênia, até que chegou a Irmã Afonsina e fechou as janelas, com força".

Ataliba aparteia:

"Ela jura que despeja o médico do sobrado, que é da Diocese."

"Por que não muda o dormitório? Não são nem 12 alunas."

Crisantino completa:

"É pouca gente. Isto vai estourar nas mãos de Dom Manuel. Vai ser aquele escândalo."

"Du-vi-de -o -dó", diz Ataliba. E esclarece: "Afinal, não é nem beradeiro, nenhum pé-rapado. É um doutor formado em Medicina que já atendeu, inclusive, ao Bispo."

O grande debate, que se trava em Sobral, n' "A Gruta" ou nas rodas de conversas do *O Lábaro*, A Bandeira Branca e do "Hotel Rendez vous des amis" é este: Dom Manuel terá coragem de despejar o doutor Célio? Madre Alfonsina mudará o dormitório de suas pupilas? Dr. Célio e dona Efigênia atenderão aos apelos, contidos em cartas anônimas, para moderar seus arroubos verbais e físicos na cama ou os miados da mulher do médico são importantes para o prazer do marido?

O Passador de Dinheiro Falso

Durante o ano, só se falou na súbita prosperidade de Teobaldo Bezerra. Na porta do café Camerino, nessa tarde este ainda era assunto do ano novo:

- "Gastou seiscentos mil réis no vestido da Mariinha para o Reveillon".

- "Aquela tabaroa de Santana que só diz poblema, tranquilo, nós vai, nós é"?

- "Nós vai, nóis é, mas está mandando buscar um automóvel em Fortaleza na A. Santos & Cia por mais de oito anos contos de réis", diz Júlio Aranha.

- "Tão caro? De que marca é"?, indaga, curioso, o doutor Aristeu Honório Parente, antes de tomar seu rapé.

- "A marca, não sei", responde Aragão. – "Mas por esse preço, termina sendo melhor que o Overland do Bispo, o Ford do Doutor Jordão".

Melquíades, escorado no guidom da bicicleta, fumando seu cigarrinho de palha, o chapéu desabado na cabeça, à espera de que o chamassem para dar um recado, fazer um mandado, entra na conversa:

- "Dona Mariinha comprou o cinematógrafo Pathé. Não gosta de sair de casa para ver cinema. Nem tolera o cheiro de querosene do motor de luz do S. João".

- "Vai ver, não quer se misturar..."

- "Tanto dinheiro pode ter sido alguma herança. Quem sabe um tio rico do Amazonas"?

- "Será"?, indaga o doutor Aristeu.

- "Pode ter herdado algum seringal no Amazonas".

- "Você conhecia algum parente dele, rico, lá, Júlio"?

- "Conhecer não conhecia, não. Mas pode muito bem ter", responde Júlio Aragão. – "Ou então, uma botija".

Melquíades insiste:

- "Chegou aqui do Crateús, há menos de vinte anos, puxando a cachorrinha. Não tinha onde cair morto".

- "Tem valor", replicou o doutor Aristeu. "Começou como ajudante de açougueiro. Depois arrendou um talho no mercado para vender carne e se fez".

- "Quem tá no rasto dele é o Etelvino", diz Rufino.

- "Aquela pústula"?, Aristeu quer confirmação.

- "Pois é", confirma meio sem jeito, Rufino. "Todo dia dá uma piadinha sobre a Casa da Moeda que estaria funcionando no bairro Fortaleza".

- "Mas o Teobaldo não mora na praça Senador Figueira"?

- *O Combate* está falando de que apareceram umas pelegas de cem e quinhentos mil réis falsas lá prás bandas de Oeiras, de Floriano, tudo de compra de gado. E o Teobaldo tem viajado muito para o Piauí atrás de boi. Chegou a vender quinhentas cabeças para o doutor Jordão.

O doutor Aristeu Honório Parente aproveita a deixa para atacar seu inimigo:

- "Se é coisa daquela boca latrinária, deve ser mentira. Sou mais o Teobaldo. Aquele só abre a boca para injuriar e caluniar os homens que trabalham duro e vencem aqui na terra. O que ele quer mesmo é enegrecer o nome de Sobral, para que fique da cor com que o Diabo pintou..."

Ante a chegada da tropa policial à cidade para prendê-lo, Teobaldo Bezerra joga pacotes e mais pacotes de dinheiro falso para o quintal de seu vizinho e compadre, Napoleão Gaspar, na esperança de reavê-los mais tarde. Gaspar, mais que depressa, leva a mercadoria nos caçoás de dois jumentos carregados de farinha. E para despistar, faz um furo nos sacos

de farinha que vão deixando um rastro branco nas ruas poeirentas até sua fazenda no Jaibara.

Dez anos depois, Teobaldo Bezerra está morrendo. Um médico novinho, de Massapê, termina o exame do doente e o deixa no quarto, sob os cuidados da mulher e da filha. É o doutor Cristiano Dias, magro, alto, muito elegante. Na acanhada sala de visitas, ele veste o guarda-pó claro, com a ajuda de Espiridião Neves, genro do dono da casa, e comenta:

- "O coração dele já não agüenta mais. Ele me contou: foi muita pressão, muita humilhação. Está fraquinho, muito fraquinho..."

O genro, inquieto, indaga:

- "Bota até a meia-noite"?

- "Acho que bota. Pode até durar mais. O caso, porém, lamento dizer, é perdido".

- "Foi bom o senhor ser claro, porque tem uns assuntos a resolver antes que ele morra".

O médico faz um gesto de quem não tem nada com isso, põe o chapéu, pega a valise e sai.

Espiridião volta ao quarto escuro, alumiado apenas por uma telha de vidro, e encontra a mulher saindo, com os olhos cheios d'água.

- "É a vontade de Deus. Não bota até meia-noite".

Abraçada ao marido, Mariinha começa a chorar baixinho. O implacável do marido lhe diz:

- "Tenho de conversar uns assuntos com ele".

- "Ô meu bem, não faça isso com papai. O coração dele não agüenta".

- "E o dinheiro?"

- "Que dinheiro? Se ele tivesse dinheiro, você acha que estaria passando as privações que está? Se fosse você..."

- "Ele pode ter escondido em algum lugar que pode terminar sendo uma botija quando as cédulas nem mais valerem nada".

- "É por nossos filhos".

- "Estão melhores que nós quando éramos pequenos".

- "Não, minha filha, nessas questões não se brinca. Vamos apertar o velho".

- "Espiridião, tem coração. Deixa eu conversar com mamãe. Ela pode preparar o espírito dele para não magoá-lo".

- "Pois volte. Tem de ser rápido, antes que ele morra".

Alguns minutos depois, Mariinha chama o marido ao quarto para se despedir de Teobaldo que, enrolado nos lençóis, na cama escura de madeira trabalhada, tem a voz muito fraca. Fala quase num gemido:

- "Já me confessei a Deus a quem entreguei minha alma, Espiridião. Não há dinheiro".

- "Mas houve, seu Teobaldo".

- "Calma, meu filho, diz Mariinha. Deixe o papai explicar tudo devagar. Não agonie o pobrezinho".

A voz muito débil, Teobaldo começa a explicar:

- "Foi uma tarde desesperada. Nós, marretas, estávamos sob pressão dos rabelistas. A graça de Deus foi que soube da chegada da polícia dos democratas, minutos antes de minha prisão. Estava sozinho em casa, desesperado. A Francisquinha estava com a Mariinha em Santana. Eles vinham me prender. Fiquei morrendo de medo da cadeia. De ficar longe da mulher e da filha. Sabe o que fiz com os pacotes de dinheiro? Tirei-os do forro do quarto..."

"E então"?, indaga o genro impaciente.

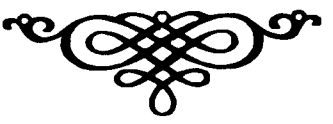
"Como já havia combinado com o compadre Napoleão Gaspar, joguei-os dentro do quintal da casa dele, que era então meu vizinho. Eram quase quinhentos contos de réis, o prêmio de Loteria de Natal. Na hora, aquilo foi minha salvação. A Polícia revirou tudo, o assoalho da casa, o forro do telhado, o porão, tudo. Não encontrou uma cédula nem pra remédio. Em compensação, perdi tudo. Quando voltei de Fortaleza, três meses depois, fui procurar o compadre. Tentar um acordo. Receber de volta ao menos a metade. Ele nem quis conversa. Ficou mal comigo e espalhou que era porque eu desonrara sua amizade. Passou a falar de mim por toda a parte, no Clube dos Democratas, no Beco do Cotovelo, na Gruta, no Itatyaia. Chegou a pedir minha expulsão do Clube dos Democratas, ficou com todo o dinheiro e, como se tornou democrata rubro, não

teve maiores preocupações. Foi colocando o dinheiro em praças diferentes. Numa viagem ia a São Luiz. Na outra, a Belém. Depois, a Manaus. A Salvador. Ao Rio. Comprava jóias. Ficou tão rico, riquíssimo que se mudou para o Rio de Janeiro."

- "Donde vinha o dinheiro"?, indagou Neves, sem disfarçar sua desolação.

- "Foi um espanhol que esteve aqui que me perdeu. Ele acertou a remessa do dinheiro no fundo falso de barris de vinho português. Como a polícia portuguesa começou a desconfiar, passaram a mandar o dinheiro em bolsas de borracha dentro dos barris. Não adiantou muito porque logo a seguir descobriram a gráfica que imprimia o dinheiro em Vila Nova de Gaia. E lá aparecia o meu nome como um dos destinatários da mercadorias. Não deu outra coisa. Junto com isso veio a perseguição dos rabelistas, despeitados porque sempre fui eleitor de cabresto do doutor Jordão, desde que chegou a Sobral em 1905. Ele foi muito bom prá mim quando quis arrendar um talho de carne no mercado. Me dê um pouco d'água. Encoste esse travesseiro aqui nas minhas costas para ver se consigo respirar melhor..."

A Botija



Balançando-se em sua cadeira, o Bispo D. Manuel contava numa pequena roda, o sonho da véspera:

- "Sonhei que, debaixo do Altar - Mor da Igreja do Menino Deus, estava um baú de flandres, verde, todo enferrujado, cheio de dobrões de ouro..."

Abrindo o seu currimboque de chifre, alastrado em larga poltrona de cetim vermelho desbotado, o gordo padre Cândido comentava:

- "Pode ser uma botija, Excelência. É uma botija, decerto. Vai ver, ela vai ajudar a conclusão da reforma da Igreja..."

O bispo ria satisfeito, mas evitou maior explosão de entusiasmo.

- "O que o senhor acha, padre Bené"?

O padre Benedito Nunes, careca, cego, baixinho, que refletia, alheado, distante, apoiado numa rústica bengala de madeira, não ouviu. Estava longe, no mundo da lua. E tinha o hábito de jamais responder à primeira pergunta que lhe fizessem nem mesmo sobre assuntos mais banais, como o clima, se fazia muito calor ou se já soprava a brisa do Aracati. Foi preciso que o Bispo o chamasse à realidade.

- "Padre Bené, sonhei que debaixo do Alta-Mor da Igreja do Menino Deus existe um velho baú de flandres, todo enferrujado, com cadeado e tudo, cheinho de dobrões de ouro. Como historiador, o senhor acha isso possível"?

Padre Bené pigarreava, batia com a bengala no assoalho, como se procurasse força no chão, suspirava e respondia:

- "V. Exa. Reverendíssima é melhor historiador que eu. E se me pergunta é apenas para cortejar o padre velho, cego a quem Deus, Nosso Senhor, está prestes a chamar a seu regaço..."

Padre Cândido não disfarçava o ar de enfado e tirava o grande lenço branco do bolso inferior da batina para espirrar, depois de aspirar sua pitada de rapé.

O Bispo pigarreava, num leve protesto:

- "Ora, por quem sois, padre Bené".

E o velho padre cego, de novo batendo no chão com o cajado, para reforçar seus argumentos, continuava:

- "Que pode haver botijas, V. Exa. Reverendíssima sabe que pode. Há quem atribua a fortuna do irmão do doutor Coutinho a uma delas, embora as más línguas façam outras interpretações que nossa caridade cristã não nos permite repetir. Mas que se enterrava dinheiro, jóias, objetos preciosos no chão, no interior das casas, das igrejas, não há dúvida. Era uma defesa contra os índios, os ladrões. Os mais timoratos tinham medo do invasor holandês, que os batavos pagãos chegassem até aqui."

O Bispo tamborilava os dedos no braço da cadeira, ouvindo atento. De quando em vez, empurrava, para cima, os óculos de ouro cuja armação frouxa despencava sobre o nariz.

O Padre Cândido, espirrando no enorme lenço que tirara do bolso, comentava sem maior interesse:

- "Pode ser a Providência Divina que esteja mandando seu adjutório".

O Bispo, cheio de dúvidas, queria ouvir de boca alheia a confirmação de seu propósito:

- "O que faremos"?

Os dois padres ficaram calados. A salvação foi Espiridião, alto, magro, de palidez cadavérica, cujo bigode negro parecia uma fita sobre sua boca, que como secretário do Bispo, sabia ir ao encontro de seus desejos:

- "Vamos escavacar todo o chão da Igreja e descobrir a botija".

O Bispo olhava ora para o padre Cândido, ora para o padre Bené, em busca de solidariedade.

- "É, D. Manuel, não custa nada tentar, dizia o padre Cândido, sem muito interesse".

- "Nunca se sabe como se manifestará a Providência Divina", comentava o padre Bené.

- "Então os senhores acham que essa pode ser a vontade do Senhor? Então vamos trabalhar; Espiridião, chame o mestre Nobre e seus auxiliares. Arranje aquela lâmpada, a "Rainha da Tempestade", e, à noite, vamos lá. Agora, peço-lhes a maior reserva. Não falem para ninguém. Isso pode dar muita exploração, principalmente se cair na boca do Etelvino, aquele ateu, aquele maçom de *O Combate*".

- "Minha boca é um túmulo, Excelência", dizia Espiridião.

Os dois padres resmungavam qualquer coisa como "não há necessidade, Sr. Bispo".

O Bispo, que continuava tamborilando os dedos no braço da cadeira, levantou-se, foi até a janela olhar para a igreja. A tarde corria. Ele ficou andando, dum lado pro outro, no vasto salão, pobremente mobiliado. À noitinha, mandou o Espiridião olhar a rua, para descobrir o horário em que houvesse ali menos transeuntes. E lá se foi ele, o secretário Espiridião, um seminarista gordinho, corado, com ar cansado, o mestre pedreiro e seus auxiliares, estes conduzindo pás e picaretas para a Igreja do Menino Deus. O Espiridião ia muito à frente, levando a lâmpada. O Bispo bem atrás para não chamar a atenção. O seminarista gordinho não conseguiu abrir a pesada porta da Igreja, Espiridião também se embaraçou, e foi o próprio Bispo que, irritado, teve de fazê-lo.

Desmontou-se o altar de madeira, tiraram-se os castiçais, o Evangelho, o Missal, as flores e as toalhas. Mestre Nobre mandou começar os trabalhos. D. Manuel ficou sentado num dos vastos bancos de madeira, no velho gesto de tamborilar os dedos. De quando em vez ia e voltava até a escavação, com o lenço no nariz para evitar a poeira. De repente, mestre Nobre grita:

- "A picareta tiniu, seu Bispo. Deve ser alguma caixa. Achamos"!

Mestre Nobre gritava, eufórico: "Achamos!". O Bispo torcia as mãos, aproximando-se da escavação:

- "Vamos, vamos, pessoal!, cobrava pressa". A escavação prosseguia agora com pás e com as mãos do próprio mestre Nobre, retirando o barro. De repente, surge à tona o velho baú enferrujado !!! O Bispo recomenda cuidado. Mestre Nobre, trêmulo, o levanta e coloca em cima do altar-mor. O próprio Bispo quer abrir o cadeado, que resiste. Com o cabo da colher de pedreiro, mestre Nobre força e abre o baú. Dom Manuel não esconde a emoção, o suor a escorrer-lhe pela testa. E ele vai tirando o tesouro. É um exemplar do primeiro jornal da cidade. Um documento, assinado pelo vigário geral, relativo à inauguração da Igreja. Escapulários, selos da época, livros de oração e alguns vinténs de cobre. O Bispo morde os lábios para disfarçar o despeito ante o tesouro deteriorado pela traça e pela ferrugem e diz:

- "Vamos tampar o buraco, rápido, antes que chegue alguém. E ninguém fala mais nisso sob pena de castigo de Deus".

E meia hora depois, com o mestre Nobre carregando o velho baú, o Bispo se recolhia ao Palácio, desoladíssimo.

Uma semana depois, chegava ao Sobrado do Bispo, o padre Pessoa, velho político conservador, afrontado, com um jornal na mão:

- "D. Manuel, veja mais uma do ateu Etelvino Soares. Veja o que o maçom publicou".

O Bispo, colhido pelo susto, pergunta: "o que foi"?

- "Ora, d. Manuel, ele tenta ridicularizar V. Exa. Revma. E a Igreja".

- "Como, Padre Pessoa? Explique"!

- "Leia o jornal" - responde o padre.

- "D. Manuel, para um cabra desses, desculpe a expressão, Senhor Bispo, só a excomunhão, como me dizia, hoje de tarde, o Dr. Coutinho. O que está sobrando nesta Diocese é paciência. O que está faltando é energia".

- "O senhor contenha suas expressões, padre Pessoa"!, replica o Bispo zangado.

- "D. Manuel, perdoe minha veemência, é que não admito ver Cristo ultrajado na pessoa de seu Pastor. Perdi a calma, me perdoe".

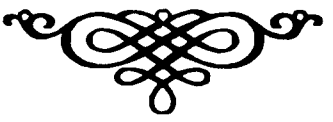
E ambos se debruçam sobre o jornal. Num canto da página interna, lêem:

- "Foi buscar lã e saiu tosquiado. Tá aparecendo visagem na Igreja do Menino Deus. Tem alma do outro mundo desenterrando botija na ganância de juntar dinheiro neste mundo. Não recomendamos que vão se queixar ao Bispo porque é falar de corda em casa de enforcado."

- "Não é uma blasfêmia, senhor Bispo? Um insulto gravíssimo"? - pergunta o padre Pessoa, exaltado.

- "É pecado, mas só isso não dá motivos para excomunhão. Ele não nomeia o Bispo, não o atinge diretamente. Dá o bote e esconde a unha..."

Os Ciúmes do Padre Carneiro



O padre Carneiro acorda no friozinho da madrugada e, por força do hábito, estende a mão para Marieta. Não encontra o corpo desejado. E se lembra de que ela se achava na fazenda da Tobiba. Dói fundo o ciúme. Estava com Arquelau, seu irmão. O padre rola na cama amargurado. Pra que diabo fora solicitar aquele conselho ao padre Misael Arruda? E a dor de cotovelo se torna insuportável. Encontra-se ali sem ela, sem o calor daquele corpo tão amado, sem afagar aquela pele macia, sem acariciar aqueles cabelos negros. Doía-lhe. Afinal, onze anos não são onze dias.

Procurou a caixa de fósforos debaixo da cama para olhar as horas no relógio de algibeira. São quatro horas da madrugada. Tem de celebrar missa, naquela longíngua capela do Junco, que a malícia do Secretário do Bispo, Padre Abílio Marrocos, lhe reservara. E Marieta? A estas horas, pode estar dormindo com Arquelau. A dor se torna tão intensa que, de repente, toma decisão de ir lá. Acende a lâmpada colocada sobre o criado-mudo e se veste. Vai vê-la. Vai conferir se ela ainda lhe é fiel ou se está dormindo com Arquelau. Lava-se depressa, sela o cavalo no quintal e sai em disparada, não sem antes amarrar o chapéu debaixo do queixo. São quatro horas e pouco quando ele fende o negrume da madrugada, rumo a Tobiba.

É preciso dar um jeito na situação. Arquelau tem de sarar logo e ir embora para o Acre, conforme o combinado, sem desfrutar dos "direitos" que Marieta lhe concede. Ante tal pers-

pectiva, ele esporeia o cavalo, com força como se ele tivesse culpa de seus aborrecimentos.

O cavalo do padre, suado, resfolegando alto, boca coberta de espuma, pára à porta da fazenda. Ele vai logo gritando para que acordassem, abrissem a porta.

- "Sou eu, Carneiro" - e estava com tanto ódio que atirou para cima. Há demora.

- "Porra, abro a bala" - e atirou de novo. De repente, assustada, enrolando-se num lençol, sai a comadre.

- "O que é isso, padre? Pára com esses tiros! As crianças acordaram assustadas".

Ele lhe tomou a lamparina da mão e a empurrou no rumo do quarto. Jogou-a na cama e perguntou aos gritos:

- "O que você estava fazendo"?

- "Estava dormindo, seu padre. Havera de estar fazendo outra coisa"?

- "Você está no quarto do Arquelau"?

- "Não".

- "Quer ter um filho louco"?

- "Não padre, não estava. Ele está lá fora. Foi a uma pescaria".

- "Deixe eu ver".

Ele a derruba na cama. Tira-lhe a calcinha, com uma só mão, com violência, rasgando o tecido e despedaçando botões. Pega a lamparina e lhe levanta a saia:

- "Quero ver se não tem resto dele aqui".

Marieta chora baixo e pede:

- "Feche, pelo menos a porta, padre. Olhe os meninos".

- "Que meninos, que nada".

E o padre Carneiro, ainda de chapéu, lamparina à mão, começa a lhe examinar a xoxota, feito um ginecologista, investigando se há resto de esperma do irmão ali. Marieta chora de raiva e humilhação. Logo depois, sorri ao ver, na parede, a sombra do antigo amante, chapéu na cabeça, erguendo-lhe a roupa e investigando-lhe a xoxota.

Padre Carneiro arreganha os lábios da boceta. E percebe, pelo resfolegar de Marieta que está ficando excitada. E entre eles, começa a se animar, medrosa, insegura, tímida, uma gotinha cujo crescimento padre Carneiro acompanha deslumbrado. Não está mais com ciúmes. É de novo o amante, o velho conhecedor daquela anatomia. E quando a gotinha cresce e ameaça desfazer-se, ele a recolhe na boca com um beijo nos lábios da boceta. Aí, num ímpeto, deixa cair no chão a lamparina que esparrama querosene. Levanta a batina e de lá retira o sexo duro, em ponto de bala, e o introduz em Marieta com violência, fazendo ranger a velha cama.

Daquela madrugada de amor e de ódio, vai nascer Abigail, filha de padre Carneiro e de dona Marieta, destinada a uma vida infeliz, bem diferente da vida dos dois outros irmãos, talhados para altos postos na magistratura do Estado e para a felicidade pessoal.

Padre Carneiro nem se despede de Marieta. Logo se compõe e sai, partindo a galope, a tempo de, ainda, celebrar a missa na Igreja do Junco.

Se Arquelau está bom para passar a noite em pescarias, já está em condições de tomar o vapor de volta ao Norte, primeiro Belém, depois ao Acre para montar negócio com o dinheiro que lhe daria. Igualzinho ao que fizera, há trinta anos, na Granja o padre Liberato dos Santos, ele vai pensando pelo caminho.

* * *

Tudo começou numa tarde quente de novembro, quando foi chamado pelo Secretário do Bispo, padre Abílio Marrocos.

No sobrado do Bispo, o Secretário da Diocese, padre Ignácio Montanha, conversa com seu colega, padre Carneiro, que está de pé junto à escrivaninha, muito vermelho, agitado.

- "Padre Carneiro, estamos numa guerra e não podemos ficar expostos ao inimigo".

- "Sim, padre Ignácio, o que o senhor Bispo precisa fazer, o quanto antes, é excomungar o Etelvino".

- "Chegamos lá. Mas não é tão fácil assim. Temos algumas dificuldades a resolver".

- "Dificuldades? Não vejo. É só o senhor escrever a pastoral e levar ao Bispo para assiná-la".

- "Há problemas, padre".

- "Quais"?

- "O senhor, por exemplo".

- "Eu? Por que eu"?

- "O senhor sabe".

- "Padre Ignácio, o senhor pode ser chaleira do Bispo, mas nem o senhor, nem ele têm nada a ver com minha vida. Aliás, ele nem devia estar no lugar em que está, preterindo padres mais velhos, mais santos. Está aí, porque é rico, porque estudou em Roma".

- "Padre Carneiro, não adianta o senhor ficar aí discutindo, porque eu estou aqui e não o senhor. Porque D. Manuel é Bispo e o senhor não é. As coisas são como determinou a Divina Providência".

- "Divina Providência uma ova"!

- "Padre Carneiro, não blasfeme. É exatamente isso o que o Etelvino está fazendo. E o senhor que, para ele, quer a excomunhão".

- "Padre Ignácio, então o Bispo está com medo de *O Combate* e de seus ataques"?

- "Não é bem assim..."

- "Se ele se meter pro meu lado, não quero nem saber. Meto-lhe seis pitombas nos peitos e ele vai fazer jornalismo no inferno".

- "Não, padre. Mas a coisa não se resolve assim".

- "Como"?

- "Temos de casar a comadre".

- "Marieta? Nunca, jamais"!

- "É o que o senhor Bispo quer".

- "E o padre Teixeira? Vai largar a família"?

- "Ele não é mais padre".

- "Como não é mais padre? Por quê"?

- "Não tem paróquia, não ministra sacramentos. Vive enfurnado na sua fazenda de Quatiguaba. Não sai. Não é instrumento de escândalo".

- "E o padre Evangelista, lá de Bela Cruz"?

- "Já atendeu".

- "Vai casar a comadre Luizinha"?

- "Vai, sim".

- "Vai por que ela está velha, um caco".

- "Padre Carneiro, a hora não é de brincadeira. O momento é de seriedade. Não podemos abrir a guarda para os inimigos da Igreja".

- "E que o senhor Bispo quer que eu faça"?

- "Que case a comadre".

- "Isto é absurdo. Não caso".

- "O senhor escolhe".

- "Escolhe, como"?

- "Perde a paróquia e fica suspenso de ordens".

- "Será minha ruína. E os rabelistas? E o Etelvino, de *O Combate*? Os democratas chupam meu sangue".

- "O senhor resolve: ordens são ordens".

O padre pega o chapéu que estava pendurado no armador, sai num repelão e bate a porta com estrondo. O portal estremece com a pancada. Sai cal da parede numa nuvenzinha de pó.

Vermelho, colérico, deixando entrever a bainha da calça de cáqui, apesar da recomendação contrária do Bispo, padre Carneiro reage irritado. Depois de ouvir a sentença do secretário do bispado, sai desesperado, sem rumo. Quer ir para a casa esfriar a cabeça. Depois, toma o rumo da Igreja do Menino Deus. Anda praguejando: - diabo, mil diabos, seiscentos milhões de diabos - chutando pedras, sem responder aos cumprimentos que recebia na rua. Terminou na casa do padre Misael Arruda, na Cruz das Almas. Ali, depois de pedir um copo d'água para esfriar a cabeça e as idéias, desfiou, perante o colega, toda sua tragédia.

Com riso irônico, Misael, bem mais velho, famoso dançarino no passado, ouviu sua história. Por fim, comentou:

- "Padre-mestre, eu e você fomos decretados para padres, iguais aos voluntários de Guerra do Paraguai. Não tivemos escolha. Tínhamos nosso gadinho, nossas caboclas, nossa política. A família precisava de um sacerdote. Tivemos que pagar esse preço. Agora, você está nessa entaladela. Meu tempo de bailaricos, de festas, de moças lá pras bandas do Tamboril acabou. Sou fósforo queimado. Jornal de ontem".

- "Que nada, Misael Arruda, deixe-se de lérias, replicou o outro, doido para ouvir uma solução".

- "Se eu fosse você, casava a comadre".

- "Casar? Você diz isso porque acaba de confessar que é jornal de ontem. Mas eu? Não tenho ainda nem 55 anos".

- "Carneiro, você veio aqui para me pedir um palpite ou para me insultar"?

- "Desculpe, Misael, mas essa faca nos peitos que o senhor Bispo me bota, põe-me louco. É uma pressão absurda. Tudo por causa de um pasquineiro sem- vergonha, de um analfabeto que usa seu jornal para agredir a Igreja".

- "Não, Carneiro, a coisa é bem mais grave. O Bispo não pode excomungar o Etelvino, como querem os conservadores, se o jornal dele, na semana seguinte, passar a publicar o nome das famílias dos padres todos, os podres do clero".

- "Você também se acovardou"?

- "Lá vem você de novo, com desaforos. Esta é uma questão da Igreja e do Partido. Você , com essa sua falta de controle, quer pôr ambos a perder".

- "E você, padre-mestre, o que faria nesse apuro"?

- "Casava a Marieta".

- "É duro, Misael. E os afilhados? Vão ter outro pai"?

- "Deixa de sentimentalismo barato. O que está em jogo é coisa mais importante: a Igreja, que é eterna, e a Política, que é nossa cachaça".

- "É difícil aceitar isso. Outro homem com a comadre" - murmurou.

- "Não, não disse isso. Faz como o Xisto lá em Uburetama, casou a dele pro-forma. Com o sacristão que é maricas. Vive se agarrando com rapazinhos detrás da Igreja. O Xisto vive tranqüilo, dentro da lei".

Padre Carneiro andava dum lado pro outro na sala modesta do padre Misael enquanto a empregada varria o chão, levantando poeira, sem dar a menor bola para o convidado. O dono da casa olhava a cena, também sem lhe emprestar maior importância.

Misael bate na cabeça e diz:

- "Tive uma idéia. É brilhante. Aperte aqui a mão do meco".

Desconfiado, Carneiro lhe estende a mão, molemente, sem maior entusiasmo.

- "O que foi"?

- "Já tenho o marido certo para a comadre".

- "Marido"? – pergunta com voz dolorida, o colega.

- "Uma solução familiar. Garanto um nome para os afilhados e a paz de espírito do padrinho".

Olhando-o ainda mais cheio de cisma. Carneiro pergunta:

- "Que diabo de mistério é este, padre-mestre? Vá desembuchando essa má notícia".

- "Não é má. É a que convém. O homem é o Arquelau".

- "Que Arquelau, homem de Deus"?

- "Seu irmão, padre, ora bolas"!

O padre Carneiro não esconde seu desconsolo:

- "Mas ele não é maricas".

- "Mas é abestado, meio atoleimado".

- "Isso não quer dizer que não goste de mulher".

- "Padre-mestre, arranjo-lhe uma solução doméstica, cristã, e você com-plica. Você pode ser tio de seus filhos e cunhado de sua comadre. Não é uma boa"? E o próprio Misael ria da piada, enquanto o padre Carneiro aumentava sua tristeza.

Ainda temeroso da facilidade com que o padre Misael parecia resolver problema tão grave, padre Carneiro ainda perguntou como se lhe requeresse mais uma garantia.

- "Você acha que não vou me arrepender"?

- "Vai nada".

- "Não haverá o perigo do Arquelau querer levar o sacramento muito a sério"?

- "Que sacramento que nada. Tudo depende de você. De pôr a cabeça a funcionar e afrouxar o cordão da bolsa. As duas coisas não lhe faltam, é só usá-las".

Padre Carneiro reflete um pouco, olhando pela janela para a rua onde o sol estava a pino.

- "Se depender de mim, tenho um pedido para fazer, não ao colega, mas ao irmão".

- "O quê, padre Carneiro"?

- "Você mesmo ia a Belém espairecer, mudar de ares, via uns teatros, se encarregava de casar o Arquelau. Por procuração".

- "É muita coisa num balaio só. Primeiro, vossemecê quer que eu saia dos meus cômodos, pegue um "ita" que vai sacolejando até aquela cidade sombria, arruinando-me o fígado. Lá vou ver mangueira e chuva. Depois, casamento por procuração não é o que o Bispo quer. Quer casamento aqui, os noivos morando na Diocese".

- "E como eu faço"?

- "Trazer o noivo não vai ser difícil, inclusive porque o Arquelau deve estar mal de vida e deve se lembrar da Marieta ainda muito criança. Agora desapojar o bezerro depois que ele tomar gosto no úbere da vaca não é tarefa fácil para seu irmão em Cristo. Vá preparando o espírito da comadre".

- "Por ela, garanto eu", replica padre Carneiro.

Cético, pensativo, de olhos baixos, padre Misael faz uma pausa, depois observa:

- "Padre, entre homem e mulher, sei não. E quando há ainda o sacramento na Igreja e a escritura passada em cartório".

- "Casamento civil? E os bens da comadre"?

- "Padre, você é rico e pode cuidar dos afilhados".

- "Isso aí não está no contrato, padre. Tenho de pensar no futuro dos meninos e você sabe que o Arquelau não regula muito bem".

- "É isso, padre, então vamos mandar buscar o noivo e preparar a psicologia da noiva, a seu favor. O resto, Deus proverá. Servimos à Igreja, que é mestra e mãe, e à Política, que é o nosso cachaça. Tudo sem os teus alvoroços, teus exageros, à base de uma boa conversa. Conversando é que a gente se entende".

O casamento foi oficializado pelo padre Misael. Mas nem tudo correu como o desejado. A volta do noivo, a fim de comprar um seringal no Acre, por exemplo, deu com os burros n'água. Um mês depois, nas véspera de tomar o trem para Camocim, Arquelau caiu com febre braba. Calafrios, dentes batendo, suores, com saldo de maleitas mal curadas. Padre Carneiro ainda tentou desesperadamente a ajuda de seu amigo, Dr. Atualpa Lins, para uma injeção que permitisse o embarque. Uma fórmula. Um elixir. O médico, depois de um exame minucioso, refugou. Não se arriscava, não. Não ia autorizar uma morte. Ser, no futuro, apontado como responsável pela viagem de um moribundo. Por mais que o padre Carneiro lhe implorasse, o médico não se deixou convencer.

O remédio era tratar do doente e impedir o excesso de atenções da comadre. O pior, porém, é que o irmão tinha de ficar na casa dela, sob seus cuidados. Era ela quem lhe enxugava o suor do rosto, lhe dava água, o remédio. Ele proibira, porém, que ela ficasse sozinha no quarto do doente. A empregada Zefinha ficava tomando de conta. Era fiel porque acompanhava o casal desde que eles começaram o namoro e passaram a ter filhos. Não era fácil, porém, manter a paz de espírito na cidade, enquanto os dois estavam na fazenda da Tobiba.

Padre Carneiro não sabia onde botar a cabeça. Jamais enfrentara problema tão grave. O irmão na fazenda da Tobiba, proximidade da cidade, exigindo, porém, sua vigilância permanente para que não quisesse usufruir das regalias de marido. Já não podia cuidar direito das fazendas. De suas questões na Justiça. O pior é que o Bispo lhe dera a capela da Saúde, no Junco, lá onde o Cão perdeu as botas, justamente o ponto diametralmente oposto da fazenda Tobiba. Era uma lon-

ga jornada a cavalo. E engraçada ou desgraçadamente, quando chegava, o doente parecia ficar mais doente, redobravam-se os cuidados da comadre para com ele. A própria Zefinha falava do coitadinho, o olhar úmido de pena, que muito o irritava. A comadre se esquivava dele: - Olhe o doente - alegava - estão vendo! Cuidado com as crianças. Padre Carneiro não agüentava mais.

- "Então, você não quer mais o pai dos seus filhos"?

- "Querer eu quero, como amigo. Agora casei, perante o padre, foi com o Arquelau".

Padre Carneiro endoidou. Começou a falar, a gritar e a ficar vermelho, que é assim é que ela pagava tudo o que ele tinha feito por ela, os sacrifícios da sua vida eclesiástica, podia ter pegado paróquia melhor e o que gastava, procurando dar a ela e aos filhos assistência.

Calada, sentada, fazendo força na bainha da saia, a comadre dizia:

- "Está certo, padre. Deixe lá os inocentes morrerem de fome com o que mãe e o avô deles deixaram. Vendo tudo o que tenho, vou cozinhar, lavar roupas, fazer doce, mas não os abandono".

Padre Carneiro recuou. Afinal, a comadre herdara uma boa fazenda, umas 200 cabeças de gado. Nenhuma dívida. Não era nenhuma milionária. Não estava, porém, à mercê de sua caridade. Apelou para outros argumentos. Que a amava. Arriscaria perder a vida eterna, pegar o fogo do inferno por ela e essa era a paga.

A comadre estava num dia de sorte!

- "Foi boa idéia do padre Misael de dar um pai a seus filhos. Um nome pra mim e evitaria para você uma situação de pecado mortal".

Desesperado, o padre Carneiro monta o cavalo para a cidade. Vai à casa do padre Misael. Não o encontra. Passa em sua casa na Rua da Meruoca. Havia um recado do Bispo, querendo falar com ele. O que seria? Novos ataques do jornalista? Por que D. Manuel, homem tão rico, de família tão importante,

dava tanta importância aos insultos de Etelvino Soares, um tabaréu sem nenhuma importância na cidade, irmão de carroceiro, que diria o jornal de oposição, cheio de erros de português e pecados contra a doutrina na Igreja? Na sua concepção, primeiro se daria um esfregão no jornalista, uma surra sem maior gravidade na beira do rio, onde seria deixado nu, todo marcado de tinta e de cocô. Se isso não resolvesse, um bom processo judicial que lhe tirasse a paciência nas audiências perante os juizes e umas quatro semanas de cadeia, seriam um bom ensino. E, por último, se nada disso oferecesse resultado, cinco balas nos peitos, numa madrugada, quando estivesse deixando o papo ou a mesa de jogo do Hotel da Olimpia, seriam remédio seguro. Ele mesmo via a perspectiva de pessoalmente calar o jornalista, quando percebeu que se encontrava na porta do Palácio do Bispo, um velho sobrado, maltratado, cujas vidraças das janelas estavam quebradas e que atraía muriçocas aos milhares. O Bispo não estava. Tomara o trem para Massapê.

De novo, o desespero tomou conta do padre Carneiro. O que fazer? Para quem apelar? Foi à casa do padre Misael. Ele ainda não chegara. Eram quase 12 horas. Sol a pino. Aí percebeu que fora a Tobiba tomar café e, lá naquele corpo-a-corpo com a comadre, voltara em jejum. Foi para casa. A empregada serviu-lhe um cozido de carne muito ruim. A carne grossa não cozinhara direito. O jerimum de leite não pegara sal. Comida era a da Zefinha e, dela estava privado, enquanto não se livrasse do estafermo do Arquelau. O padre Misael quis fazer um giro, fez um jirau. Livrou-o da pena do jornalista e das exigências do Bispo e o fez perder a mulher e a paz de sua consciência.

Impresso nas Oficinas Gráficas da **Editora ABC FORTALEZA**, no dia 30 de novembro de 1999, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará — Brasil. **Fone: (085) 264-3540.**